



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FAED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



IDCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias Sobre Salim Miguel (Diversas datas) Volume: 11

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou - Elisa Camillo
Coordenação. Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Número	Referências
001	CHAVES, Flávio Loureiro. Cinema e realidade cultural. O Estado de São Paulo . São Paulo, 27 de out. de 1962.
002	HOHLFELD, Antônio. Escritor Salim Miguel anuncia filme de “A ferro e fogo” do nosso Josué. Correio do Povo . Florianópolis, 30 out. 1976. P. 13
003	AMADO em SC. [s.l].
004	JORNALISMO e literatura em debate. Jornal Universitário . Florianópolis. P.4.
005	UM POUCO de ficção. [s.l]
006	LAUS, Harry. Um tesouro desprezado. O Estado . Florianópolis, 08 maio 1991. Cultura, p. 11.
007	GOMES, Osmar. Cineastas de SC ultrapassam barreiras. A Notícia . Florianópolis, 22 maio 1994. Variedades.
008	PIRES, Zeca. Salim Miguel, o voto decisivo. Diário Catarinense . Florianópolis, 15 maio 1994.
009	PANIAGO, Paulo. Recomendo. Jornal de Brasília . Brasília, 08 maio 1994. Livros, p. 3
010	PAREDES, Eduardo. A trajetória do cinema em terras catarinenses. A Notícia . Florianópolis, 30 dez. 1995. Anexo.
011	MASC abre exposição dos modernistas catarinenses. O Estado . Florianópolis, 09 maio 1996. Cultura.
012	GOMES, Osmar. Cinema dependente. A Notícia . Florianópolis, 30 nov, 1996.
013	WOSGRAUS, Juliana. Salim Miguel: um pioneiro do cinema catarinense. Diário Catarinense . Florianópolis, 24 mar. 1996. Revista DC, p. 15.
014	ESCRITORES: “um encontro, não um congresso”. O Estado de São Paulo . São Paulo, 27 out. 1998.
015	DIA do livro: escritores e editores criticam pouco caso. O Estado . Florianópolis, 19 mar. 1996. Cultura, p. 11.
016	PRÊMIO Cruz e Souza repercute nacionalmente. Jornal do Mês . [s.l], nov. 1980. Cultura, p. 14.
017	O PROBLEMA da nossa cultura: falta uma identidade para o catarinense. O Estado . Florianópolis, 24 de ago. 1980. p. 20-21.
018	CATARINENSES vão tomar conta da Praça hoje. Folha da Tarde . Porto Alegre, 11 nov. 1981. Feira do livro.
019	GRUPO idealizou um livro sobre tradições da Praça XV. Correio do Povo . Porto Alegre, 11 nov. 1981. Feira do livro.

020	ESCRITORES 'conservam' em livro velho Chalé da Praça XV, de Porto Alegre. O Globo . Rio de Janeiro, 18 dez. 1982.
021	BRANDALISE, Ivette. De festas e espetáculos. Folha da Tarde . Porto Alegre, 18 dez. 1982.
022	FLECK, Roberto Antunes. Álbum sobre a Praça XV reúne cinco escritores num retrato do Brasil. Correio do Povo . Porto Alegre, 17 dez. 1982. Literatura, p. 15.
023	O CHALÉ da Praça XV tem lançamento a tarde no lugar que o inspirou. Correio do Povo . Porto Alegre. 15 dez. 1982. p. 15.
024	O CHALÉ da Praça XV. Zero Hora . Porto Alegre, 15 dez. 1982. Segundo caderno, p. 2.
025	ÁLBUM em homenagem à Praça e seu chalé. Folha da Tarde . Porto Alegre, 15 dez. 1982. Reportagem, p. 30 e 31.
026	FELÍCIO, Brasigóis. Prêmio Cruz e Souza dará um milhão ao melhor romance. O Popular . Goiânia, 06 jun. 1982. Caderno 2, p. 39.
027	SANTA Catarina premia o melhor romance brasileiro. Correio Braziliense . Brasília, 4 jun. 1982.
028	SCHULKE, Evelyn. Porque o conto seduz escritores e leitores? Jornal de Santa Catarina . Blumenau, 29 ago. 1982.
029	FLECK, Roberto Antunes. Álbum sobre a Praça XV reúne cinco escritores num retrato do Brasil. [s.l.] , 17 dez. 1982.
030	PRÊMIO Cruz e Souza será de Cr\$ 1 milhão. Minas Gerais, 06 jun. 1985.
031	BRUGGEMANN, Flávio. Cinema catarinense em livro. O Estado . Florianópolis, 20 ago. 1987.
032	SANDRONI, Carlos. Dois em um. Jornal do Brasil . São Paulo, 16 abr. 1988. P. 8.
033	SCHIMITZ, Paulo Clóvis. Salim resgata o clima do Grupo Sul. O Estado . Florianópolis, 03 abr. 1988. Caderno 2, p. 4.
034	DALGASTAGNE, Regina. Salim Miguel retrata sua geração. Diário Catarinense . Florianópolis, 15 mar. 1988. Variedades.
035	SALIM Miguel e Godofredo de Oliveira Neto na disputa do Portugal Telecom. Diário Catarinense . Florianópolis, 22 de maio de 2009. Variedades, p. 7
036	O RESGATE dos poetas anônimos. Correio Brasiliense . Brasília, 05 jun. 1988, p. 3

037	MOREIRA, Carlos André. Salim Miguel em contos e romance. Zero Hora. Porto Alegre, 05 de jun. de 2007. Segundo caderno, p. 7.
038	POHLMANN, Tânia Gabrielli. Estrangeiros onde? Disponível em: http://protexto.com.br/texto.php?cod_texto=289 . Acesso em: 28 jun. 2016.
039	OLIVEIRA, Iara. Lílana Heker e Salim Miguel: de personagens da ficção a personagens da crítica. In: OLIVEIRA, Iara. Ditadura e romance : vozes submersas de uma história sem fim. 2004. Tese de Doutorado em Literatura - UFSC, Florianópolis 2004.
040	SALIM Miguel e o jogo de Sezefredo das Neves. Diário Catarinense, Florianópolis, 15 de dez. de 2005. Chamada da Capa
041	TV BRASIL. Sem Censura: Criveca. Perguntas feitas para Salim Miguel quando de sua participação no Programa Se, Censura.
042	CARTÕES para Salim Miguel de Fábio Lucas, Arnaldo Niskier e outro não identificado
043	Folder do evento Café Literário – SESC/SENAC. Fortaleza, 19 a 27 de agosto de [2006]. Folder da VII Bienal Internacional do Livro do Ceará
044	ESCRITA de Salim Miguel: 40 anos. Jornal de Santa Catarina. Florianópolis, 10 e 11 de nov., [19--]
045	CAVALCANTE, Valdemar. Nova antologia: paisagens, tipos e cenas do Paraná e Santa Catarina. O Jornal Literário, [s.l. , 19--]
046	SALIM Miguel. Texto da apostila Barriga verde. [19--]
047	CONDÉ, José. Contistas em congresso. [19--]
048	ESCRITORES modernos brasileiros. [19--]
049	HONORÁRIO. O Estado. Florianópolis. Informação Geral.
050	APOSTILA Curso Barddal. Literatura
051	SILVA, Deonísio da. Literatura: para provocar discussões. [19--]
052	AVISO aos escritores mineiros. [19--]

053	BORDINI, Maria da Glória. Assim escrevem alguns catarinenses. [19-- 1]
-----	---

CINEMA

Cinema e realidade cultural

FLAVIO LOUREIRO CHAVES

A "Semana do Cinema Novo Brasileiro", que se desenvolveu em Florianópolis durante a primeira semana de setembro, constituiu-se em realização de fundamental importância não só para que se pudesse, através do que foi discutido e apresentado, concluir sobre a atual situação do cinema nacional, mas também sobre todo o estágio cultural que estamos atravessando e do qual o cinema novo é reflexo e expressão fiel.

A mediocridade intelectual, a ausência de prestígio, o aventureirismo demagógico do cinema brasileiro parecem chegados a seu fim.

Até agora haviam duas tendências perfeitamente delineadas. De um lado a chanchada, forma alienada e alienadora de cinema. Seus personagens, embora no mais das vezes fossem figuras genuinamente oriundas do popular, e por isso mesmo a chanchada conseguiu o estabelecimento de uma comunicabilidade com o grande público, moviam-se de forma, picaresca num meio falso e inautêntico. Dava-se a antinomia alienadora: a apresentação do homem do povo, o tipo da massa, agindo num meio e por entre problemas que não eram os do povo, dentro de um esquema de artificialidades carnavalescas e situações cômicas pré-fabricadas. A comichade por vezes poderia ser boa em si, mas era inautêntica em seu conteúdo, era falseada, e portanto era forma demagógica e inaceitável. Esta a primeira tendência, que não podia constar num balanço do que houvesse de positivo no cinema brasileiro. A segunda tendência manifesta-se em um pseudocinema sério, oriundo principalmente de São Paulo, e consubstanciado nas tentativas de Valter Hugo Khouri, Rubem Biáfora, Lima Barreto. Com exceção de "O Cangaceiro", deste último, constituiu-se em frustração de uma tentativa. Desta tentativa já não discutimos tanto as intenções, nas quais somos levados a acreditar em princípio (apesar dos grandes defeitos, "O Grande Momento" de Roberto Santos parecia sugerir algo), mas sim seus resultados oriundos de uma fórmula errada através da qual se materializaram os objetivos teorizados preliminarmente. Os objetivos podem ser sintetizados com facilidade (embora esta síntese traga em si o perigo de todo o esquematismo): reação à chanchada, desejo de um cinema sério partindo de temas sérios. Entretanto a tentativa desembocou numa gigantesca alienação, pois com exceção de Lima Barreto, em "O Cangaceiro", partiram os cineastas da premissa de que os filmes brasileiros deveriam procurar os temas universais, e saiu-se à procura de uma temática européia, procedeu-se a uma cópia de Bergman ou à produção de filmes em esquemas hollywoodianos. Ficou esquecido o pressuposto indispensável de que a arte só é arte na medida em que sendo autêntica, isto é, respondendo a determinadas exigências do momento histórico e das condições sociais de um povo captadas pelo artista, extrai o universal do particular.

Foi portanto uma alienação e uma loucura aplicar ao cinema brasileiro formulas que serviram ao cinema europeu para a formulação artística do problema da nebulosa Suécia ou da Itália de após-guerra, ou então empreender a produção de filmes de espírito ridículo-turístico em regime hollywoodiano ou de co-produções exóticas. Estes filmes que se denominavam sérios em realidade fracassaram porque eram desligados social e culturalmente de nossa realidade.

Em tudo isso ainda a agravante do problema econômico: desamparo por parte dos poderes públicos, desinteresse de organizações econômicas que agem no campo da produção, distribuição, e exibição, em que não haja um cinema nacional de qualidade que viria fatalmente em detrimento do mercado do filme estrangeiro e da co-produção.

Sintetizemos: o que temos por trás é o monumental fracasso de uma geração que abriu mão da luta pela criação autêntica e agiu errado, legando-nos apenas o descredito de uma falência, e da qual restaram apenas tentativas esporádicas como "O Cangaceiro", "O Grande Momento", e a já longínqua obra de Cavalcanti na boicotada experiência da Vera Cruz.

Mas parece que já agora pouco interessa a discussão deste fenômeno e as obras que tenha originado. O que interessa e em realidade deve interessar aos intelectuais de todas as tendências, aos que retêm o poder econômico, o que deve preocupar os destruidores de boas intenções e aos artesãos improvisados que pulam nas manifestações das duas tendências que vemos de discriminar, é o registro da nova mentalidade que vem de surgir em nosso cinema. Em princípio uma idéia, que já agora torna-se realidade, explosão de jovens autores que revolucionam o campo das idéias e da produção cinematográfica. Movimento do "cinema novo", que nesta sua infância encontrou em Paulo Cesar Sarraceni e Glauber Rocha seus valores mais expressivos. Surgem de varios pontos do País jovens cuja preocupação é a situação política, econômica e cultural do Brasil a ser expressa poderosamente através do cinema. No Rio de Janeiro, Paulo Cesar Sarraceni, Mario

Carneiro, Joaquim Pedro de Andrade e toda a turma do "Cinco Vezes Favela"; na Bahia a equipe de Glauber Rocha, Rex Schindler, Roberto Pires, com "Barravento" e "A Grande Feira"; na Paraíba Linduarte Noronha com o notável "Aruanda" e seguido de "Cajueiro Nordestino". Todos formam um grupo que adquire força e expressão. Sem propugnar com um rompimento radical com o passado, e bem ao contrario procurando assimilar e aproveitar o que havia de positivo nas experiências de um Trigueirinho Neto ou Roberto Santos.

Embora as obras que tivemos oportunidade de assistir possam ser radicalmente diferentes quanto a posições éticas ou estéticas, e mesmo quanto a problemática proposta, pareceu-nos que já se pode falar em movimento ou corrente do cinema novo.

Já por sua propria natureza o cinema novo não pode ser definido friamente, pode-se apenas falar sobre o fenômeno tentando uma caracterização em suas linhas gerais. Parece ser fundamentalmente uma disposição de luta e de superação do subdesenvolvimento. Por paradoxal que seja, a limitação econômica aparece aqui como um fator até certo ponto positivo nesta fase de nascença do movimento, pois a falta de recursos obrigou os jovens cineastas a fazerem suas produções em regime independente, a baixo custo, e portanto produções em seu conteúdo descompromissadas de qualquer grupo econômico. Em primeiro lugar o movimento, partindo de que o fundamental é a situação do homem brasileiro e que portanto o que se quer expressar tem por base uma temática social, coloca-se como reação contra a chanchada e os pseudo filmes sérios de cartão turístico ou temática alienada à la Walter Hugo Khouri. E' pois revolução e tentativa de subjugar o subdesenvolvimento. Procede-se à situação do homem em seu verdadeiro meio social e sofrendo os problemas reais e específicos deste meio. A partir daí, temos então a tomada de posição frente aos problemas, o engajamento, que é ao mesmo tempo compromisso com o humano e aceitação de responsabilidades, e por isso mesmo sincera afirmação de liberdade. Dos filmes do movimento, que tivemos oportunidade de assistir, todos apresentaram concepções diferentes entre si quanto a forma de proposição dos temas e quanto a formulação estética dos mesmos. Daí a conclusão, que se definitiva após uma análise paralela de "Arraial do Cabo" e "Cinco Vezes Favela" (para citar apenas um exemplo), de que aquilo que se convencionou chamar cinema novo, não é algo definível sinteticamente, a priori, não é um conjunto de obras estruturadas segundo um esquema comum e pré-estabelecido (como o eram as outras experiências anteriores), mas sim uma disposição revolucionária para uma nova formulação da problemática do homem brasileiro no campo cinematográfico. Desta vez, uma tentativa que está sendo feita com amor e humildade, com fé e coragem, com consciência de fracassos anteriores e da situação atual.

Com o que foi visto e discutido na Semana de Florianópolis não nos restou duvidas de que o movimento não surge como um acaso ou como um surto passageiro; ele é em realidade a primeira fase adulta do cinema brasileiro. Ele é o reflexo, no campo artístico, do processo de consciencialização por que atravessa o Brasil em sua fase pré-revolucionária, e se nós apresentamos então como elemento dinâmico do comportamento geral da sociedade brasileira, da revitalização de sua cultura. Neste sentido, é então um cinema com a autenticidade do verdadeiramente popular. E se acontece em tais condições só pode ser um cinema de tese, polemico, e engajado ideologicamente. A ideologia é uma forma de manifestação da realidade. Na superestrutura das sociedades é que residem as ideologias: aquilo que representa a base desta sociedade determinada pela situação das relações sociais. Ora, a cultura brasileira, em seu atual estágio, é uma cultura ideológica; caracteriza-se ela pelo conflito dialético de mundividências antagonicas que se chocam no campo social com o objetivo de estabelecerem-se como realidade filosófica, política e social. Neste panorama, o aparecimento de um cinema honesto, é o aparecimento de um cinema comprometido que se revele através de uma consciência crítica do fato social e dos problemas humanos nele implicados. Pois foi exatamente isto que constatamos nos casos respectivos de "Arraial do Cabo", "Aruanda", "Cinco Vezes Favela", e "A Grande Feira". Não interessa evidentemente apontar soluções, a questão que se propõe é a apresentação do fato real através de seu constatamento crítico, e a partir daí uma tomada de posição. Não queremos significar compromissos com esta ou aquela tendência; o unico compromisso do cinema novo deve ser com o povo, com a realidade brasileira, na medida em que se consubstanciar como elemento de força no processo revolucionário cultural.

Neste panorama, o cinema novo se nos apresentou ainda como um cinema de pesquisa, de ampla liberdade no campo estético, uma vez que a forma é colocada em situação de funcionalidade absoluta quanto ao conteúdo que se quer expressar. Neste particular perdurará a autenticidade



A Companhia Nydia Licia apresentará hoje à noite, no Teatro Bela Vista, a comédia "Meu marido & você", de Roger Ferdinand. A propósito, Nydia Licia escreveu para o programa as seguintes palavras:

"A peça que vai estrear hoje no Teatro Bela Vista é uma comédia leve, agradável, construída com uma carpintaria teatral tipicamente francesa. Com essa malícia sutil que os franceses tão bem sabem dosar e que há tantos anos eles, melhor do que ninguém, escrevem e representam.

"Meu Marido & Você" é de autoria de Roger Ferdinand, autor quase desconhecido no Brasil. Ele apresenta o clássico "triângulo amoroso", mas encontra uma solução inteiramente original e inesperada. Poucas mulheres teriam coragem de fazer o que Henriette, a esposa enganada, resolve fazer, arriscando tudo, toa a sua vida conjugal, seu lar e seu marido".

Tomam parte no espetáculo Nydia Licia, Liana Duval, Alceu Nunes, Souza Lima, Marina Freire, Altair Lima e Sergio Dantas. Direção de Nydia Licia, que aparece ao alto numa cena da peça, e cenário de Campelo Neto.

enquanto permanecer o espírito de pesquisa funcional demonstrado por Joaquim Pedro, por Linduarte, por Carneiro e Sarraceni. Por ser um cinema autêntico, não pôde ser influenciado por determinadas correntes estéticas alienígenas (não foi este o erro fundamental do pseudo cinema sério que caracterizamos inicialmente?); e, ainda por isto mesmo, tudo o que for feito neste campo da forma de expressão estética é válido uma vez que conduza, não interessa por que caminhos, ao tratamento crítico da problemática do homem brasileiro. Veja-se logo, e apenas para citar um exemplo, a fundamental diferenciação estilística que predomina entre "Couro de Gato" de Joaquim Pedro e "Pedreira de São Diogo" de Leon Hirzhan, ambos antagonicos quanto a concepções estéticas e episódios de um mesmo filme, "Cinco Vezes Favela". E, no entretanto, ambos atingem satisfatoriamente seus objetivos, e harmonizam-se na estrutura geral do filme.

A consciencialização de um povo frente a seus problemas surge gradativamente refletindo-se em todos os setores de sua vida. Para nós ela já começou a surgir no campo político-social, desde alguns anos, com as conquistas de afirmação nacional. Manifestou-se no campo artístico com a vitalidade renovadora do teatro de Gianfrancesco Guarneri, Flavio Migliaccio, e com a linha de orientação de Flavio Rangel e do Teatro Brasileiro de Comédia. E' chegada a vez do cinema. "Arraial do Cabo" pareceu-nos um imenso caminho aberto; "A Grande Feira", "Cinco Vezes Favela", e a explosão do cinema de Linduarte Noronha trouxeram-nos a confirmação categorica de que não nos encontramos mais no campo das enunciações teóricas, mas frente a uma situação de fato, situação de consciência e de luta do cinema nacional. A "Semana do Cinema Novo de Florianópolis", com seu espírito de iniciativa oficial de um governo, foi clara e sintomática em suas causas e significado. Talvez uma primeira manifestação efetiva de que os poderes públicos tomam conhecimento de um cinema verdadeiramente brasileiro, talvez uma esperança de que a ele dispensem apoio com a aprovação e efetiva execução dos projetos elaborados no Grupo Executivo da Industria Cinematografica.

O cinema novo ai está, com as imperfeições técnicas de "A Grande Feira", com a insegurança formal de Carlos Diegues no seu episódio de "Cinco Vezes Favela", com a estrutura excessivamente rudimentar deste mesmo filme em seu conjunto, com os defeitos de Linduarte Noronha oriundos de uma produção a baixo custo e desamparada; mas com honestidade, anunciando a evolução de "Barravento" e "O Pagados de Promessa", materializando com heroísmo aquilo que ainda em Florianópolis nos dizia Paulo Cesar Sarraceni: "Cinema novo é amor, é moral, é crença nunca arte que se tornou adulta, que abandonou de uma vez por todas seus complexos, querendo ser pura, querendo ter uma especifica linguagem. E' o cinema do cineasta independente e livre, que sai na rua com a camera na mão, á procura do homem e de seus caminhos".



Salim Miguel, contista, jornalista, crítico e homem de cinema, também participando do Projeto Cultura Literária

Escritor Salim Miguel anuncia filme de "A Ferro e Fogo" do nosso Josué

"Pensávamos que logo-logo teríamos de começar a repetir os autores publicados, mas hoje em dia temos tanto material, que daria para publicar-se ainda oito números da revista sem qualquer problema". É assim que o jornalista, escritor e agora também roteirista cinematográfico Salim Miguel, natural de Santa Catarina, começa a falar sobre si mesmo e sua obra, referindo-se primeiramente à revista "Ficção", que com Cícero Sandroni e outros, ele edita no Rio de Janeiro:

"Além do mais, conseguimos fazer com que muita gente que não escrevia mais, voltasse a fazê-lo; é o caso de Joel Silveira, do Renard Perez ou do Samuel Rawett, que andavam desaparecidos".

CRÍTICO FRUSTRADO

Salim Miguel tem um livro de contos editado em Porto Alegre, "O Primeiro Gosto", e participa com um conto da antologia de contos catarinenses da Alfa-Omega, "Assim Escrevem os Catarinenses", que será lançada ainda no decorrer da atual, na Praça da Alfândega: "Mas no fundo, o que eu sou mesmo é um crítico e ensaísta frustrado. E o contrário dos outros, que, em geral são escritores frustrados e viram críticos. Eu tenho inclusive alguns textos de ensaios, mas nunca os divulguei; já fiz coluna de crítica, mas de crítica mesmo. No fundo, porém, o outro lado da questão é que a gente vai acumulando experiência de vida: a minha vida foi muito diversa, e então, quando a literatura, o texto de ficção começa a acontecer, você começa a se referir a estas coisas que viveu ou as coisas vividas por pessoas próximas a você. No caso de um livro que tenho, surge uma personagem dos anos 50, que conheci, Tio Adão: é o livro que preparo agora. O personagem está sempre distribuído em todos os contos, e a unidade da obra surge na medida em que ou o ambiente ou algum personagem sempre está a ressurgir ou reaparecer aqui e ali em algum conto. Trata-se de uma trama mais extensa, portanto, com bons resultados, em 10 histórias. Além disso há um romance incruado há quatro anos, que já anda pela quinta versão sem coragem de acabar. O problema principal da gente é tempo, e então, vai-se deixando as coisas para mais tarde... Eu sempre fui um devorador de livro, mas assim, muito dispersivo. Agora, com a edição de "ficção", tenho tido a alegria de empilhar livros em prateleiras, de tanto que chegam, mas daí também falta tempo para lê-los todos. Enfim..."

UM LIVRO

"O Primeiro Gosto" foi um livro a partir de um verso de Camões, conta o escritor. Mais necessidade de voltar à ficção que qualquer outra coisa, Salim reuniu narrativas escritas ao longo dos anos, as quais tratou de trabalhar para alcançar uma unidade de estilo e tratamento nas situações enfocadas: "É o conto de recreação, do uso da memória, muito à la Tchecov, digamos, em que me refiro a Biguaçu, minha cidade natal, a alguns quilômetros de Florianópolis. Mas reconheço também que existe forte influência de Hemingway, em contos como "Sem Rumo", por exemplo, em que trabalho toda a

trama apenas através do diálogo sem imersão na ação. Para mim, este livro foi importante: o conto "Rioha", por exemplo, significou uma quase reportagem detalhada sobre a minha infância e adolescência, porque eu gostava muito de ir assistir a este espetáculo. Há, depois, um conto de quase ficção científica, "Vírus", e um em que eu mostro a briga com a palavra: ao longo de muitos anos, havia na minha cabeça a figura de um homem com um cão, Perereca, e eu tentei muito escrever algo sobre ele, mas não consegui. Então, para botar para fora de uma vez por todas aquela idéia, tratei de realizar um conto em que expressava exatamente isto, esta fantasia sempre impossibilitada. Chama-se "Os Nossos Iguais".

JORNALISMO

Para Salim, literatura é sobretudo sugestão, algo instigante, que faça o leitor não ficar indiferente, que ele reaja, mesmo que seja para jogar o livro fora. Além destes livros, o contista tem muitas peças publicadas por aí, em revistas, mas, na verdade, ele sempre foi o jornalista, "já que consegui o milagre de ser jornalista profissional em Santa Catarina, durante muito tempo. Depois, não deu mesmo, e então saí, fui para o Rio, entrei para diversos jornais, hoje trabalho na "Manchete" e na Agência Nacional: ao mesmo tempo em que sinto que há uma interligação entre o jornal e a literatura, na medida em que alcanço uma visão mais ampla da realidade, a pressa constante que vivemos neste jornalismo evidentemente prejudica o texto, e, se o sujeito não sabe se disciplinar, acaba prejudicando a obra literária que não pode ser feita apressadamente. Outro fato importante é que como o jornalismo no Brasil é mal pago, com raras exceções, você tem que ter mais de um emprego. Ora, se a gente passa o dia escrevendo para os outros, como é que vai chegar em casa para ainda cuidar de sua literatura?"

O CINEMA

Salim Miguel já fez roteiro, direção e argumento de alguns filmes, a partir de curta-metragens e depois uma aventura que ele mesmo reconhece como louca, em Santa Catarina, com um longa-metragem:

"O Preço da Ilusão" era o nome do filme, e foi uma ilusão mesmo, isso lá em 1957. Um filme todo louco. Em vez de pegarmos uma história simples e viável, nós, que não tínhamos dinheiro, nem prática nem nada, partimos para um roteiro tripartido em três histórias paralelas, que se passava numa cidade de interior: um concurso de Miss,

os garotos que buscam o dinheiro para um livro de ouro — e um jovem desenraizado na cidade, que aí tinha de sobreviver. A ligação era feita por palavras, imagens, memória, e só no final as histórias se encontravam. Foi um desastre financeiro e de crítica. Mas o vício ficou. Há três anos, no Rio, comecei de novo com alguns amigos, fizemos "A Cartomante", baseado em Machado de Assis: uma tentativa de ampliação do conto, mediante a narrativa dupla, na época de Machado e no dia de hoje, como pesquisa de linguagem. O filme foi bem de crítica, mas foi mal de bilheteria. Agora, terminamos e já lançamos "Fogo Morto", com direção de Marcos Farias. O filme representou o Brasil em Berlim. A nós interessa muito mais é o público, porque você só sabe se um filme vingou depois que o sujeito que paga o bilhete na bilheteria gostou ou não. Trabalhamos com Othon Bastos e outros grandes intérpretes, o filme agradou tanto a convidados especiais, gente de cinema, jornalistas, escritores, como ao público em geral, em duas sessões a que convidamos contistas de redação, secretárias e gente bem popular, para testarmos o trabalho, como se faz nos Estados Unidos também. Tenho muita esperança de que, enfim, teremos sucesso de público e de crítica."

FILMAR JOSUÉ

Mas Salim tem uma surpresa excelente para o final do encontro: "Nos temos os direitos de opção do Josué Guimarães para a filmagem, em superprodução e co-produção, com a Alemanha, do primeiro volume de "A Ferro e Fogo". Fizemos isso desde que ele foi para Portugal, Agora em Berlim, Marcos retomou os contatos com os alemães, estabelecidos no Brasil junto à Embrafilme. E estamos esperando só o Josué voltar, para contactarmos com ele e acertarmos definitivamente tudo. Já sabemos que "Os Mückers" também vai ser filmado aqui pelos alemães, e pensamos tanto em usar atores alemães também, para dar maior comercialização ao trabalho, como termos um filme bilingüe, com legendas, o que ampliaria a nossa possibilidade de circulação no mercado."

Salim explica que a preocupação dele e de sua equipe, que inclui entre outros o excelente fotógrafo Renato Neumann, autor de diversos curtas-metragens, é não ganhar dinheiro de governo para filmar, mas sim incluir os órgãos oficiais como co-produtores do filme: assim, nem se fica devendo nada, nem se ganha sozinho, e os lucros, os governos poderiam aplicar em fundos rotativos para novas produções, caso o dinheiro fosse transformado em lucro. — Antônio Hohlfeldt

Amado em SC

O escritor James Amado, irmão de Jorge Amado, desfruta de uma curta temporada de férias em Imbituba, onde seu filho trabalha há vários anos. Autor do livro “Chamado do Mar” e organizador da edição das poesias de Gregório de Matos, em dois volumes, James Amado retorna à Bahia na próxima semana, mas antes não quer deixar de escapar a chance de conhecer melhor Florianópolis. Para isso, já ligou para seu amigo Salim Miguel, que veraneia em Cachoeira do Bom Jesus.

Jornalismo e literatura em debate

A Coordenadoria do Curso de Jornalismo da UFSC, a Secretaria de Comunicação Social do Governo Estadual e a Assembléia Legislativa promoveram, nos dias 8 e 22 de junho, sessões de debates sobre Jornalismo e Literatura, congregando jornalistas e escritores de outros Estados e de Santa Catarina. A primeira etapa contou com a participação dos jornalistas Hélio Pólvora e Salim Miguel e dos escritores Guido Wilmar Sassi e Flávio José Cardozo. Depois dos debates, os quatro autores compareceram à Assembléia Legislativa para autografarem suas últimas obras: "Noites Vivas", de Hélio Pólvora; "A Morte do Tenente e outras Morte", de

Salim Miguel; "São Miguel", de Guido W. Sassi; e "Zélica e outros", de Flávio José Cardozo.

A segunda sessão realizou-se no auditório da Reitoria, integrando a mesa o jornalista Fausto Cunha e o professor Celestino Sachet. À noite, no Palácio Barriga Verde, Fausto Cunha lançou "A Leitura Aberta", enquanto Holdemar Menezes, que esteve impedido de comparecer aos debates, autografou "A Sonda Uretral" e Nereu Correa lançou "A Tapeçaria Linguística d'Os Sertões e outros ensaios". Autoridades, escritores, professores, jornalistas e estudantes compareceram a ambos os lançamentos conjuntos.

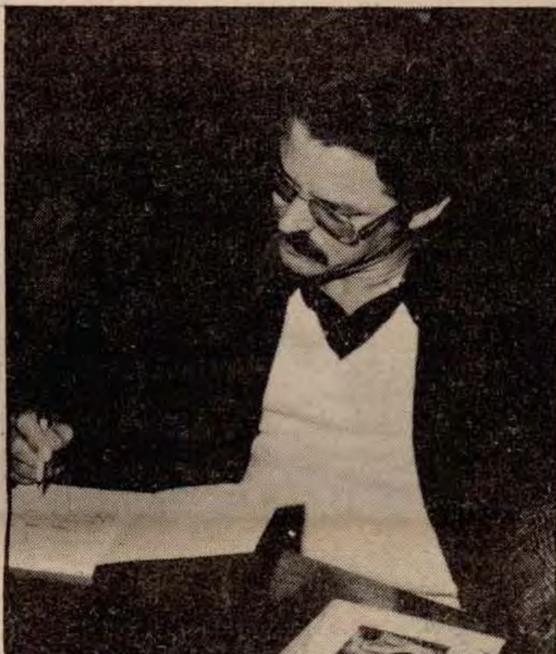


Hélio Pólvora

Hélio Pólvora é Baiano. Jornalista profissional desde 1951. Já trabalhou em quase todos os jornais cariocas, como redator e editor. Foi coordenador do noticiário político do *Jornal do Brasil*, editor da primeira e última páginas do *Correio da Manhã*, chefe do Copy-Desk do *Diário Carioca* e editorialista, durante sete anos, do *Jornal do Brasil*, onde também assinou por muitos anos uma coluna semanal de crítica literária.

Como crítico de literatura, foi colaborador de *Veja*, durante dois anos, e, em data recente, do *Correio Brasiliense*.

Estreou na ficção em 1958, com *Os Galos da Aurora*, volume de histórias curtas a que se seguiram *A Mulher na Janela*, *Estranhos e Assustados* e *Noites Vivas*. Um novo livro seu, também de histórias curtas, sairá este ano pela Editora Cultura, de São Paulo. Hélio Pólvora é consultor literário das *Edições Antares*, do Rio de Janeiro.

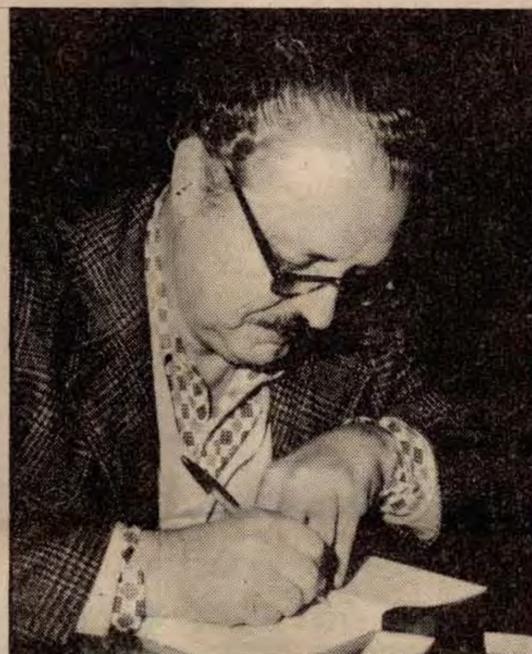


Flávio José Cardozo

Flávio José Cardozo é natural de Lauro Müller; fez estudos em Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre. Em Porto Alegre, trabalhou como secretário editorial da Editora Globo. Voltando a residir em Florianópolis é

diretor da Imprensa Oficial do Estado. Sua temática é predominantemente a ilha de Santa Catarina, sua gente, hábitos e costumes. Em 1968 teve três de seus contos premiados no concurso de contos do Paraná. Em 1969 voltou a ser premiado pela Academia Catarinense de Letras, no concurso nacional de contos. E em 1977 recebeu o terceiro prêmio no concurso Remington de Prosa. Além de numerosos contos em jornais, revistas e antologias, Flávio José Cardozo tem publicados

Singradura e *Zélica* e outros. Para a Editora Globo traduziu *O Aleph* e *História Universal da Infância*, ambos de Jorge Luís Borges.



Salim Miguel

Salim Miguel criou-se no interior de Santa Catarina, em zonas de colonização alemã e açoriana. Líbano-biguaçuense, auto-didata, começou a escrever cedo. Em 1944 muda-se para Florianópolis, onde com outros jovens cria o movimento que ficou conhecido como Grupo Sul (revista, editora, grupo teatral, clube de cinema, produtora cinematográfica, etc.) É jornalista profissional, tendo trabalhado ou colaborado em quase todos os jornais de Santa Catarina e muitos outros do país. Apaixonado por cinema, fez com sua mulher Eglê Malheiros, argumento e roteiro do primeiro longa metragem catarinense, tendo posteriormente adaptado, com Eglê Malheiros e Marcos Farias, *A cartomante*, conto de Machado de Assis, e *Fogo Morto*, romance de José Lins do Rego, para o cinema. Seus livros são quase todos centrados no município de Biguaçu. Publicou os livros de contos *Velhice*, *Alguma Gente*, *O primeiro gosto*, *A morte do tenente* e outras mortes e o romance *Rede*.



Guido Wilmar Sassi

Guido Wilmar Sassi é catarinense de Lages. Descendente de alemães e italianos, passou infância e juventude em Campos Novos. De sua convivência com a gente dessas cidades colheu grande parte do material de suas histórias. Autodidata, teve seu primeiro conto publicado na revista do Globo, de Porto Alegre, em 1949. Integrou-se, logo a seguir, ao Grupo Sul, de Florianópolis, movimento que reuniu jovens que buscavam algo novo no campo das letras e das artes. Pelas *Edições Sul* saíram seus dois primeiros livros de contos: *Piá* e *Amigo Velho*, este tendo conquistado o Prêmio Artur Azevedo do INL em 1957. A seguir incurcionou pela ficção científica, publicando o volume de contos *Testemunha do Tempo*. Com *São Miguel*, publicado em 1962, conquista o prêmio Boa Leitura para romance inédito. A seguir lança *Geração do Deserto*, sobre as lutas do Contestado, que foi transformado em filme por Sílvio Bach. Escreveu muitos contos policiais e tem trabalhos publicados em numerosas antologias.

Um pouco de

Integrante de ARS-ARTIS/VERÃO 77, está sendo lançado o número 13 de FICÇÃO, revista mensal de contos editada por um grupo de escritores e jornalistas no Rio de Janeiro. Como de hábito, estão presentes em Ficção autores de Santa Catarina – desta vez Ricardo Hoffmann e Marcos Konder Reis. Neste seu primeiro ano de vida, FICÇÃO publicou cerca de 200 autores, quase todos brasileiros, além de colocar no mercado editorial do país mais de cem mil exemplares, demonstrando que este mercado existe, ainda que potencial. Salim Miguel, escritor florianopolitano e um dos editores da revista, escreve sobre FICÇÃO:



Em sua primeira conversa com o leitor, ao ser lançada em janeiro de 1976, FICÇÃO, revista mensal de "histórias para o prazer da leitura", avisava que não se prenderia a escolas, estilos ou grupos literários. E acrescentava: "o autor nacional, que está fazendo a ficção dos tempos atuais, escrevendo no idioma de hoje, será reservado o maior espaço da revista. Mas aqui também estarão presentes os bons escritores estrangeiros e os ficcionistas do passado".

Apenas um ano depois, pode-se afirmar sem medo de erro que a revista cumpriu o prometido. Em 12 números, aparecidos regularmente ao final de cada primeira quinzena do mês, foram publicados cerca de 200 autores. Mais de 100 mil exemplares foram comercializados. Em distribuição nas bancas ou em algumas livrarias, Ficção atingiu todos os estados do país. Começa a ser adotada como texto de aula em algumas universidades. Lançou novos escritores, incentivando outros que por vários motivos haviam deixado de escrever ou publicar. Através de seu concurso permanente de contos surgiram novos valores, já tendo sido revelado mais de uma dezena de nomes.

Em suas diversas rubricas – Contos Inéditos, Lançamento, Conto Estrangeiro, Conto Policial, Ficção Científica, Antologia, Concurso Permanente de Contos, etc – a revista publica uma média de 15 histórias por número. Dá ênfase especial ao autor brasileiro de hoje, que mostra a nossa realidade e a nossa gente, mas sem esquecer os autores estrangeiros. Na rubrica "Antologia" publica, em cada número, um conto de autor brasileiro e um de autor estrangeiro do que de mais significado se escreveu no passado no campo da história curta. Além disto, Ficção publica resenhas de livros, depoimentos e entrevistas com escritores, noticiário sobre o movimento cultural e cartuns ligados ao tema literário.

Como surgiu. A história do aparecimento da revista, em sua primeira fase, se conta em poucas linhas. Editada em 1965 por Cícero Sandroni, teve muito boa receptividade de público. Em seus dois únicos números divulgou cerca de 30 autores. Esses dois números marcaram época no periodismo cultural brasileiro. O desaparecimento da revista, assim, não se deveu a desinteresse do público ou dos escritores, mas a uma série de fatores de infra-estrutura. E como sempre repete Cícero Sandroni, a revista parou mas não morreu. Nestes dez anos ficou incubada.

Nova Fase. Em meados de 1975 um grupo de jornalistas e escritores sentiu que havia condições para o lançamento de uma publicação dedicada exclusivamente à história curta. Estudou-se o mercado, a potencialidade do público consumidor, o formato da revista. Formou-se uma cooperativa editorial estruturada como Ltda. Procurou-se um veículo que, ao mesmo tempo em que desse uma visão panorâmica da ficção contemporânea para o estudioso, levasse também a um público bem amplo "histórias para o prazer da leitura". Cada número é, na verdade, uma espécie de antologia do que se fez ou se faz na ficção. Com pequenas notas informativas, cada conto remete o leitor para as demais obras do autor. Tem, deste modo, a revista, uma função paradidática. Por outro lado, ela chama a atenção de editores para o surgimento de novos valores das letras, já tendo possibilitado que alguns deles sejam editados em livro ou divulgados em outros órgãos.

Depois de estudos de mercado, do tipo de publicação, do público amplo que se pretendia atingir, a revista era lançada em fins de dezembro de 1975 (número correspondente a janeiro de 1976). A receptividade foi além da expectativa mais otimista. O escritor e o leitor responderam de forma positiva ao desafio que os editores lhes lançavam. E ao mesmo tempo em que o leitor ia à procura da revista, todo mês, possibilitando-lhe a sobrevivência, o escritor mandava seus originais, permitindo que se cumprisse mais uma promessa dos editores: durante o primeiro ano não se repetiriam autores, mostrando que há gente escrevendo – e bem – no Brasil, e que se mais não se escreve é porque não há onde veicular.

Problemas. Mas nem tudo vai bem. Revista de profissionais, feita com um sentido profissional, ainda ao ser planejada Ficção se decidiu pela valorização do escritor, procurando remunerá-lo devidamente. Isto, como é óbvio, aumentou o custo operacional. Muito embora a venda avulsa – e posteriormente a campanha de assinaturas – mostrasse que o público continua prestigiando a revista, o encarecimento do custo gráfico, do papel, da parte administrativa, criou um impasse: para o seu crescimento Ficção necessita aumentar a tiragem inicial de 15 mil exemplares para, no mínimo, 35 mil. Mas não havendo capital de giro, a venda avulsa sustenta precariamente a revista mas impede resposta das agências de publicidade e de órgãos interessados na promoção cultural e literária. Infelizmente a resposta não tem chegado – ou tem chegado de maneira bastante insatisfatória. Por outro lado, para os seus editores, "manter Ficção é hoje uma necessidade não tanto deles, mas dos autores que ela divulga e do público que ela atinge".

Editores: São editores da revista, uma publicação da Editora Ficção Ltda.: Cícero Sandroni, jornalista, tradutor e ensaísta; Eglê Malheiros, professora, tradutora, colunista literária do jornal **O Globo**; Fausto Cunha, crítico, ficcionista, membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro; Laura Constância Sandroni, jornalista, colunista literária do jornal **O Globo**, diretora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; e Salim Miguel, jornalista, contista. Compõem seu Conselho Editorial Consultivo os escritores André de Figueiredo, Hélio Pólvora, Mário Pontes, Muniz Sodré e Valdomiro Santana. Possui correspondentes na maioria dos Estados, o concurso permanente de contos recebe uma média de 50 originais por mês e seus editores ainda há pouco foram convidados pela Fundação Cultural do Governo do Estado do Espírito Santo para compor a Comissão Julgadora do Concurso de contos restrito a autores residentes ou nascidos naquele Estado e ao qual concorreram mais de 150 autores.

Santa Catarina em Ficção. Em seus 12 primeiros números a revista publicou os seguintes autores catarinenses: Raul Caldas Filho, Osmar Andrade, Salim Miguel, Flávio José Cardozo, Herculano Farias Jr., Emanuel Medeiros Vieira, Lausimar Laus, Holdemar Menezes. No número 13, a ser agora lançado, estarão o romancista Ricardo Hoffmann e o poeta Marcos Konder Reis.

Um tesouro desprezado

Os ecos da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, chegaram a Florianópolis somente em 1948, quando aconteceu aqui uma grande Exposição de Arte Contemporânea, trazida pelo escritor carioca Marques Rebelo. Em compensação, a Arte Moderna teve o primeiro reconhecimento oficial em todo o Brasil com a criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em 1949. Antes disso, e muito pouco tempo antes disso, Assis Chateaubriand cria o Museu de Arte de São Paulo (1947), Francisco Matarazzo Sobrinho e Nioimar Muniz Sodré criam os Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio (ambos de 1948), todos fruto da iniciativa particular.

A idéia de criar nosso Museu — que a contar de 1970 passou a chamar-se Museu de Arte de Santa Catarina — partiu de Marques Rebelo e foi logo apoiada pelo Grupo Sul e pelas autoridades governamentais. A compreensão a importância do ato e o entusiasmo que o cercou foram tantos que, entre 1949 e 1958, o então MAMF conseguiu reunir um acervo de fazer inveja a qualquer museu brasileiro, excluídos os do eixo Rio-São Paulo. Até hoje, para orgulho dos catarinenses, obras daquele período dão brilho, valor e significação cada vez maiores à coleção do MASC, assinadas por Di Cavalcanti, Portinari, Pancetti, Djanira, Iberê Camargo, Aldo Bonadei, Cícero Dias, Guignard, Volpi, Marcier, Burle Marx, Bruno

Giorgi, Santa Rosa, Noêmia Mourão, Aldemir Martins, Milton Dacosta, etc.

E onde está tudo isto que o povo não vê? Escondido numa sala do CIC, sofrendo em silêncio o desprezo de governos que se sucedem, sem a sensibilidade e a compreensão daquele período. Essa célula dos tempos dourados, mantida intacta por mais de quarenta anos, apesar de todos os contratemplos, vem sendo acrescida de novos valores da arte brasileira e hoje são mais de novecentos prisioneiros da ingratidão. Por ironia, essa prisão fica no lado oposto da rua que abriga a Penitenciária, na Agrônômica, sem que esses degredados tenha sequer o direito humanitário de um passeio ao sol...

Pois pode mudar. Esta situação vexatória para a cultura catarinense pode mudar. Imagine todos os espaços da ala esquerda do CIC, inteiramente climatizada, ocupados pelo MASC. O grande salão atual de exposições, com novos painéis e nova iluminação, dedicado apenas ao acervo. Com isto, as 30 ou 40 obras que se apresentam aos visitantes, em rodízio pingado, passariam a 150, 200 ou mais, como fone de informação a milhares de pessoas (inclusive professores e estudantes), interessadas em Arte Catarinense e Arte Brasileira. A reserva técnica (depósito das obras) teria tratamento adequado; uma sala de Exposições Temporárias abrigaria mostras eloqüentes vindas de grandes museus e coleções de to-

da a parte; um espaço para essas exposições em trânsito seria criado e ampliado o setor de montagem, limpeza e conservação das obras.

Contando com toda a ala esquerda do CIC, seriam criadas três galerias: uma exclusiva para exposições de fotografia, cada vez mais importante como ramo das artes plásticas; outra para obras sobre papel (desenho, gravura, etc.); a terceira para artistas de talento que as galerias comerciais não promovem. Mais benefícios culturais podem ser criados, como uma Biblioteca Multiarte, reunindo todas as publicações especializadas, hoje dispersas pelas unidades do CIC, sem possibilidade de consulta pública; uma loja para venda dos mil e um itens específicos a cada atividade artística; maior amplitude operacional do Atelier de Restauração para atendimento a grande demanda estadual. Etc., etc., etc.

Sonho? Não. São projetos fervendo em algumas cabeças do CIC para realização nos quatro anos do Governo Kleinübing. Não chegará a ser um Centro Pompidou, nem a Pirâmide do Louvre, de Mitterrand, mas, com toda a certeza, uma obra que transformará o Museu de Arte de Santa Catarina no maior museu do Sul do Brasil. Terá sido feita justiça ao entusiasmo dos criadores do MAMF e à obras escondidas, beneficiando-se o público que necessita das informações que elas contém.

Cineastas de SC ultrapassam barreiras



Cineasta Maria Emília Azevedo pensa em baratear produção do filme

“Alva Paixão” relata vida do escritor Cruz e Sousa

“Alva Paixão”, de Maria Emília Azevedo, deve começar a ser filmado em agosto. A finalização depende muito do cronograma de filmagens e do orçamento, segundo a cineasta. “Pretendo canalizar outros apoios e fazer um reestudo para baratear o filme”, adiantou. O roteiro poético do filme aborda em flash-back vários episódios da vida do poeta simbolista catarinense do século passado. Trata-se da última noite de João da Cruz e Sousa e sua conversa com o crítico paranaense Nestor Vitor enquanto ele faz a mala para viajar rumo a Minas Gerais e ser submetido a tratamento de tuberculose.

Do quarto onde estão o poeta e o crítico vão surgindo imagens sobre a Desterro antiga, onde Cruz e Sousa nasceu em 1861. Mostra-se a natureza exótica, a época em que ele convivia com amigos poetas e o seu trabalho de ponto na Cia. Teatral Julieta dos Santos. Ao mesmo tempo, conforme a roteirista e diretora, lembra-se do Rio de Janeiro e do seu contato com intelectuais, além do relacionamento matrimonial com Gavita, que foi considerada louca durante seis meses. Cruz e Sousa e Gavita viveram juntos, de acordo com a pesquisa, entre 1893 a 1898, ano em que o poeta

morreu.

As filmagens serão realizadas em São Francisco do Sul, cidade catarinense que mais oferece elementos característicos do século XIX, Florianópolis e também São José, com locações no teatro Adolpho Mello.

O título “Alva Paixão” surgiu logo no início da pesquisa de Maria Emília, que realizou em 1980 “O Mundo Novo de Eli Heil”, documentário, e “Nós”, abordagem de happening da artista plástica Doraci Gurrulat. “Imagino que a palavra paixão vem muito da origem africana. Alva surgiu porque, de certa maneira, Cruz e Sousa rejeitava a sua origem negra. Além disso, ele usava a palavra alva constantemente em seus poemas simbolistas, estilo de origem germânica. Ele viveu essa contradição alva-paixão”, argumenta.

O filme não é nem tese nem didático. “Quero instigar o público a buscar mais informações sobre o poeta. É uma forma de mostrar ao espectador a origem do poeta e de sua poesia. O filme é poético. De certa maneira, o filme é realista, mas não fiquei muito precisa a esse conceito. Também me propus a recriar o personagem através dos referenciais históricos”, observa.

□ Apesar das dificuldades, profissionais conseguem produzir trabalhos de qualidade

Osmar Gomes

Florianópolis — Nem só de promessa do governo vive o cinema catarinense. Foram selecionados pelo edital nacional do Ministério da Cultura dois projetos de curtas-metragens de cineastas que moram em Florianópolis e já realizaram documentários. “Alva Paixão”, de Maria Emília Azevedo, e “A Bruxa Viva”, de Lena Bastos, passaram pelo crivo de uma comissão especial formada por intelectuais e conhecedores da arte cinematográfica de todo o País, inclusive com a participação do escritor catarinense Salim Miguel. As propostas receberão CR\$ 20 milhões de incentivo e devem ser transformadas

em filme ainda neste ano.

Além de “Alva Paixão” e “A Bruxa Viva”, que ficaram entre os 16 melhores dos 150 inscritos, outro projeto do presidente da Cinemateca, José Nunes Pires Depizolatti, autor de “Farra do Boi o Documentário”, em parceria com Norberto Depizolatti, chegou até quase no final da linha ao se situar entre os 24 mais bem votados. O resultado agradou tanto a Nunes Pires quanto a Salim Miguel. Ambos acreditam que houve reconhecimento do trabalho desenvolvido no Estado desde a década de 80. Um trabalho sério, maduro e organizado”, argumenta Pires.

Outro detalhe importante na alta do cinema catarinense é a recente seleção do curta-metragem “Desterro”, de Eduardo Paredes,

para ser mostrado no Festival de Curtas do Cineclub Banco do Brasil, da Rede Bandeirantes, no próximo dia 28, às 22 horas.

A aprovação de dois curtas catarinenses fica lado a lado com o cinema fabricado no eixo Rio-São Paulo. Dos 16, quatro são do Rio, quatro de São Paulo, um do Mato Grosso do Sul, um do Rio Grande do Sul, um da Bahia e outro de Pernambuco, além dos catarinenses. “Resolvemos descentralizar”, observou Salim Miguel. “Alva Paixão”, foi aprovado de forma unânime, emendou o intelectual catarinense.

Os 10 milhões de dólares do primeiro edital, segundo Salim Miguel, foram distribuídos para longas-metragens, médias e curtas. Novo edital, com igual valor e mes-

mo método de repasse de verbas, surge nesta semana, lembra o escritor e autor do primeiro longa-metragem da história cinematográfica catarinense: “O Preço da Ilusão”. Segundo ele, havia um lobbie dos “grandes” cineastas para os recursos serem canalizados apenas para longas. “Mas a comissão especial argumentou à presidência da República e para o Ministério da Cultura a necessidade de renovação. Assim, foram mantidos os critérios e até mesmo o item estreado no que diz respeito aos longas. Dos 17 longas premiados no primeiro edital, quatro foram concedidos a diretores estreados”, destacou. “Só com a renovação a cultura de um País se mantém viva”, opina Salim Miguel.

Bruxas são personagens de curta-metragem

Do livro ao filme. “A Bruxa Viva” (curta-metragem 35 milímetros, 12 minutos), de Lena Bastos, tem argumento baseado e escrito junto à autora do livro “Encontros Noturnos — Bruxas e Bruxarias na Ilha de Santa Catarina” (Editora Rosa dos Tempos, 1993), Sônia Maluf. A única definição na ficha técnica até o momento é a da direção de arte, que caberá à diretora teatral Olga Romero. A ficção da cineasta formada pela Escola de Cinema da Universidade de São Paulo, em 1983, pretende apreender as faces arcaica e moderna do Brasil. As bruxas, de acordo com a diretora, sintetizam um sentimento de resistência cultural dentro do universo simbólico dos habitantes nativos do interior da Ilha de Santa Catarina. “De um ponto de vista mais amplo, as bruxas têm contribuído para uma discussão sobre o papel das mulheres em nossa sociedade”, opina. Arcaico e moderno estão presentes na Ilha de SC, conforme Lena Bastos. “O fato de o imaginário das comunidades açorianas ainda guardarem histórias de bruxas e de benzedoras aponta para uma realidade culturalmente diversificada. Mas a pior face da “modernidade” é inexorável:

transformar Florianópolis numa Miami é o projeto de uma classe média insensível às questões ambientais, crítica.

O argumento do filme traz o personagem de um antropólogo que pretende documentar o cunho etnográfico das bruxas. “Este personagem atua numa ficção com suporte em película, onde os conflitos latentes no acelerado processo de urbanização da Ilha serão vistos através de personagens bruxas, políticos locais e representantes de grandes grupos imobiliários”, adianta a cineasta.

Os espaços mágicos das bruxas estão se perdendo na contemporaneidade, conforme Lena. “Por causa da forma de desenvolvimento predatória”, acusa. O filme, no entanto, prende-se mais à etnografia da bruxa como poder feminino. “A mulher acusada de bruxaria é transgressora e invade os espaços masculinos, como os barcos de pescadores”, exemplifica. “A existência da bruxa é real, apesar de ser um mito da cultura popular. A mulher que detém um poder marginal é acusada de bruxa. Faz parte da cultura popular de regiões do interior da Ilha a existência da bruxa”, defende.

FICHA TÉCNICA

“Alva Paixão”

(curta-metragem 35 milímetros, 18 minutos)

Ficha técnica:

Direção e roteiro: Maria Emília Azevedo **crédito de diálogo:** Marco Antônio e Cardoso Chaga, **coordenação de pesquisa:** Ricardo Goulart

Produção executiva: Jair dos Santos. **Direção de produção:** Deise Gomes. **Diretor de fotografia:** Peter Lorenzo (“Desterro”). **Montador:** Máximo Barro. **Elenco:** ainda indefinido. **Data de estréia:** imprevista

“A Bruxa Viva”

(curta-metragem 35 milímetros, 12 minutos)

Ficha técnica:

Direção: Lena Bastos. **Argumento:** Lena Bastos e Sônia Maluf. **Roteiro:** Lena Bastos. **Elenco:** indefinido. **Direção de arte:** Olga Romero. **Data de estréia:** imprevista



Lena Bastos: classe média insensível às questões ambientais

A VEZ DAS CATARINENSES

Alva paixão



FOTOS CLAUDIO SILVA/DC

Salim Miguel, o voto decisivo

Além da indubitável qualidade dos projetos e da maturidade que começa a alcançar o movimento cinematográfico no Estado, um outro fator importante nessa conquista foi a presença do escritor catarinense Salim Miguel na comissão avaliadora. Salim, na sua magnitude de intelectual, soube defender nossos interesses. Ao contrário do ex-governador Vilson Kleinübing que prometeu mundos e fundos ao cinema catarinense, ganhou mídia nacional, mas até agora o governo não honrou com seus compromissos.

Alva Paixão e *A Bruxa Viva* entram em pré-produção nos próximos meses, devem ser rodados no segundo semestre, para no próximo ano aumentar a nova safra de curtas catarinenses que alimentam reflexões sobre a nossa cultura e brilham nos festivais de cinema.

FICHA TÉCNICA



Lena: bruxa surge como fêmea marginal

★ *Alva Paixão* - (35mm)

- Direção e roteiro: Maria Emília de Azevedo
- Diálogos: Marco Antônio Cardozo Chaga
- Coordenação de pesquisa: Ricardo Goulart
- Sinopse: João da Cruz e Sousa, acometido pela tuberculose, conversa em seu quarto com o amigo Nestor Vitor. É sua última madrugada no Rio de Janeiro, dia seguinte embarca à cidade de Sítio, em Minas Gerais, para tratamento da doença, onde morre em 1898. Durante a conversa os dois amigos fazem referências ao passado (lembranças de Desterro, da juventude, das primeiras poesias) e discutem o raiar da modernidade.

★ *A Bruxa Viva* (35mm)

- Direção e roteiro: Lena Bastos
- Argumento: Sônia Maluf e Lena Bastos (Inspirado no livro *Encontros Noturnos - Bruxos e Bruxarias na Lagoa da Conceição*, de Sônia Maluf)
- Sinopse: Curta-metragem que mistura documentário e ficção e fala sobre as bruxas e a especulação imobiliária na Ilha de Santa Catarina. A Bruxa é tomada enquanto um poder marginal feminino, ligado à natureza da Ilha, e por isso vendo sua sobrevivência ameaçada pela perda dos espaços mágicos provocado pela indústria do turismo e da especulação imobiliária.

Duas cineastas têm seus talentos reconhecidos com o prêmio Resgate do Cinema Brasileiro. Cada uma vai receber CR\$ 20 milhões

ZECA PIRES

Cineasta

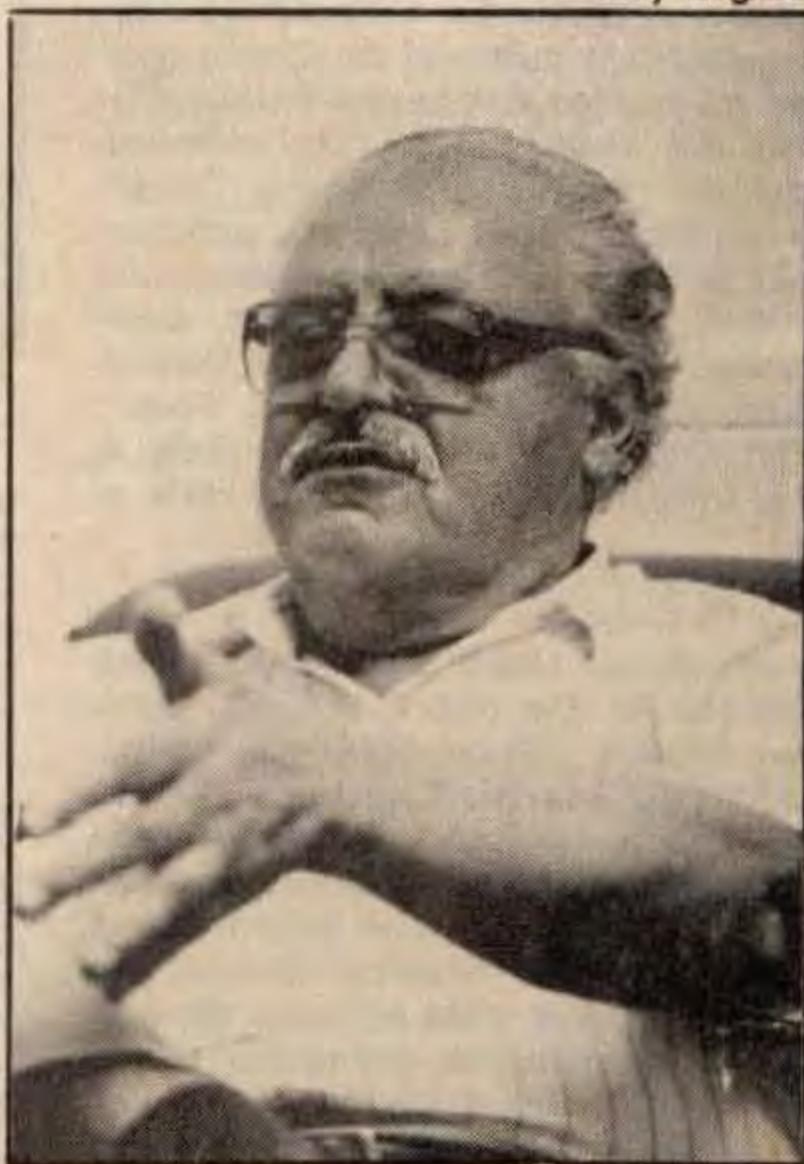
O resultado do Edital Resgate do Cinema Brasileiro, na área de curtas-metragens, é mais um exemplo da consistência e do vigor do movimento cinematográfico catarinense. É também um reconhecimento do talento de duas cineastas: Maria Emília de Azevedo com o projeto *Alva Paixão* e Lena Bastos com *A Bruxa Viva*. As duas diretoras foram premiadas pelo Ministério da Cultura, concorrendo com mais de 100 projetos de todo o país, e receberão recursos em torno de CR\$ 20 milhões para cada um realizar seu projeto. Dos 16 prêmios para curtas-metragens Santa Catarina ganhou dois, ficando na frente de pólos importantes como o de Brasília, do Espírito Santo e empatando com o do Rio Grande do Sul.

Maria Emília inspirou-se na vida e na obra do simbolista Cruz e Sousa para realizar o roteiro que ganhou aclamação unânime da comissão avaliadora. Ali está presente a inquietude inerente ao espírito dos poetas. O preconceito é trabalhado sutilmente

Maria Emília se inspirou na vida e obra do célebre simbolista catarinense Cruz e Sousa, para criar um roteiro denso e poético que ganhou unanimidade da comissão avaliadora. Maria explica que "o filme aborda a inquietude presente no espírito dos poetas - neste caso simbolizado por Cruz e Sousa - enfocando ainda, a vida, a morte e a doença, por considerar esses elementos a tríade da obra do poeta. Trabalha sutilmente o preconceito por não aceitar a construção do personagem sob o ângulo do radicalismo, que na maioria das vezes leva ao estereótipo. O filme trabalha, sobretudo, a recriação de época e do personagem por crer que o cinema recria e não reconstrói a história".

AQUI! - Já a cineasta Lena Bastos foi buscar no folclore ilhéu inspiração para, através de um universo imaginário e instigante, criticar o turismo predatório e a especulação imobiliária na Ilha de Santa Catarina. Lena, que centraliza na mulher o tema de seus bons trabalhos realizados na área de vídeo, afirma que "*A Bruxa Viva* é um filme ecológico que trabalha a relação do homem com a natureza, através de um personagem do nosso folclore - a Bruxa. Porque acho que Florianópolis merecia um desenvolvimento diferenciado, digno de um patrimônio natural do mundo, como de fato é".

Saly Miguel

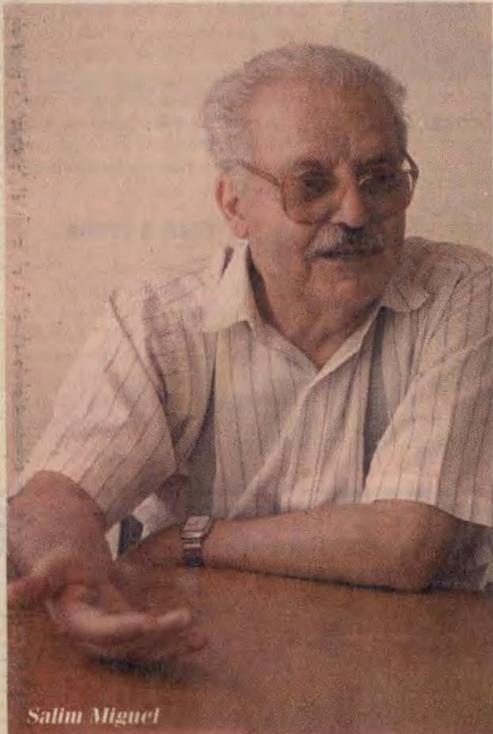


Salim Miguel, escritor: "Se eu tivesse que recomendar um eu recomendaria dois. O primeiro é *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal. É uma ficção que fala de um momento importante da história da humanidade e, ao mesmo tempo, é um tratado exemplar sobre a psicologia humana. E outro que recomendo é *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. É um livro de uma qualidade literária tão alta, que, embora tenha sido escrito no século passado, até hoje se discute se Capitu traiu ou não traiu Bentinho, se o menino é ou não é filho de Bentinho. Eu acho que a grande literatura é mais sugestão do que dar para o leitor o que ele quer. E Machado de Assis é um dos mestres da sugestão na literatura".

A trajetória do cinema em terras catarinenses

O percurso do sétima arte em Santa Catarina: da primeira projeção em Florianópolis, Blumenau e Itajaí, em 1900, passando pelo pioneirismo de Julianelli e seu ônibus ambulante, até a obra vasta e singular do cineasta catarinense Sylvio Back

FOTOS DIVULGAÇÃO



Salim Miguel

EDUARDO PAREDES
ESPECIAL PARA ANEXO

Existe um cinema catarinense? A trajetória dos filmes realizados em nosso Estado tem o seu nascimento impreciso. Sabe-se, porém, que desde o início do século, Santa Catarina entrou no circuito de exibição de filmes, o que pode ser constatado por anúncios em jornais da época. Até mesmo as fontes de consulta são precárias.

Se o cinematógrafo chegou ao Brasil em 1898 (três anos depois, portanto, da primeira projeção pelos irmãos Lumière, a 28 de dezembro de 1895, em Paris), pelas mãos do comerciante Paschoal Segretto, a "lanterna mágica" só foi apresentada ao povo catarinense por volta de 1900. Tanto em Florianópolis como no Vale do Itajaí, foi somente nessa época que aconteceram as primeiras projeções realizadas por cinematógrafos ambulantes.

Talvez o fato mais interessante ligando o cinema e Santa Catarina tenha ocorrido não aqui, mas sim no Rio de Janeiro, envolvendo o catarinense Victor Meirelles. De acordo com o jornal "A República", de 27 de março de 1900, o pintor Victor Meirelles estava trabalhando num panorama comemorativo ao quarto centenário do descobrimento do Brasil. Segundo Pires e Deppizolatti, autores do livro "Cinema em Santa Catarina", é provável que Victor Meirelles já estivesse atuando na área de cinema há mais tempo. Os panoramas, assim como os ciclôramas e cosmogramas, eram pinturas de formas circulares de grande extensão (como um tapete enrolado), chegando a atingir até 100 metros. Apresentavam em detalhes a história de batalhas ou vistas de cidades, o que posteriormente era filmado no cinematógrafo e exibido pelo país afora por uma troupe de ambulantes. Ou seja, Santa Catarina entrou para a história do cinema através dos pincéis de Victor Meirelles, no Rio de Janeiro.

Voltando às exibições, sabe-se que, em 1900, por aqui andaram

um tal H. Kaurt, convidando para uma "grande exposição de quadros ilusionistas" a ser realizada no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis. Apesar do anúncio não falar em cinematógrafo ou qualquer outra de sua variante, como kinetoscópio, bioscópio, fotografias animadas ou biógrafo, considera-se essa a primeira projeção de cinema na capital catarinense (21 de julho de 1900). Porém, esta não teria sido a primeira projeção no Estado. Segundo a pesquisadora Edith Kormann, três meses antes dessa data, Blumenau assistiu no Teatro Frohsinn a sessões do "Kinematographen" patrocinadas por G. Koehler e com Eduard von Schultz.

NO ESTILO DOS LUMIÈRE

Essas exibições também teriam ocorrido em Indaial, em agosto daquele ano, mas as datas são confusas e deixam dúvidas. Na programação, ao lado de filmes bem no estilo dos irmãos Lumière ("Ballet das Cinco Irmãs Barrison", "Antes do Banho das Damas", "Rainha Vitória da Inglaterra Assiste à Parada", "Mercado de Gado em Viena", "O Elefante Amestrado no Jardim Zoológico", etc), constava o que pode ter sido a primeira produção catarinense, "Vistas de Brusque, Itajaí e Arredores". Sem autoria e maiores especificações, é possível ainda que esta possível produção, na verdade, não passe de projeções de fotografias estáticas, um mistério que possivelmente

jamais venha a ser desvendado.

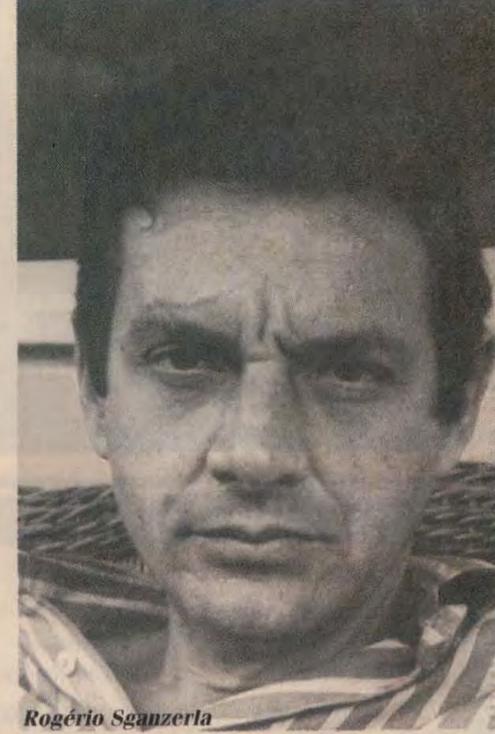
Somente em 1909 tivemos a estréia de uma empresa produtora em Santa Catarina, dirigida por Julianelli. Em contato com a Pathé de Frères, de Paris, Julianelli comprou um cinematógrafo e, a partir daí, passou a produzir e exibir filmes pelo interior do Estado. Mais tarde foi proprietário e motorista de um ônibus que fazia a linha entre Jaraguá do Sul, Blumenau e Florianópolis, sendo o único cinegrafista ambulante do Estado. Frequentemente ia a Joinville, Indaial, Brusque e cidades vizinhas, fazendo filmagens, projeções e, de quebra, vendendo remédios que ele próprio fazia à base de ervas.

Segundo as pesquisas de Zeca Pires e Norberto Deppizolatti, Julianelli chegou inclusive a filmar no período sonoro, já nos anos 30.

Um momento importante de nossa história registrado em fotografias foi a Guerra do Contestado, embora os seus autores não sejam catarinenses. De acordo com



Sylvio Back



Rogério Sganzerla

como Hassis, Aldo Nunes, Mayer Filho, Dimas Rosa e Mund Jr. Nessa trajetória renovadora, não demoraria para que logo o grupo também se voltasse para o cinema. Em plena voga dos cineclubes e com o Cinema Novo florescendo através de Nelson Pereira dos Santos, com "Rio Quarenta Graus", Florianópolis assiste sua juventude vanguardista atirar-se à aventura da produção de seu primeiro filme de longa-metragem.

Salim Miguel e Eglê Malheiros fazem o argumento e depois, juntamente com Emanuel Santos, afinam o roteiro. O título provisório "Caminhos do Desejo" é substituído pelo produtor Armando Carreirão pelo título definitivo, "O Preço da Ilusão". Para a direção foi convidado Nilton Nascimento, de Porto Alegre, que antes já filmara "O Negrinho do Pastoreio" (51) e "O Parque" (52). O diretor artístico e o diretor de fotografia vieram de São Paulo, sendo o elenco composto por habitantes da cidade, depois de uma apurada seleção. "Praticamente toda a cidade apareceu no filme", ressalta Salim Miguel.

Feito o filme, em 7 de dezembro de 1958, é realizada a "avant-première" em Florianópolis, numa verdadeira noite de gala. Em alto estilo, os atores desfilam em carro aberto pelas principais ruas da cidade, acompanhados do governador Heriberto Hülse e do prefeito Osmar Cunha. Na hora da verdade, fracasso total: o filme é projetado sem uma prévia revisão, exibindo

como uma péssima qualidade de som, mixagem pior ainda, uma incoerente montagem e uma cópia 35 mm de péssima qualidade.

Na história da cinematografia catarinense também surge o trabalho da Produções Carreirão, que fez cerca de 180 gravações entre 1958 e 1970. São imagens significativas da história catarinense, esquecidas dentro da Fundação Catarinense de Cultura enquanto não são catalogadas, duplicadas e colocadas à disposição de estudiosos e público em geral.

O TALENTO DE SYLVIO BACK

Saindo de Santa Catarina, impossível não mencionar a trajetória de cineastas catarinenses que se destacam na primeira linha do cinema nacional, como Sylvio Back e Rogério Sganzerla, e de outros menos conhecidos, como Marcos Farias, Ody Fraga e João Calegari. Back é dono de uma cinematografia vastíssima, sendo um dos mais produtivos cineastas de sua geração, com filmes que retomam a discussão de importantes fatos históricos sempre na contra-mão das versões oficiais. Já Sganzerla deixa a sua marca num dos principais títulos do cinema brasileiro ("O Bandido da Luz Vermelha", em 68, aos 23 anos de idade), sendo um polemista e agitador representante de uma parcela que cresceu à margem do Cinema Novo. Marcos Farias, entre 62 e 82, trabalhou em 20 longas, assinando a direção de oito. Sem dúvida, um nome ainda a ser resgatado.

Finalizando, chegamos à geração de curta-metragistas que há dez anos fundou a Cinemateca Catarinense, abrangida junto à UFSC. Uma geração herdeira do legado maldito da década que a antecedeu e que jogou a imagem do cinema brasileiro na lata do lixo. Este grupo já realizou diversos filmes de incontestável valor estético e técnico, reconhecidos nacionalmente com premiações nos principais festivais e mostras competitivas do País, além de participações internacionais.



Obra de Meyer Filho, de 1959, em nanquim e guache sobre papel: "Galo Vidente" é representativo do período

MASC abre exposição dos modernistas catarinenses

Mostra é relacionada à dissertação de mestrado: Grupo de Artistas de Florianópolis é o tema

Abre hoje, às 20h30, no Museu de Arte de Santa Catarina (Sala Harry Laus – telefone 234-2166) a mostra "Um Mundo que Mereceu Não Morrer", com obras de artistas que integraram o Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis. São trabalhos de Hassis, Meyer Filho, Vecchiatti, Hugo Mund Jr., Tércio da Gama, Aldo Nunes, Thales Brognoli, Dimas Rosa e Rodrigo de Haro. A exposição estará aberta ao público até o dia 9 de junho, de terça a sexta-feira, das 9 às 12 e das 13 às 21 horas e nos finais de semana das 17 às 22 horas.

A mostra pretende apresentar ao público a trajetória de pesquisa feita pela arte-educadora e historiadora Luciene Lehmkuhl, que resultou na dissertação de mestrado "Imagens Além do Círculo – o Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF) e a Positivização da Cultura nos anos 50",

defendida no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina em 29 de abril deste ano.

As obras são representativas da forma de pensar e ver Florianópolis nos anos 40 e 50 – uma época de efervescência cultural importantíssima: é justamente o período em que o Grupo Sul atua com mais vigor na capital, mudando o panorama artístico da cidade. Nesse período, praticamente foi implantado o modernismo em Santa Catarina, com mais de 20 anos de atraso em relação à explosão do movimento em São Paulo (1922). Produziram-se inúmeras peças teatrais, foram lançadas dezenas de publicações e rodado o primeiro e único longa-metragem de ficção catarinense ("O Preço da Ilusão", de Salim Miguel e Eglê Malheiros). No período, também, acontece uma verdadeira explosão nas artes plásticas locais – e uma parte dos artistas que formavam o Grupo Sul constituem o GAPF.

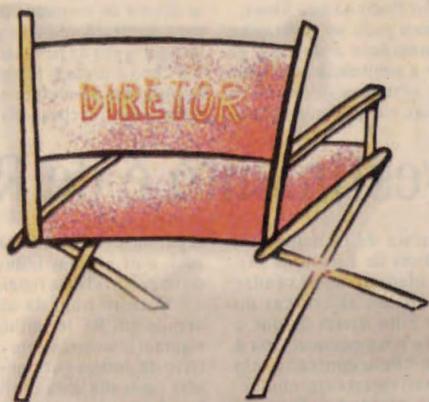
Segundo a autora da dissertação, "e no bojo desses acontecimentos que jovens artistas iniciam suas pro-

duções plásticas e acabam por organizarem-se em um grupo que vai projetar-se na esfera pública e, conseqüentemente, dar publicidade às suas obras. As obras de arte também desenham contornos dessa cultura que está sendo positivada, publicizando-a e eternizando-a".

A iniciativa da autora, em conjunto com O MASC, proporciona ao público de Florianópolis, portanto, um resgate importante: conhecer ou rever os trabalhos daqueles jovens que colaboraram, em muito, para a mudança do panorama artístico-cultural da capital. É um trabalho didático que merece ser apreciado por todos – inclusive pela garotada, que pode descobrir imagens incríveis, como os primeiros galos de Meyer Filho, as xilogravuras de Hugo Mund Jr., as imagens de Florianópolis produzidas por Dimas Rosa e Aldo Nunes e também as obras de um então iniciante – hoje consagrado – Rodrigo de Haro. Vale a pena visitar o MASC nesse período. (Carlos Damião)

Cinema dependente

Criação de um pólo de produção cinematográfica em Florianópolis é o sonho de cineastas, que hoje se viram como podem com os escassos recursos de incentivo, como um fundo municipal denominado Funcine



OSMAR GOMES
REPORTER

Investir em produção cinematográfica é lei em Florianópolis desde que foi publicado o decreto 3.252, de 1989. Estabelece-se que salas comerciais de exibição devem contribuir com 5% da sua arrecadação mensal a título de Fundo Municipal de Incentivo ao Cinema, o Funcine. Efetivamente, no entanto, os recursos passaram a existir no início da administração do prefeito Sérgio Grando (PPS) e desde 4 de agosto de 1993, através da lei nº 4.111, as videolocadoras também têm de auxiliar com um mesmo percentual. Atualmente a diretoria do Funcine recebe mensalmente R\$ 4 mil. Mas já obteve mais, o suficiente até para estruturar um núcleo de produção.

Embora até mesmo os contribuintes envolvidos desconheçam a lei do poder Executivo, a Secretaria de Finanças é a responsável pela captação e repasse do dinheiro aos realizadores de cinema. O novo presidente do Funcine, José Gatti, 45 anos, inclusive assumiu o mandato no dia 1º de outubro. Grande parte dos beneficiados integra a Associação Cultural Cinemateca Catarinense, existente há 10 anos.

O valor é sempre estimativo e nunca alcançou os obrigatórios 5% definidos em lei. Por exemplo: em setembro a Secretaria de Finanças recolheu R\$ 11.268,97 das videolocadoras e empresa Arco-Iris, a única que administra as três salas comerciais do Beiramar Shopping incluídas no Funcine -, mas só chegaram aos cofres da diretoria do Funcine R\$ 4 mil. Esse montante é o mesmo verificado em abril e serviu de parâmetro para o ano todo, através de acordo entre Prefeitura e produtores de cinema. O secretário Mário Zimmermann observou que há um cronograma para repassar os percentuais de diferença até o final de dezembro.

Incluído no Imposto Sobre Serviço (ISS), o fundo não é conhecido por videolocadoras consideradas de médio porte. O gerente da Raroefeito — especializada em títulos *cults* —, Carlos Eduardo Valente, deixa claras suas dúvidas, embora até esteja envolvido com produção de cinema e mantenha a vontade de levar adiante o projeto "Anita & Giuseppe".

Valente não recebeu um centavo do Funcine na condição de

realizador de cinema até agora. Como gerente da Raroefeito, explica que "efetivamente não sabe se isso (o Funcine) acontece". "Fiquei sabendo que existe o fundo através do novo presidente da diretoria, o professor José Gatti, que é meu cliente. Mas não sei nem onde este fundo está embutido", observa. Caso seu estabelecimento esteja cumprindo a lei, R\$ 75,00 mensais saem dos cofres da empresa para o Funcine, em média, de acordo com a contabilidade de Valente.

Fiscalização, embora o secretário Zimmermann esclareça que é feita regularmente, é uma pedra no meio do caminho, conforme os beneficiados pelo fundo. Se a Prefeitura recebe das empresas o valor correspondente ao que é repassado via Funcine aos cineastas ninguém sabe ainda. O Funcine, conforme Gatti, "esbarra no falho sistema tributário brasileiro". "Depende sempre da vontade política do corpo fiscalizador. Tudo isso é muito complicado", argumenta.

Até mesmo durante a administração de Grando, embora mantenha um tratamento exemplar quanto ao cumprimento do decreto, de acordo com os cineastas, os recursos não foram transferidos todos os meses. "Estamos esperançosos quanto à possibilidade da família Amin levar à frente o projeto de investir em cinema. A Frente Popular não investiu mais especificamente no cinema porque teve de pulverizar recursos, dando atenção a várias áreas artísticas e culturais ao mesmo tempo", argumenta Gatti.

O repasse foi regularizado no início da gestão da Frente Popular, lembra o cineasta Zeca Nunes Pires, que presidiu a Cinemateca em três mandatos. Ele confirma que não há controle sobre o que é realmente arrecadado pelas empresas da área. "O Funcine é um dos grandes responsáveis pela estruturação do Núcleo de Cinema e Vídeo, aumentando a profissionalização de produções, ao possibilitar a compra de uma moviola, de computadores e de parte do equipamento de luz", afirma Nunes Pires.

R\$ 20 MIL

O contador do Funcine, Aderilton Pazzeto, vinculado ao Gabinete de Planejamento da Prefeitura, confirma a realidade relatada pelo atual presidente Gatti: "A verba, às vezes, só é suficiente para

manutenção, sem possibilidade de investir em aperfeiçoamento de estrutura de produção de cinema". Nos últimos três anos, segundo Pazzeto, o Funcine recebeu em média R\$ 50 mil. "Neste ano diminuiu bastante o valor", destacou. Ele estima, entretanto, que chegaria a R\$ 20 mil mensais o valor arrecadado caso realmente fossem cobrados 5% sobre o faturamento das empresas. Gatti confirma a constatação de Pazzeto: "Se nós tivéssemos apenas os 5% dos cinemas do Beiramar a nossa produção seria muito maior, sem dúvida."

A diretoria do Funcine, lembra o contador, chegou a solicitar neste final de ano fornecimento de dados sobre o recolhimento do fundo junto às salas de exibição e "pelo menos de 10 grandes e médias videolocadoras". Ainda não lhes foi remetido pela Secretaria de Finanças o documento.

As locadoras são enquadradas por estimativa fiscal, de acordo com o secretário Zimmermann. "Desconheço notificações e até agora não houve qualquer problema quanto à fiscalização. Estamos fazendo o controle da arrecadação", explicou.

PÓLO DE CINEMA

Enquanto o ex-presidente da Cinemateca, Zeca Pires, argumenta que é necessária uma produção de cinema bem maior para se pensar em criação de pólo, o presidente do Funcine, José Gatti, aposta que este objetivo já está encaminhado.

Um dos dois únicos professores de cinema da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Gatti lembra que houve em Florianópolis — na última década — uma constância na produção cinematográfica. "Sempre produzindo, participando do Festival de Gramado, estreando, o que na realidade não acontece em outras cidades do País, com excesso obviamente de São Paulo e Rio de Janeiro. Há talentos e projetos em Santa Catarina", argumenta.

Não é a realidade da produção cinematográfica catarinense, segundo ele, o fato de chegar ao público dois, três ou quatro filmes curtas-metragens por ano. "Muitos projetos existem, mas as dificuldades financeiras e estruturais impedem a continuidade da criação da obra. Portanto, existe sim uma constância heróica na produção

dos trabalhos e uma trágica inconsistência na captação de recursos", argumenta.

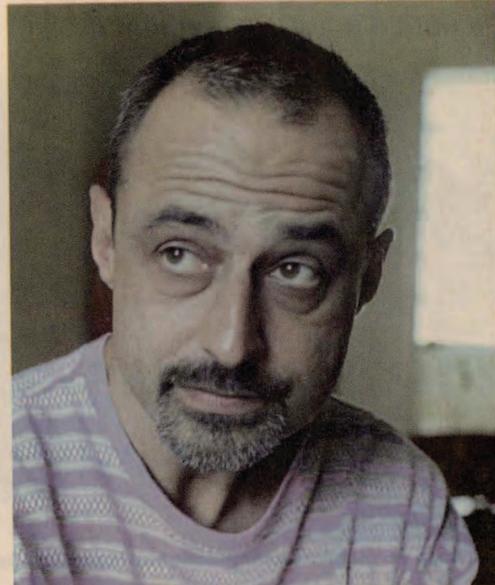
Produção cinematográfica e videográfica, para ele, significa muito para qualquer lugar do mundo. Existe em Florianópolis um ambiente próprio para que a cidade se torne um pólo de cinema, conforme o doutor em cinema. "Há um pessoal talentoso e infraestrutura mínima, com ambiente cultural e geográfico favoráveis, além de existirem indústrias paralelas voltadas à cultura cinematográfica, como as do turismo e da moda", reflete.

Dar um pulo de núcleo para pólo não é ousadia ou pretensão, na versão do professor. "O núcleo já existe e é formado por cineastas independentes da Cinemateca, Prefeitura, governos do Estado e federal e a Universidade Federal de Santa Catarina. O que é mais importante no momento é a capacidade de sensibilizar o empresariado para contribuir com a cultura cinematográfica para o consumo e produção locais. Assim produziremos nosso espelho, a nossa cara. O audiovisual não está aí para a brincadeira."

Sensibilizar os empresários, portanto, é uma nova estratégia dos produtores de cinema, inclusive está sendo preparado um seminário. Sem data definida, porém agendado para abril, o encontro trará profissionais e investidores dos países envolvidos no Mercosul. Será uma forma de acenar aos empresários a importância de investir no cinema. Esta é a grande aposta.

O superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Salim Miguel, contribui para essa discussão: "Acredito que está em processo a cultura cinematográfica em Santa Catarina. Agora é preciso conscientizar empresários e produtores culturais que cinema, além de arte, é um grande negócio. Trata-se de um projeto de risco, como outro qualquer, mas se torna a marca dos produtos culturais de um País", argumenta o realizador do primeiro longa-metragem da história cinematográfica do Estado, "O Preço da Ilusão".

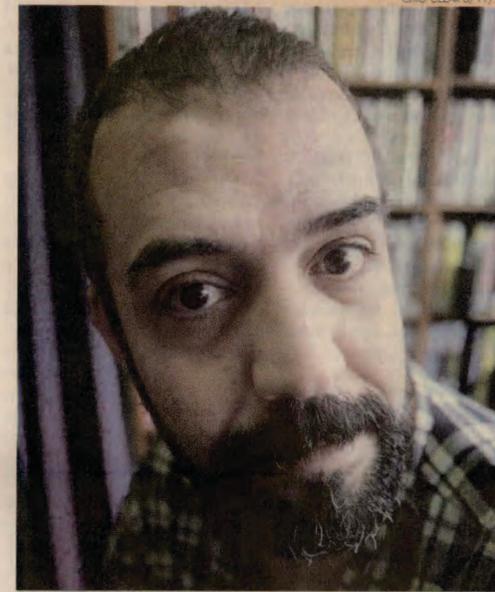
Tateando a realidade, Salim lembra que o grande objetivo realmente é criar o pólo de cinema em Santa Catarina. "É um processo lento, o qual necessita de uma continuidade".



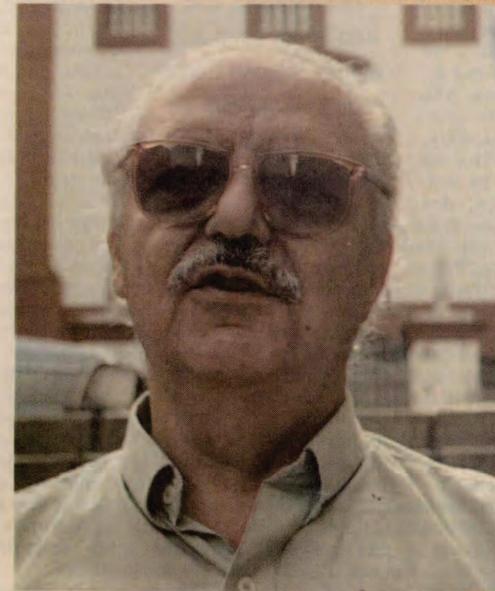
Gatti, presidente do Funcine, que assumiu em outubro



Zeca: "Não há controle sobre a arrecadação"



Carlos espera apoio para concluir "Anita & Giuseppe"



Salim: "Cinema, além de arte, é um grande negócio"

ACERTO DE CONTAS

O que a Secretaria de Finanças deveria ter repassado ao Funcine, valores resultantes do recolhimento de 5% (embutido no Imposto Sobre Serviço-ISS) do faturamento de salas de exibição e videolocadoras instaladas em Florianópolis:

Abril: R\$ 5.004,21.
Maio: R\$ 9.277,31

Julho: R\$ 3.076,00
Julho: R\$ 9.026,33
Agosto: R\$ 11.268,97
Setembro: R\$ 11.419,21

◆ Em reunião foi estabelecido um cronograma até o final do ano para repassar os percentuais de diferença, conforme o secretário Mário Zimmermann. De abril a

outubro, conforme o contador do Funcine, Aderilton Pazzeto, foram repassados mensalmente R\$ 4 mil.

ATUAL DIRETORIA DO FUNCINE:

Presidente: José Gatti, representante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Vice-presidente: Carim Machado, da Fundação Fran-

klin Cascaes (FFC)
Secretária: Maria Emília Azevedo, da Cinemateca Catarinense

◆ Faram ainda o Conselho Administrativo: João Batista Costa (FFC), José Rafael Manigonian (Cinemateca), Joaquim Domingues Carneiro Neto e Alexis Andrade (ambos do Sindicato dos Artistas e Técnicos-SATED).

SALIM MIGUEL

Um pioneiro do cinema catarinense

Salim Miguel, o superintendente da Fundação Franklin Cascaes, foi um dos fundadores do Grupo Sul, movimento cultural que agitou Santa Catarina - e muito especialmente Florianópolis, a partir de 1947. Foi roteirista - junto com a esposa Eglê Malheiros - do primeiro (e ao que se saiba, único, até aqui) longa-metragem realizado no Estado, *O Preço da Ilusão*, rodado em 1957. O casal assinou ainda o argumento e os diálogos do filme. Como bom jornalista que é, no Rio de Janeiro, foi editor da revista *Ficção*, trabalhou nas revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos* e ainda na Agência Nacional. Escritor, tem 14 livros publicados, entre romances, contos e crítica literária. Esse integrante notório do Grupo Sul - movimento cultural que resultou, entre outros, no Museu de Arte de Santa Catarina, o terceiro museu mais antigo do país e que acaba de completar 47 anos de atividade - tem atuação das mais relevantes para a cultura catarinense. Além de homenagear um dos pioneiros do cinema catarinense, justo na véspera do evento maior do setor, a coluna também homenageia uma pessoa que tem plantado sementes muito frutíferas para Florianópolis, a cidade que ontem comemorou 270 anos de fundação.

Avant-première



IVONE MARCARINI/ARQUIVO DC

Salim Miguel foi roteirista do primeiro longa-metragem catarinense

RAIO X

Nome: Salim Miguel
Nascimento: Kfarssouroun/Líbano, em 30/01/1924
Casado com: Eglê Malheiros
Profissão: Jornalista profissional
O que faz: Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, órgão de Cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis
Paixão: A família, a vida, os livros - nesta ou em qualquer outra ordem
Atividades anteriores: Argumentista, roteirista de cinema, editor, jornalista profissional

CATEQUESE CULTURAL

O melhor do Grupo Sul: Mexer com a pasmeira cultural; fazer chegar o modernismo a Florianópolis
Os frutos do Grupo Sul: Mostrar que não há donos da verdade
Como foi trazer para cá uma exposição de arte contemporânea em 1948? Uma barra, mas valeu a pena. Marques Rebelo nos escreveu, sem imaginarmos o desafio, topamos. O re-

sultado aí está
O senhor sente que evoluímos no aspecto cultural? Sim. Em todos os setores.
E a produção cultural catarinense, como vai? Poderia ir melhor. Os poderes públicos apoiam. Poderia ser um apoio mais efetivo. Não paternalista, claro. E a iniciativa privada ainda não se deu conta, como em outros países, que cultura é investimento, não despesa

OPINIÃO

Ontem Florianópolis comemorou 270 anos de fundação. Quais, na sua opinião, são os grandes méritos da cidade? Uma cidade fascinante, um povo acolhedor, bem humorado mesmo nos piores momentos
E as maiores deficiências? Numa capital, a confusão entre as atribui-

ções do município e do Estado; a falta de recursos para a resolução de problemas básicos
Qual o maior prazer no trabalho frente à Fundação Franklin Cascaes? Poder, com a equipe, realizar um bom trabalho e deixar projetos consolidados
E o pior? Ser, por vezes, obrigado a enxugar projetos por falta de mais apoio da iniciativa privada e de órgãos públicos estaduais e federais

Por que com tantas inteligências atuando por aqui, não temos mais nomes brilhando no cenário nacional? Como em tudo o mais, Santa Catarina é tímida, não sabe se lançar e trabalhar por mais espaço
Quais os nomes da nova geração literária que vieram para ficar? A triagem é um problema do tempo. Temos exemplos de nomes que

gem, se alçam e logo somem, reaparecendo ou não mais tarde
Qual o maior mérito da montagem da ópera *O Guarani* em Florianópolis? Trazê-la ao povo, em praça pública; mostrar que também temos gente de valor que pode ser levada para outras plagas

PESSOAL

Compartilhar a vida com uma intelectual, escritora e poeta com a densidade de Eglê Malheiros é...: Instigante, é um desafio contínuo por fazer sempre mais e melhor
Seu maior vício? Não sei. Tenho-os como todos. Costumo dizer que nós valem por nossas qualidades e nossos defeitos
Lazer: Curtir a casa de praia, bater papo, viver a vida plenamente, pois depois dela é o nada
Livro que está lendo: Relendo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; lendo, *Três Histórias de Caça e Pesca*, de Hélio Pólvora
Último filme que viu: *Terra Estrangeira*
Poesia: Sempre Drummond, sempre Cruz e Sousa
Programas de tevê: Jornalismo, futebol, filmes
Compositor nacional: Villa Lobos
Livro: Impossível citar um. Ainda agora, para uma enquete da Fundação Biblioteca Nacional, custei indicar só 25 brasileiros
Autor catarinense: Cruz e Sousa
Algum novo livro em andamento? Três. Um, mais ambicioso, pretende ser a saga da imigração libanesa para o Brasil, centrada na minha família

SÉTIMA ARTE

Como foi fazer um longa-metragem - *O Preço da Ilusão* - em Florianópolis, em 1957? Uma loucura de jovens - o mundo se faz de loucuras. Saímos vendendo cotas, conseguimos, o filme foi concluído, perdido, hoje só existem os 10 minutos finais
Quem o senhor acha que leva jeito para fazer cinema em Santa Catarina? Vários. Sintetizaria num nome, Zeca Nunes Pires
Diretor de cinema preferido: Eisenstein, Orson Welles
Filme: *Cidadão Kane*
E *O Quatrilho*, ganha o Oscar de melhor filme estrangeiro amanhã? Talvez. Não vi os outros, mas na premiação há sempre um componente político e de trabalho da mídia

Escritores: "Um encontro, não um congresso"

Do correspondente

Não repercutiu bem a realização do V Congresso Nacional dos Escritores, encontro que terminou no último sábado em Florianópolis. Já em Santa Catarina o conclave foi acusado de não ser representativo e de ter sido organizado de forma ditatorial. Salim Miguel, escritor de Florianópolis, acusou o presidente da Associação Catarinense de Escritores, Pinheiro Neto, de agir "ditatorialmente", junto com a União Brasileira de Escritores de São Paulo, pois não reuniu a classe para discutir o temário e, ainda, "mentiu ao anunciar os nomes que estariam no congresso, mas que nem haviam sido consultados". Em São Paulo, um comitê de escritores — Cláudio Willer, Eduardo Maffei, Clóvis Moura, Fábio Lucas, Renata Pallottini, Ricardo Ramos, Lygia Fagundes Telles, Rodolfo Konder, Antonio Possidônio Sampaio, Joyce Cavalcante, Ivan Angelo, Caio Fernando Abreu, Ignácio de Loyola Brandão, Jorge Cunha Lima — deve emitir hoje um documento denunciando a maneira como o congresso foi realizado e, também, o não reconhecimento do encontro.

No Sul, as críticas de Salim Miguel são reforçadas por Eglê Malheiros, sua mulher e também escritora catarinense, ao afirmar que o congresso não só foi organizado democraticamente, como os poucos escritores que compareceram, "embora viessem com as melhores das intenções, foram

surpreendidos com o que viram". Cláudio Willer, em São Paulo, aponta que a legitimidade de um congresso nacional e, conseqüentemente, de suas decisões, só ocorre se dele participam delegados estaduais escolhidos democraticamente, o que não aconteceu. "Para esse 'encontro', porque não posso entender essa reunião como congresso, foram convidadas pessoas ligadas ao senhor Rossine Camargo Guarneri, candidato à presidência da UBE (as eleições estão marcadas para março do ano que vem). Nem mesmo a UBE do Rio ou o Sindicato dos Escritores cariocas foram consultados. Só isso já configura a inexistência de representatividade."

Salim Miguel, por sua vez, aponta outras que considera falhas graves, como o fato de não haver ninguém pelo menos se dizendo representante dos escritores de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e vários outros Estados. "Houve discriminação", garante ele, lembrando que alguns vieram por conta própria e outros foram convidados. Citou também o fato do poetacatarinense Guido Vilmar Sasse, que mora no Rio, não ter sido avisado. Há ainda o caso do escritor e ensaísta Nereu Correa (de Santa Catarina), convidado para fazer uma palestra sobre Cruz e Souza, mas depois "desconvidado, sem qualquer explicação".

Cláudio Willer relaciona outros problemas: "Abgvar Bastos, paraense, atual presidente da UBE de São Paulo, representou o Pará; Caio Porfírio Carneiro,

cearense, secretário administrativo da entidade, representou o Ceará; Walter Sampaio, sergipano, outro diretor da União, esteve no congresso como representante do Sergipe. Mas nenhum desses Estados foram consultados, quer dizer, os organizadores desse encontro não perguntaram aos escritores locais quem é que eles queriam como representantes para o congresso. É preciso que fique bem claro: não se trata de questão política interna na União Brasileira dos Escritores de São Paulo. É certo que estamos às vésperas de eleições e achamos até ótimo que haja duas chapas. Nós proporemos a nossa. Mas nesse exato momento nós criticamos a forma ilegítima como esse congresso aconteceu. Eticamente é muito grave. E ninguém pode levar a sério as decisões dele emanadas".

O escritor Carlos Eduardo Novaes, do Rio, reforça as críticas e concorda que o que foi decidido no congresso "não terá repercussão", não passando de Blumenau. "Se esse congresso tivesse representatividade, as questões colocadas seriam completamente diferentes." De acordo com ele, o temário abordou aspectos exaustivamente conhecidos e as denúncias foram feitas de forma emocional. "Embora não tendo confirmado na prática a excessiva interferência dos órgãos oficiais no evento, percebi que muitas figuras presentes são perfeitamente afinadas com o pensamento oficial." Novaes contou, também, que logo que chegou a Florianópolis foi

"surpreendido com a afirmação de que os escritores de Santa Catarina têm sede dentro da Fundação Catarinense de Cultura, um órgão do governo, e isso tira o perfil de uma possível independência dessa associação e já compromete um pouco o caráter do congresso".

Os poucos escritores representativos presentes ao congresso também criticaram a ausência dos estudantes universitários durante os debates. Segundo Novaes, "falávamos uns para os outros, inteiramente ilhados e isolados de um contato que seria profundamente enriquecedor". Isso foi igualmente denunciado pelo escritor Ivan Cavalcante Proença que, além disso, disse que a maioria dos participantes — cerca de 60, no total — eram "muito acadêmicos, voltados para um tipo de produção à sombra do poder, parecendo com aquelas associações lítero-musicais".

Rute Rocha, de São Paulo, lamentou que nem mesmo o aspecto literário foi discutido, quanto mais o Brasil como um todo. A escritora ficou surpresa, porém, ao ver sugeridos a eliminação do ensino do inglês nas escolas e a introdução do ensino do esperanto. "Isso me irrita bastante, porque não são pessoas representativas que fazem esse tipo de sugestão. Um intelectual não pode nunca propor a diminuição, o constrangimento, a divisão". Para todos esses escritores, a "Carta de Nossa Senhora do Desterro", documento final do congresso, pouco significa e não representa o pensamento do escritor brasileiro.

Dia do Livro: escritores e editores criticam pouco caso

Informática não destrói interesse: falta mesmo é mais estímulo à edição e à educação literária

O livro não morre: por mais que se inventem recursos tecnológicos para o trabalho e a distração das pessoas, os milenares volumes manuseados pelo homem continuam mais vivos que nunca, embora no Brasil persistam os antigos problemas de edição, distribuição e leitura.

Na data em que se comemora oficialmente o Dia do Livro (hoje), escritores e jornalistas analisam a falta de hábito dos brasileiros pela leitura, a perspectiva dos exemplares impressos diante da multimídia, e o interesse do Governo Federal em criar mecanismos que viabilizem a produção e incentivem a leitura.

Preocupados com esta situação os Ministérios da Cultura e Trabalho criaram, este ano, a Câmara Setorial do Livro. O objetivo é estudar meios de baratear a edição e incentivar a leitura, num processo que envolve escritores, editores, jornalistas e todas as pessoas engajadas nesta luta. Os livros, gradativamente, vêm sendo oferecidos também sob a forma de recursos eletrônicos, como por exemplo o CD-ROM, mas sua vida não está comprometida, de acordo com profissionais da área.

Quando surgiu a televisão supunha-se que haveria a extinção dos jornais impressos. Mário Pereira assegura que, assim como os jornais, os livros terão vida longa. Eles sofrerão transformações, como a sua transposição para o

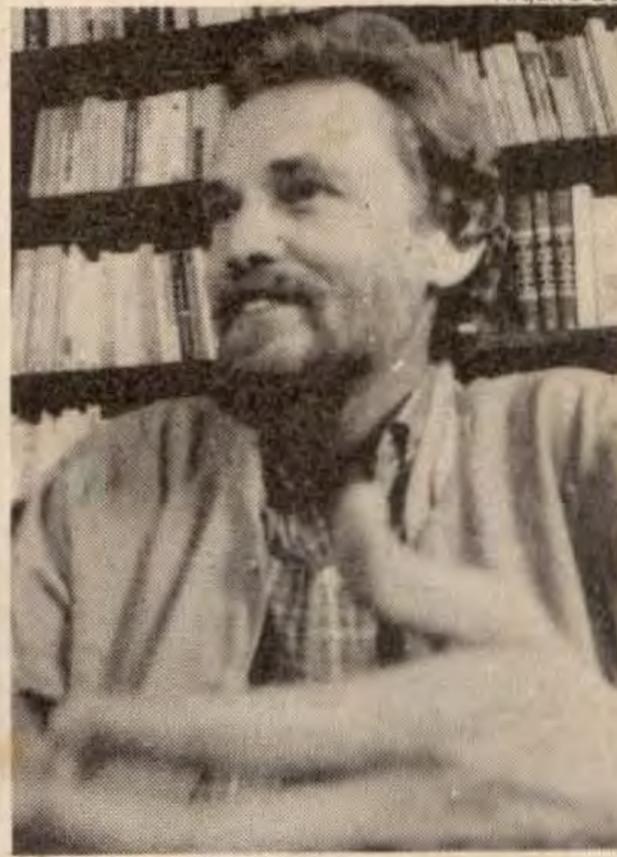


Arquivo OE

Salim: data deveria ser eterna

CD-ROM, mas a tradição de levar o leitor a pensar ainda resiste no material palpável. Os equipamentos de multimídia, segundo Mário, quebram a obrigatoriedade da reflexão, oferecendo um produto acabado. O computador vai funcionar como uma biblioteca eletrônica. O livro impresso supre a necessidade que as pessoas têm de se relacionar com o material, garantindo assim o costume da elite cultural, de manter este personagem vivo.

O escritor e jornalista Salim Miguel diz que lembra desta data, todos os dias, como se ela fosse eterna. Isto porque sente a falta de interesse dos brasileiros pela leitura. No país, com 150 milhões de habitantes, a tiragem de cada obra não ultrapassa três mil exemplares, lembra Salim, observando que é mesma quantidade de quando a população era de 50 milhões de pessoas.



Arquivo OE

Buss: TV pode instigar interesse

Ele atribui esta situação à falta de incentivos tanto na escola quanto no ambiente familiar. As pessoas desconhecem, segundo Salim, a satisfação e o prazer proporcionados pela leitura.

- Espero que esta data sirva para a população refletir sobre a importância deste valioso instrumento de lazer, que é insubstituível, diz o escritor e professor Alcides Buss. Ele vê a leitura como um meio capaz de democratizar o saber e transformar uma sociedade. "É preciso que haja, por parte dos poderes públicos municipal, estadual e federal, o compromisso com a difusão da leitura, principalmente pelos meios de comunicação". Para Buss a televisão é a principal responsável pelo baixo interesse pela leitura e também pode fazer o trabalho contrário, de instigar o interesse.

Prêmio «Cruz e Sousa» repercute nacionalmente

O governo do Estado está lançando, para todo o País, o Prêmio Cruz e Sousa — Concurso Nacional de Poesia, que é o maior prêmio literário já instituído no Brasil e que concederá um milhão de cruzeiros às melhores obras poéticas de autor nacional. O concurso foi lançado oficialmente, a toda a nação, na primeira semana de outubro, no Rio de Janeiro e depois anunciado em Brasília ao Ministério da Educação e Cultura. No último dia 24 foi realizado o lançamento do certame em Florianópolis, numa solenidade no Museu de Arte de Santa Catarina, a qual o governador Jorge Bornhausen esteve presente. O primeiro colocado no Concurso Nacional de Poesia receberá um prêmio de 500 mil cruzeiros. Ao segundo lugar será conferida a premiação de Cr\$ 250 mil e ao melhor poeta catarinense 250 mil cruzeiros.

REGULAMENTO

Na íntegra, é este o regulamento do Concurso:

1o. — O Prêmio Cruz e Sousa se destina a brasileiros residentes no País ou no exterior.

2o. — Os originais do livro, em língua portuguesa, deverão ser enviados em seis vias, em papel formato ofício, datilografados de um só lado, sem limite de páginas.

3o. — Serão classificados três originais: 1o. lugar — Cr\$ 500.000,00; 2o. lugar — Cr\$ 250.000,00 e prêmio especial para autor catarinense — Cr\$ 250.000,00.

4o. — Além dos prêmios em dinheiro, os autores receberão troféu com a efígie do poeta.

5o. — As inscrições estarão abertas do dia 8 de outubro de 1980 até o dia 12 de janeiro de 1981.

6o. — A entrega dos prêmios será feita em Florianópolis na primeira quinzena de abril de 1981.

7o. — A comissão julgadora poderá conceder men-

ções honrosas, recomendando-as para publicação.

8o. — Os originais deverão ser inéditos, sendo que a divulgação dos mesmos, por qualquer meio, no todo ou em parte, eliminará o candidato.

9o. — O autor catarinense — assim considerado o nato ou residente no Estado há cinco anos ou mais, ou, ainda, o que comprovadamente participou ou participe do movimento literário de Santa Catarina, a critério da Comissão Organizadora, para concorrer também ao prêmio especial, deverá indicá-lo na face do envelope que conterá os originais, escrevendo a palavra “Catarinense”.

10o. — Os prêmios não poderão ser acumulados pelo mesmo autor.

11o. — Nos originais deverão figurar apenas o título do livro e o pseudônimo do autor.

12o. — Com os originais o concorrente enviará um envelope lacrado, em cuja face constará o título do livro e seu pseudônimo, contendo em seu interior as seguintes informações: a) título do livro; b) pseudônimo do autor; c) nome completo do autor; d) breve currículo.

13o. — O envelope maior (contendo os originais e o envelope menor) deverá ser endereçado à Fundação Catarinense de Cultura — Rua Victor Konder, 71 — Caixa Postal D-31 — CEP 88.000, Florianópolis, SC, com a indicação: “Ao Prêmio Cruz e Sousa — Concurso Nacional de Poesia”.

14o. — Além do prêmio em dinheiro e do troféu, o primeiro colocado terá o livro editado, para o que cederá os direitos da primeira edição à Fundação Catarinense de Cultura.

15o. — O prazo para a edição será de seis meses a partir da divulgação dos resultados; findo este prazo, os direitos retornarão ao autor, que poderá negociá-lo com qualquer editora.

16o. — A Fundação Catarinense de Cultura terá, igualmente, opção para a edição do segundo colocado.

17o. — A Fundação Catarinense de Cultura constituirá a comissão julgadora com cinco nomes de reconhecido valor nacional.

18o. — As decisões da comissão serão irrecorríveis, reservando-se à mesma o direito de não atribuir qualquer dos prêmios.



O Governador Jorge Bornhausen preside, no Rio, o lançamento oficial do Concurso “Cruz e Sousa”.



O Presidente da ABL, Austregésilo de Atayde, louva a iniciativa do Governo catarinense.



Em Florianópolis o Concurso “Cruz e Sousa” foi lançado no Museu de Artes de SC.



O ator Tony Ferreira, como fez no Rio e outras cidades, apresenta poemas de Cruz e Sousa.



19 AUTORES AUTOGRAFAM

Catarinenses vão tomar conta da Praça hoje

A barraca dos autores catarinenses — ponto de encontro de conterrâneos saudosos — teve intensa movimentação, ontem, com a chegada do grupo de escritores que hoje tomarão conta da praça na sessão de autógrafos. O burburinho e o movimento de reencontro de intelectuais que há muito não se encontravam, o sempre nervosismo dos iniciantes, em conjunto com o humor e a alegria de Guido Wilmar Sassi — autor de "Geração do Deserto", que deu origem ao filme "A Guerra dos Pelados", de Sílvio Back — contagiavam o grupo que passeava pela Praça da Alfândega.

Mas, quem vê tantos títulos dos catarinenses na Praça, não pode imaginar a luta dos escritores para publicar trabalhos e criar um mercado para autores da terra em Santa Catarina. O escritor Salim Miguel — considerado um dos melhores contistas catarinenses — explica que as condições de edição passaram a melhorar depois da criação da Fundação Catarinense de Cultura. Especializada no incentivo das artes em geral, a Fundação vai passar a editar dois títulos por mês.

Aberta a todos os escritores, de todos os gêneros, estreantes ou conhecidos, a Fundação apresenta uma lista de diversas edições a serem autografadas esta tarde. O grande destaque da instituição, no contexto nacional, foi o lançamento do prêmio Cruz e Sousa de poesia, vencido pelo jornalista baiano Ruy Espinheira. Além disso, existe a Associação de Escritores Catarinenses que trava grande batalha para obter a edição dos títulos.

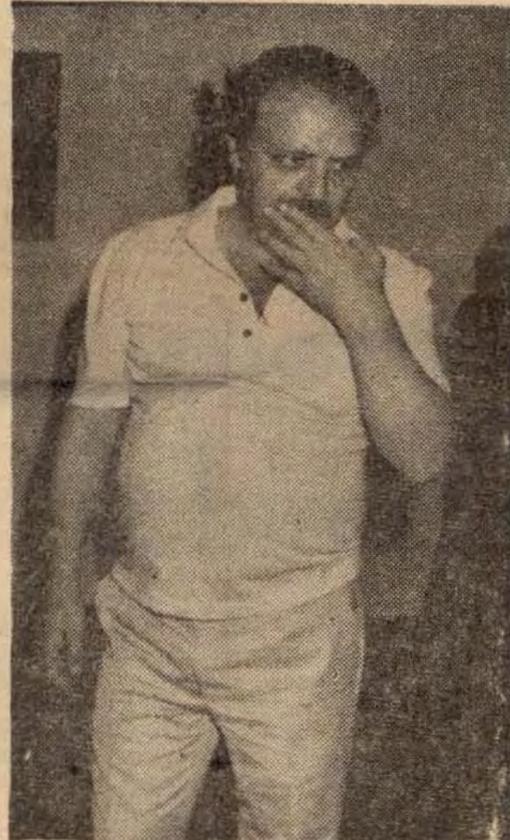
Das edições da Fundação Catarinense de Cultura, com o incentivo do governo de Santa Catarina, estarão autografando 19 autores: "As sombras Luminosas", Ruy Espinheira (Prêmio Cruz e Sousa); "Mulher", Yone Giannetti Fonseca; "As paredes do Mundo", Osmar Pisani; "O Cavalo em Chamas", Silveira de Sousa; "Velhice e Outros Contos", Salim Miguel; "A Coroa no Reino das Possibilidades", Miro Moraes; "Amigo Vêdo", Guido Wilmar Sassi; "Monólogo de uma Cachorra sem Preconceito", Harry Laus; "Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul", Rodrigues Till; "Minha Senhora do Desterro", Pinheiro Neto; "Breve Aro", Júlio de Queiróz; "Meu Chão", Enéas Athanásio; "Um Julgamento Histórico", Tycho Fernandes Netto; "As Brumas Dançam sobre o Espelho do Rio", Urda Alice Klueger; "A Imprensa em Debate", Moacir Pereira; "Os Sete Dias de Agonia", Marcos Konder Reis; "O Estado e a Educação", César Luiz Passoldi; "A Colonização Italiana no Vale do Itajaí", Mirim Roselys Isabel dos Santos; "A Presença Portuguesa na Arquitetura da Ilha de Santa Catarina", Sara Regina Silveira de Sousa.



Ruy Espinheira: ganhador do Prêmio Cruz e Sousa de poesia



Guido Sassi: "A Guerra dos Pelados"



Salim Miguel: "Condições melhores

MERCADO EM EXPANSÃO

Além do Concurso Nacional de Poesia Cruz e Sousa (o maior do gênero no País), a Fundação Catarinense de Cultura procura descobrir valores em concursos regionais. Para isso, existem os prêmios Luiz Delfino, em poesia e Virgílio Várzea, em prosa. Buscando valores e reconhecendo os que já tem, os escritores catarinenses procuram mostrar seu valor no contexto nacional. "Descobrimos que o catarinense estaria em pé de igualdade com os demais valores do País, por isso, resolvemos enfrentar as barreiras da divulgação e tentar colocação no mercado", explica Salim Miguel.

Alguns nomes (poucos) da literatura catarinense conseguiram penetrar no mercado nacional antes da reformulação da estrutura. Entre eles, Guido Wilmar Sassi e Dionísio Silva. Miguel lamenta, apenas, que a tomada de posição não tenha sido anterior: "No passado não temos, além de Cruz e Sousa, nenhum nome representativo", disse. Este lugar de destaque os catarinenses procuram abrir, através do lançamento de seus autores na Feira do Livro.

A temática trabalhada pelos escritores também varia de acordo com a região em que vivem ou trabalham. Na Capital figura principalmente a ficção. A poesia encontra maior número de adeptos no interior do Estado. Já a temática também varia de acordo com a região. Mas Salim Miguel destaca, predominantemente, três elementos básicos: o mar, a literatura regional (representada por Guido Wilmar Sassi), a ficção intimista e psicológica. Além disso, existe uma criação experimental de poesia em linguagem concretista.

O mercado para livros continua precário. Miguel acredita que os meios de comunicação de massa restringem, ainda mais, o público leitor. Ele cita também os problemas financeiros para aquisição do livro. Porém, acredita que as edições da Fundação — com dois ou três mil exemplares — vão conseguir criar um mercado consumidor para o autor catarinense, dentro e fora do Estado.

Para Silveira de Sousa, autor, de "Cavalo em Chamas", ainda não existe a possibilidade da criação de feiras de livros em Florianópolis. Ele explica que estão tentando criar a experiência, a nível regional, para fomentar o hábito da leitura. A principal preocupação dos escritores catarinenses é conseguir formas de divulgar o material produzido, para permitir maior conhecimento dos escritores catarinenses, não apenas na cidade, mas no País.

Grupo idealizou um livro sobre tradições da Praça XV

A Feira do Livro não é só o conjunto de autógrafos ou de vendas. É também o momento em que também novas idéias de futuros livros terminam por surgir. Foi o que ocorreu ontem, entre alguns escritores reunidos na cidade. Oriundos de diversos pontos do país, Salim Miguel e Flávio José Cardozo, de Florianópolis; Flávio Moreira da Costa, gaúcho residente no Rio de Janeiro; Luis de Miranda e Ary Quintella, mineiro que hoje vive em Brasília, almoçando no Chale da Praça XV, resolveram produzir um livro em torno das tradições da praça, que todos conhecem.

O volume, que se denominará "Praça XV", já tem dois títulos definidos: Flávio José Cardozo terá um conto denominado "O Cheiro da Dona Maria", referindo-se ao Restaurante Dona Maria, ao tempo em que ele atuava na Editora Globo; Salim Miguel terá um texto intitulado "Atenção, Firme", sobre os fotógrafos "lambe-lambe" que atuam na praça; os demais escritores resolverão até 31 de dezembro do corrente ano, o aspecto a ser focado. O volume terá coordenação do jornalista

Antonio Hohlfeldt, que fará a pesquisa histórica em torno da área, devendo a obra

ser lançada na próxima Feira do Livro, em Porto Alegre.



Os escritores na Praça XV



Do início do século, passando pelos anos 50 (foto), o Chalé é um marco portoalegrense

Escritores 'conservam' em livro velho Chalé da Praça XV, de Porto Alegre

● PORTO ALEGRE (O GLOBO) — Num dia de muito calor, em novembro de 1981, durante a realização da Feira do Livro de Porto Alegre, um grupo de escritores reuniu-se na Praça XV para almoçar no tradicional "Chalé". Um "lambe-lambe" foi chamado para registrar o encontro e, revelada a foto, surgiu a idéia: por que não se fazer um álbum que fixasse, em textos de cada um dos presentes, a lembrança que o local lhes trazia? Assim surgiu o livro "Chalé da Praça XV", lançado ontem nesta capital, com textos de Antônio Holfeldt, Ary Quintella, Flávio Moreira da Costa, Flávio José Cardoso, Luís de Miranda e Salim Miguel. Os escritores, além de amigos, têm em comum a ligação sentimental com a Praça XV e o seu velho chalé, uma casa que desde o final do século passado vem servindo chope aos porto-alegrenses. A preocupação dos autores, segundo o organizador da obra, Antônio Holfeldt, não foi a de realizar um simples documento histórico.

— Nós nos propomos — explicou ele — a escrever algo vivo, sobre as pessoas que freqüentam a praça, os bebedores de chope do "Chalé", muitas das quais nem são notadas. O resultado final foram contos e poesias que mostram a maneira de cada um ver a praça e o "Chalé".

Num bar da cidade, uma história de amor

O catarinense Flávio Cardoso, um dos ganhadores do Concurso Nacional de Contos do Paraná, morou 15 anos em Porto Alegre, trabalhando na Editora Globo, que funcionava na Praça XV. Em sua crônica "Linda, em todo o caso", Cardoso fala do "Chalé" como "uma instituição amada e preservada por gerações, onde se bebe o chope dos chopos". E lembra os velhos bondes, que tinham na Praça XV seu ponto final. Lembra também seus

colegas da Globo — entre outros Érico Veríssimo, Mário Quintana, Leonel Vallandro — que se encontravam na praça. O carioca Ary Quintella, hoje radicado em Porto Alegre, narra uma história em torno do "Chalé", intercalada com momentos de uma viagem ao sul. E o libanês naturalizado brasileiro Salim Miguel fala de um "lambe-lambe" da Praça XV em seu conto "Atenção, firme". O poeta gaúcho Luís de Miranda faz sua "Profissão de fé ao Chalé da Praça XV". E Flávio Moreira da Costa, também do Rio Grande do Sul, mas radicado no Rio, — e um dos vencedores do Concurso do Paraná — 79 — conta em "Enterrem meu coração no Chalé da Praça XV" uma história de amor entre um pintor e uma jornalista. Editado sob o patrocínio da Prefeitura de Porto Alegre, o livro foi lançado no "Chalé", com a presença dos autores e muito chope de graça, além do som da banda municipal. A venda dos exemplares vai ser doada aos menores abandonados de Porto Alegre.

Folha da Tarde

P. Alegre - 18/19 dez 1982

Ivette Brandalise

De festas e espetáculos

Uma beleza a festa de lançamento do álbum "O Chalé da Praça XV", promovida pela Prefeitura, Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Divisão de Cultura, tendo como cenário o Chalé, naturalmente. Como personagens principais, os escritores Antônio Hohlfeldt (também vereador), Ary Quintella, Flávio José Cardozo, Flávio Moreira da Costa, Luiz Miranda, Salim Miguel e Celso Marques da Silva que, com sua fotografia, fez brotar a idéia do álbum.

Ainda como personagens totalmente integradas ao espetáculo, gente ligada à música, à literatura, às artes plásticas, ao teatro, frequentadores do Chalé e frequentadores da Praça XV, todos embalados pela saudade despertada pelo conjunto de Demóstenes Gonzales, com cantoras excelentes, lembrando músicas de Paulo Coelho e Lupicínio Rodrigues. E entre livros, histórias, saudades, braços, abraços, os garços corriam equilibrando nas bandejas os copos de chope. Aquele chope divino que há anos (ou quase um século) vem promovendo encontros nos fins de tarde no Chalé.

Fervo de gente, música, alegria, enquanto os autores distribuíam autógrafos, a fila crescendo diante de Celso Marques da Silva, o lambe-lambe que, escondido atrás do pano preto, registrou a fecundação de uma idéia. Registrou o momento de encontro, num mesmo afeto ou num mesmo tema, de três gaúchos (Antônio, Luiz Miranda e Flávio Moreira da Costa), um carioca (Ary Quintella), um catarinense (Flávio José Cardozo) e um libanês (Salim Miguel) que, ao se naturalizar brasileiro, dividiu o coração em duas partes, deixando uma aqui no Rio Grande e levando a outra para Santa Catarina.

E aí está "O Chalé da Praça XV" que, além dos textos, tem fotografias, também excelentes, que contam, em preto e branco, a história da Praça XV. Ou um pouco da história de todas as pessoas que viveram ou passaram por esta cidade de Porto Alegre, no século XX.

Mas, depois do Chalé, meu programa continua sendo à beira da piscina do União. Não de biquini, exposta ao sol, mas com os olhos mergulhados na água, tentando vencer, em nado de peito, borboleta, livre ou de costas, as distâncias que a minha ansiedade faz aumentar. Enquanto as crianças deslizam tranquilas, faturando pontos, eu somo conquistas e vou acrescentando medalhas nas paredes dos meus olhos.

E é carregada de medalhas que eu pretendo assistir ao espetáculo que o grupo "Os Pretensiosos" continua apresentando no auditório do Instituto Goethe. Mesmo porque não teria tempo de tirá-las. Este é o último fim de semana para ver "Mulheres Resistindo — sob o signo de Brecht", com roteiro e direção de Arines Ibias e um dos bons elencos que é possível formar em Porto Alegre neste momento. Ida Celina, Izabel Ibias, Miriam Ribeiro, Neila Kiesling formam o elenco, que conta, ainda, com a participação especial de José Baldissera, um senhor ator.



Na Praça XV os autógrafos do Álbum

Álbum sobre a Praça XV reúne cinco escritores num retrato do Brasil

ROBERTO ANTUNES FLECK

Num dos dias da Feira do Livro de 1981, cinco escritores — Ary Quintella, Flávio Moreira da Costa, Flávio José Cardoso, Antônio Hohlfeldt, Salim Miguel e Luiz de Miranda — batiam um papo descontraído regado a muito chope no chulé da Pça. XV. Era um almoço de amigos onde surgiu a idéia: Cardoso pensava escrever algo sobre o cheiro emanado do restaurante "Dona Maria" localizado, ali próximo, na José Montauray. Flávio apenas buscava recordar os anos em que trabalhara na Livraria do Globo, com pessoas das quais hoje sente saudade, quando assistia ao vaivém dos tipos humanos, interessantes, que compõem a velha praça, tradicional reduto da cidade.

O encontro era agradável e o chope continuava freqüentando a mesa. Um fotógrafo, Celso Marques da Silva, com 32 anos de serviços prestados à história dos lambe-lambe na Praça XV, foi convidado a registrar aquela passagem dos escritores pelo chulé. Ninguém acreditava que a idéia de cada um escrever sobre o lugar, para, mais tarde, se transformar num belo álbum, com textos e fotos que o evocam e também traçam um perfil da situação do Brasil no início dos anos 80, poderia vingar. Pensaram, naquele momento, que o porre de chope os faria esquecer o assunto, mas a idéia não foi desprezada. Antônio Hohlfeldt foi incumbido de recolher todo o material a ser enviado por cada um dos escritores. Um prazo foi marcado: 31 de dezembro do ano passado. E, assim, a partir de um encontro no chulé e uma fotografia à lambe-lambe surge hoje o álbum que recebeu tratamento da artista gráfica Maria Valadão.

CINCO VISÕES

Nesse álbum, que está à venda por Cr\$ 2 mil na sede do Movimento Assistencial de Porto Alegre, no edifício da Prefeitura Velha, e no Centro Municipal de Cultura, na livraria "Autores Nossos", cada escritor diz, à sua maneira, do seu recado, inspirado na Praça XV. Salim Miguel toma o passado e o futuro e faz uma antevisão do que será Porto Alegre daqui a 30 anos a partir de um personagem "Tu-teu-tio". O narrador usa as três pessoas do singular para contar o que

sente sobre a Praça XV. Salim percorre seu conto da circunstância de hoje existir os fotografos do lugar — os "lambe-lambe" — à autofotografia, com uma visão cética sobre o futuro, concluindo que o tempo de amanhã será pior que o de agora devido à situação política ainda mais negra.

Por ser jornalista e não ficcionista ou poeta ("Nunca cometi poemas nem aos 15 anos"), Antônio Hohlfeldt preferiu seguir o caminho do jornalista: contar a história da praça, pesquisando-a, numa síntese que se coadunasse com o clima dos textos de todos os outros escritores. Há uma relação emocional, no texto do jornalista e agora vereador pelo PT, com a Praça e todo o espaço que a circunda: o Mercado Público, o Mercado de Flores, a Livraria do Globo, ambientes que compõem à evocação histórica do local.

"IMPUBLICÁVEL"

Ary Quintella deixou "jorrar o inconsciente", sem se preocupar com o passado, o presente ou o futuro. Ele quis sentir a Praça XV, construindo um enredo "impúblicável", conforme sua observação, "Sem Comentários", acrescenta, rindo, Maria Valadão.

"Homem de Bar", Luiz de Miranda, poeta publicitário e jornalista, confessa que só amanhece depois da meia-noite. O bar do chulé da praça serve de cenário para suas reflexões sobre a poesia. Seu poema procura "reafirmar a palavra poética como uma esperança. Há na emoção do poema uma capacidade de fazer com que a poesia transcenda o coração do mundo. Há também um ato de amor às palavras e à literatura, uma verdadeira profissão de fé, aliás o nome do poema".

Depois de perceber que seu conto sobre o cheiro do restaurante Dona Maria estava muito autobriográfico, por ter trabalhado ali nas imediações, na Livraria do Globo, Flávio Cardoso resolveu abandonar a idéia e evocar a praça a partir de sua visão dos altos do velho prédio da livraria, de onde retirou material para suas reflexões, ao sabor de uma crônica, sobre o que é aquele ponto turístico-humano de Porto Alegre.

DUPLO ROMANCE

Já Flávio Moreira da Costa contou uma "histó-

ria singela" de um artista plástico que vai dos 18 anos à idade madura, saindo de Porto Alegre para retornar à cidade alguns anos mais tarde. Num romance paralelo, o artista mantém um outro caso amoroso, desta vez com uma jornalista.

Há no álbum, editado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, uma recomposição da cidade, sublinham os cinco escritores. Seus textos falam de Erico Veríssimo, da Livraria do Globo, de Lupicínio Rodrigues, dos poetas do século passado, como Alceu Wamosy, da Voluntários da Pátria, do Mercado Público, dos bondes... Não é apenas um retrato urbano a partir do qual surgiram textos de escritores do sul. Há todo um registro histórico não só de cada um dos autores dos textos, como de Porto Alegre, dando a "sensação perfeita" do que acontece no Brasil no início desta década. A vida brasileira está no álbum, extrapolando a evocação da praça, da cidade ou do Rio Grande do Sul.

SEM CENSURA

Com 32 anos de trabalho como "lambe-lambe" Celso Silva, o fotógrafo que fez o retrato dos cinco escritores, naquele dia de novembro de 1981, se sente feliz ao ver seu trabalho gerar a idéia de um álbum: "Se soubesse disso não teria cobrado a fotografia..." Celso é um dos sete fotógrafos que compõem uma família de profissionais que atuam na praça há muitos anos.

Sem qualquer censura, a edição da obra foi financeiramente assumida pela SMEC. Essa atitude do poder público, ressalta Antônio Hohlfeldt, de não examinar previamente os textos conferiu aos escritores liberdade absoluta para registrarem seus pensamentos. O órgão municipal respeitou a sugestão dos autores, feita em forma de proposta por escrito, de não sofrerem qualquer pressão sobre seus trabalhos. Atualmente há 328 exemplares do álbum à disposição do público nos dois locais de venda em benefício do MAPA. A edição será completada até chegar aos dois mil exemplares nos próximos dias ou semanas. Problemas de impressão, revelou uma fonte da SMEC, fizeram com que a Secretaria devolvesse à editora muitos dos dois mil exemplares encomendados para que fossem refeitos.

O CHALÉ DA PRAÇA XV

Antonio Hohlfeldt
Ary Quintella
Flávio José Cardozo
Flávio Moreira da Costa
Luiz de Miranda
Salim Miguel



Capa do álbum que será lançado hoje

“O Chalé da Praça XV” tem lançamento à tarde no lugar que o inspirou

A partir das 19 horas de hoje, no Chalé da Praça XV, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre promove o lançamento, com sessão de autógrafos, do álbum “O Chalé da Praça XV”.

Trata-se de um álbum, editado através da Secretaria Municipal de Cultura, com organização do jornalista Antônio Hohlfeldt, enfocando, com textos de Ary Quintella, Flávio Moreira da Costa, Flávio José Cardozo, Luís de Miranda e Salim Miguel, além do próprio coordenador, os vários aspectos do velho Chalé e da Praça XV, um dos marcos mais significativos e identificadores da cidade.

IDEIA

O volume foi idealizado no ano passado, quando estes escritores, almoçando no Chalé, durante a Feira do Livro, resolveram fixar o encontro amigo com uma imagem do fotógrafo lambelambê, típico do local. Depois veio a organização dos textos, e enfim a busca de um patrocinador, o que foi assumido pela Prefeitura Municipal, que,

através deste lançamento, comemora também o final da administração do prefeito Guilherme Socias Villela, durante oito anos, à frente do município.

Todos os escritores estarão presentes ao ato, que terá sessão de autógrafos, participação da Banda Municipal e rodada de chope oferecida pela direção do Chalé.

CONTEÚDO

Antônio Hohlfeldt responde por uma síntese histórica das várias etapas por que passou a praça. Ary Quintella assina um conto intitulado “Kissimus”. Flávio Moreira da Costa assina um outro conto — de amor — intitulado “Enterrem meu Coração no Chalé da Praça XV”; Flávio José Cardozo assina uma crônica em que relembra os tempos da Editora Globo, sediada nos fundos da praça; o poeta Luís de Miranda realiza um de seus mais belos poemas sobre a praça e os que a frequentam, enquanto Salim Miguel também escreve um conto enfocando, na mesma dinâmica que tem

caracterizado sua obra, isto é, as relações entre o universo brasileiro e o libanês, o futuro da praça, com um misto de ficção científica.

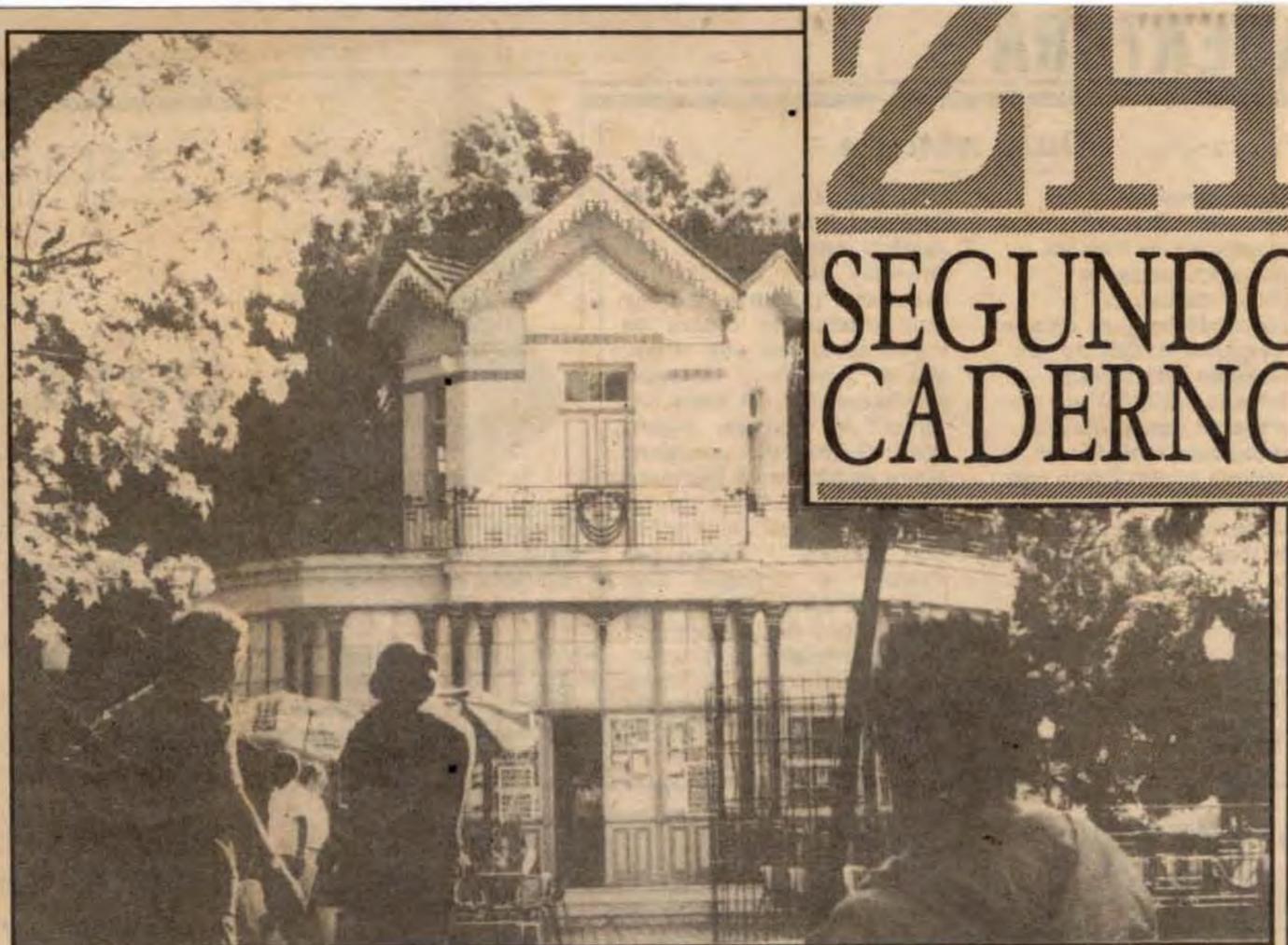
O álbum é ainda ilustrado com fotografias antigas e atuais da praça, a cargo de fotógrafos da Empresa Jornalística Caldas Júnior e do próprio organizador do volume, cuja editoração gráfica, primorosa, coube a Maria Baladão e Mércio Ruas.

Depois do lançamento, parte desta edição será utilizada pelo Gabinete do prefeito como brinde de fim de ano às visitas que forem ao Paço Municipal; e outra parte será comercializada através da livraria “Autores Nossos”, ao preço de dois mil cruzeiros, com renda entregue ao MAPA — Movimento Assistencial de Porto Alegre.

“O Chalé da Praça XV” é um álbum que se insere na melhor tradição dos livros de arte que enfocam aspectos históricos das cidades e regiões dos países, guardando um pouco da memória destes povos e de sua história.



Velhos tempos...



Novos tempos

ZH SEGUNDO CADERNO

O CHALÉ DA PRAÇA XV

Segundo Antônio Hohlfeldt, Ary Quintella,
Flávio José Cardozo, Flávio Moreira da
Costa, Luiz de Miranda e Salim Miguel

A memória de Porto Alegre, que não é das mais conservadas, embora existam algumas associações e pessoas dedicadas a isso, acaba de receber uma importante contribuição, com a publicação do álbum *O Chalé da Praça XV*, elaborado pelo escritor e vereador eleito Antônio Hohlfeldt, com apoio do prefeito Guilherme Socias Villela e da secretária municipal de Educação e Cultura, J. Ester von Zuccalmaglio, que gostaram da idéia e patrocinaram a impressão do livro. Mas a idéia surgiu durante um dia quente da Primavera de 1981, quando três escritores gaúchos, um carioca, um catarinense e um libanês — reunidos em Porto Alegre para participar da XXVII Feira do Livro — resolveram tomar alguns chopes e almoçar no Chalé da Praça XV, ponto tradicional da cidade, local preferido pelos fotógrafos "lambe-lambe", diante da grande movimentação de populares, gente do povo, doutores, políticos e poetas que, diariamente, passam por ali, param para bater um papo, comprar flores, frutas ou, simplesmente, estão à procura do ônibus que os levará para casa.

Os seis foram contagiados pela magia do Chalé e comprometeram-se, entre si, que cada um escreveria alguma coisa sobre aquela área ou colocaria no papel algo que tivesse sido despertado pelo ambiente em que fortuitamente se encontravam. O resultado foi este último, com dezenas de fotos da área, e textos de Antônio Hohlfeldt, gaúcho, Ary Quintella, carioca, Flávio José Cardozo, catarinense, Flávio Moreira da Costa, gaúcho, Luiz de Miranda, gaúcho, e Salim Miguel, libanês naturalizado brasileiro, atualmente residindo em Florianópolis.

O álbum, além de uma contribuição para a memória da cidade, é uma homenagem aos "lambe-lambe". Aquele recanto não poderia receber menos: "Alma da cidade, o Chalé da Praça XV - diz J.

Ester von Zuccalmaglio — vem abrigando sucessivas gerações de porto-alegrenses que se deixam seduzir pela morna indolência de estar ao lêu, sem maiores compromissos, vendo apenas a gente passar, gozando a sombra das figueiras e das paineiras, fiscalizando com humor abrandado o trabalho dos fotógrafos lambe-lambe — remanescentes de um burgo ainda sem pressa, que entende que o progresso pode conviver com os valores tradicionais. A velha e querida casa de chope assistiu a tantas conversas intelectuais (e outras nem tanto), que hoje já se pode orgulhar de ser o documento vivo de nossa cultura. Frequentaram suas mesas nomes que chamaríamos de ilustres, mas que ali, tocados pela mágica do ambiente, deixavam de lado a atividade dita séria para divagarem, expor seus sonhos, fazer projetos, construir obras monumentais, ciclópicas..."

Os autores que escreveram sobre o Chalé da Praça XV estarão autografando o álbum, hoje, na própria praça, a partir das 19 horas. Antônio Hohlfeldt, satisfeito com o resultado final da idéia nascida na Primavera de 81, pretende repeti-la em outros bairros e locais da cidade, procurando fazer, no mínimo, duas publicações por ano. Nelas, certamente, não ocorrerá a falha que houve nesta: algumas das fotografias, principalmente as que têm a pessoa humana como foco principal, deveriam ter sido legendadas, para que o leitor saiba de quem se trata.

REPORTAGEM

Álbum em homenagem à praça e seu chalé

Porto Alegre Muito Alegre é o show que acontece hoje, no Chalé da Praça XV de Novembro, para marcar o lançamento do álbum "Chalé da Praça XV". Com a colaboração da Prefeitura, Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Divisão de Cultura do órgão, a renda revertirá para o Movimento Assistencial de Porto Alegre.

Os textos do bellissimo trabalho que é este álbum, são de Antônio Hohlfeldt, Ary Quintella, Flávio José Cardozo, Flávio Moreira da Costa, Luiz de Miranda e Salim Miguel. E eles explicam, na apresentação do trabalho — dedicado, aliás, "Aos lambe-lambe da Praça XV" — como nasceu a idéia:

"Num dia bastante quente da Feira do Livro de Porto Alegre, em 1981, um grupo de amigos e escritores reuniu-se na Praça XV, decidindo almoçar no chalé. Do Chopp à comida, um lambe-lambe foi chamado para fixar o flagrante e alguém então sugeriu: por que não fazer um álbum que fixasse, em textos de cada um

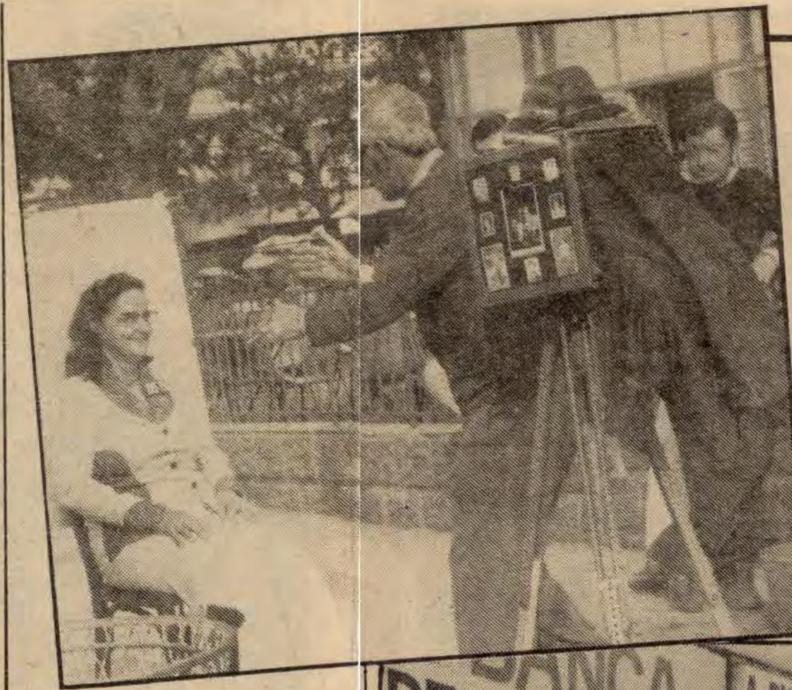
dos presentes, mais do que aquele momento, a lembrança que aquele momento provocaria em cada um?

Imediatamente, dois dos amigos criaram suas situações, posteriormente recriadas no texto, enquanto os demais comprometiam-se a pensar no assunto. Fixou-se prazo: o livro seria lançado um ano depois, na mesma Feira do Livro. Escritor é bicho di-

ficil de cumprir prazo, mas a promessa se cumpriu: a colaboração da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, através de seu titular, Guilherme Socias Villela, e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, na pessoa de Ester von Zuccalmaglio, permitem que o livro esteja em suas mãos. A eles, os agradecimentos destes autores, que destacam, ainda e sobretudo, aquelas

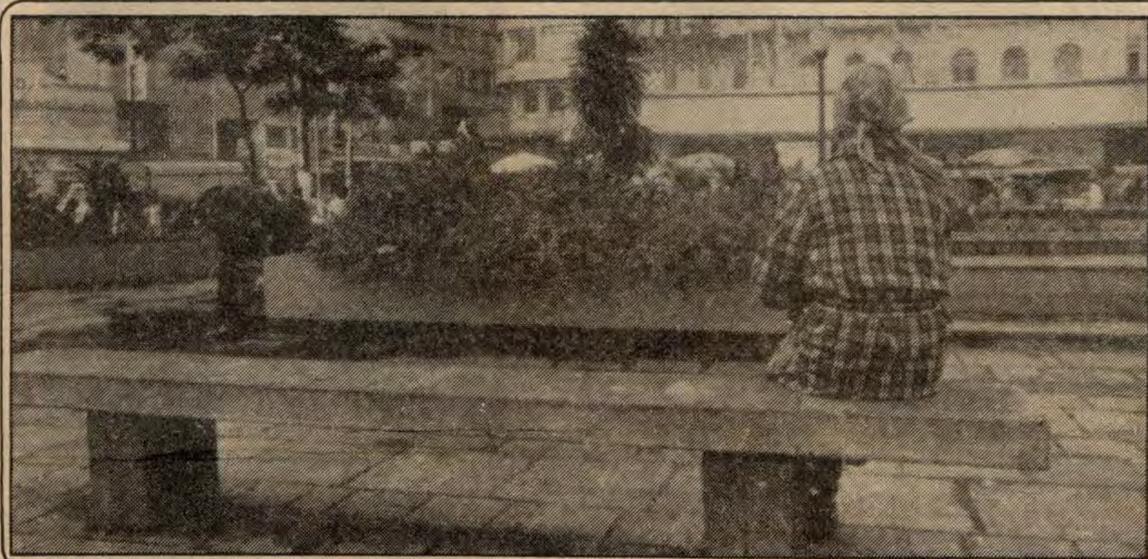
pessoas que transformaram a Praça XV numa imagem viva deste Porto dos Casais".

As fotografias que ilustram o álbum são de Abelardo Marques Neto, Alfonso Abraham, Antônio Hohlfeldt, Floriano Bortolucci, J. Ernesto, Mauro Mattos e Victor Teixeira. Foram reveladas nos laboratórios da Empresa Jornalística Caldas Júnior.



"... O lambe-lambe endireitou a máquina, apoiada num tripé, esconde o rosto por detrás do pano preto. Todos compuseram caras. Um pôs a língua para fora, a moça de Santa Catarina ajeitou os cabelos curtos, o "pêlo duro" mal teve tempo de tirar o cigarro da boca, fiquei com vontade de rir e minha testa franziu-se"...

(ARY QUINTELLA)



"... Às vezes, uma praça é imensa, imensíssima até, maior mesmo que o universo possível e imaginável, só por causa de um banco. Mas a Praça Quinze tem certamente as suas entidades preciosas, reconhecíveis pelo mais cego dos homens. A começar pelo Chalé, aí à esquerda..."

(FLÁVIO JOSÉ CARDOZO)



"... E quantas vezes tomara batida (com a ida para o Rio virou 'vitamina': sempre confundia essas palavras) de banana ou abacate. Notou, constrangido, um ar de decadência..."

(FLÁVIO MOREIRA DA COSTA)

"... O chalé ergue bandeirolas como a sinalizar esperanças, mesas e cadeiras projetam labirínticas sombras sobre o lajeado, as árvores são muito mais esbeltas que o maior arranha-céu, porque contam histórias, mais de um século delas, e abrigam o ontem e o hoje, produzindo, quem sabe, o amanhã..."

(ANTÔNIO HOHLFELDT)



Escritores Flávio José Cardoso, Salim Miguel e Marieta Telles Machado no lançamento, em Goiânia, do Prêmio Cruz e Sousa



O escritor Salim Miguel veio a Goiânia para lançar o concurso nacional de romance e explicou aos autores goianos o trabalho que vem desenvolvendo a Fundação Catarinense de Cultura

Brasigóis Felício

PRÊMIO CRUZ E SOUSA DARÁ UM MILHÃO AO MELHOR ROMANCE

Os escritores catarinenses Salim Miguel e Flávio José Cardoso lançaram na AABB, na última segunda-feira, o Prêmio Cruz e Sousa (Concurso Nacional de Romance), que é promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina. Salim Miguel é autor de ficção, já muito conhecido em todo o país. Foi um dos editores da Revista "Ficção", que circulou até o 46º número, divulgando o melhor da ficção moderna brasileira. Já Flávio Cardoso é diretor da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, sendo também um escritor muito apreciado. Já publicou, pela Editora Globo, "Ninguacho", livro de contos, e "Zélica e outros", pela Editora Francisco Alves.

O lançamento, em Goiânia, do Prêmio Cruz e Sousa foi prestigiado pela presença de grande número de escritores goianos, que foram convidados pelos autores catari-

nenses a participar deste certame que é, hoje, um dos mais importantes do país, não só pelo volume da premiação que oferece. O concurso, instituído através da Fundação Catarinense de Cultura, fertilizou a vida literária no país, reconhecendo a necessidade da participação do catarinense no trabalho criativo que se desenvolve por todo o Brasil. O êxito alcançado pela promoção, que reuniu, no primeiro concurso, 2.300 concorrentes, consolidou a validade da iniciativa, trazendo a certeza, a partir de agora, da sua continuidade como projeto permanente. O presidente da Ube-Go, Aidenor Aires, saudou em nome dos autores goianos os dois escritores vi-

sitantes, enfatizando a importância dos mecanismos de estímulo à criação literária. Lamentou que a descontinuidade dos incentivos que se criam para essa área prejudique e seja uma triste tradição de nossos governos, desejando que o lançamento do certame encontre em Goiás boa receptividade, por parte dos escritores.

O escritor Salim Miguel agradeceu a presença dos escritores goianos ao lançamento do Prêmio Cruz e Sousa. Disse do sucesso de que foi revestido o I Concurso, dedicado ao gênero poesia, assinalando a competência da comissão julgadora, composta por nomes como Ferreira Gullar, Armindo Trevisan, Marcos Konder Reis, Ado-

nias Filho e Fausto Cunha: "É preciso chamar a atenção para a mercadoria livro, que é muito desprestigiada no Brasil. Tanto que são consideradas best-sellers as obras que vendem três mil exemplares". Salim Miguel explicou que a rotatividade de gênero se deve à preocupação de evitar que autores concorram, todos os anos, com as mesmas obras, o que acontece muito nos concursos de um só gênero literário. Salim Miguel explicou sua frase citando palavras do crítico Fausto Cunha: "Posso não ser a maior autoridade em literatura brasileira, mas o sou, seguramente, em relação à literatura inédita". Com efeito, Fausto Cunha vem participando das comis-

sões julgadoras de quase todos os prêmios literários importantes no país, e isso lhe confere, efetivamente, muita autoridade sobre a matéria.

Os autores goianos interessados em participar do Concurso Nacional de Romance (Prêmio Cruz e Sousa) deverão obedecer o seguinte regulamento: os originais o livro, em língua portuguesa, deverão ser enviados em seis vias, em papel formato ofício, datilografado de um só lado, sem limite de páginas. Serão classificados três originais, concedendo-se um milhão de cruzeiros para o 1º colocado, 500 mil para o 2º classificado, e mais 500 mil para o melhor autor catarinense. As inscrições estarão abertas de 16 de abril a 15

agosto de 1982. Com os originais o concorrente enviará um envelope fechado, em cuja face constará o título do livro e o seu pseudônimo, contendo em seu interior as seguintes informações: título do livro, pseudônimo do autor, nome completo e breve currículo do autor. O envelope maior, contendo os originais e o envelope menor, deverá ser endereçado à Fundação Catarinense de Cultura, rua Victor Konder, 71, caixa postal D-31, Cep 88.000, Florianópolis, Santa Catarina, com a indicação "Ao Prêmio Cruz e Sousa - Concurso Nacional de Romance". Além do prêmio em dinheiro, o primeiro colocado terá o livro editado, para o que cederá os direitos à Fundação Catarinense de Cultura. O prazo para a edição será de seis meses a partir da divulgação dos resultados; findo este prazo, os direitos retornarão ao autor. A comissão julgadora será constituída por 5 nomes de reconhecido valor nacional. Será dado um prazo de 60 dias para que os autores retirem os originais não premiados. Esgotado este período, todos os originais serão incinerados.

163

Santa Catarina premia o melhor romance brasileiro

Correio Braziliense - 4/6/82

Os meios literários brasileiros começam a se mobilizar para o Prêmio Cruz e Souza - instituído pelo Governo de Santa Catarina - e que este ano tem como objetivo premiar o gênero romance. As inscrições permanecem abertas até o dia 15 de agosto, podendo participar brasileiros residentes no país e no exterior. Para o escritor Salim Miguel, membro da Comissão Organizadora do concurso, a repercussão da iniciativa no ano passado levou o Governo catarinense a investir mais no certame, dobrando o valor dos prêmios.

Francisco Gualberto



O escritor Salim Miguel é um dos organizadores do Cruz e Souza - Romance

Segundo o regulamento os concorrentes deverão enviar os originais, datilografados em seis vias, de um só lado, sem limite de páginas. Nos originais devem figurar o título do romance e o pseudônimo do autor. Com os originais, o autor deve mandar um envelope fechado, em cuja face constará o título do livro e seu pseudônimo, contendo em seu interior o título da obra, pseudônimo do autor, nome completo do autor, e um breve currículo. O envelope maior, contendo o menor e os originais, deve ser enviado à Fundação Catarinense de Cultura, rua Victor Konder, 71, caixa postal D-31, CEP 88.000, Santa Catarina. Deve conter a indicação "Ao Prêmio Cruz e Souza - Concurso Nacional de Romance".

Na opinião do contista Flávio José Cardozo diretor industrial da Imprensa Oficial de Santa Catarina, há um esforço do governo no sentido de descobrir

novos autores a divulgar as manifestações culturais do Estado. Tanto que a Imprensa Oficial, em convênio com a Fundação Catarinense de Cultura, já publicou cerca de 30 títulos nos últimos dois anos, incluindo as obras premiadas no "Cruz e Souza" do ano passado. O projeto editorial da Imprensa Oficial, no seu entender, publica obras a preço de custo, para que os autores possam ter seus escritos em livros.

No entanto, conforme esclarece o contista, a ocupação de uma fatia da produção literária do Estado, por parte da editora oficial, não chega a prejudicar a iniciativa privada. "A indústria do gênero é muito pequena para absolver a oferta. Por isso tem que haver o apoio oficial. Mesmo porque as duas editoras particulares que existem não bancariam a publicação de determina-

das obras", afirma Flávio. O grande objetivo - prossegue ele - é fazer com que Santa Catarina divulgue seus valores culturais, sendo a literatura e as artes plásticas os dois segmentos mais significativos no momento. Tanto que o governo instituiu o Projeto Identidade Catarinense, cuja meta é promover um levantamento dos valores culturais de toda região. "O maior problema enfrentado é o da distribuição, mas a Fundação Catarinense de Cultura tem procurado solucionar, firmando contratos com empresas distribuidoras", acrescenta.

ROMANCE:

A reação positiva do concurso lançado no ano passado, como esclarece Salim Miguel, fez com que o governo do Estado procurasse investir ainda mais no Prê-

mio Cruz e Souza. Este ano, ao primeiro lugar será dado o prêmio de 1 milhão de cruzeiros, enquanto o segundo colocado ficará com 500 mil. Para os escritores do Estado, um incentivo: o melhor original de autor de Santa Catarina receberá 500 mil cruzeiros. A Fundação Catarinense de Cultura se compromete ainda a publicar as obras premiadas no prazo máximo de seis meses. Se a publicação não ocorrer no período determinado, o autor terá o direito de mandar seus originais a uma editora particular. Ainda: se, ao se esgotar a primeira edição, o autor e a Fundação Catarinense de Cultura não chegarem a um acordo, para a segunda, poderá ser feita negociação com alguma editora que oferecer melhores vantagens. Salim Miguel recorda que em 81 a poesia despertou o interesse de autores de todos os Estados. "Nós estávamos esperando em torno de 3 a 4 mil pedidos de regulamento. No entanto, tivemos que atender a mais de 8 mil. Foram 2 mil e 300 concorrentes, sendo o número maior, do Rio. O menor foi de Mato Grosso do Sul, que teve apenas um", informou ele. Este ano, apenas o gênero romance pode concorrer.

A partir dos resultados, o Governo de Santa Catarina já pensa em enviar projeto à Assembleia Legislativa, com o objetivo de transformar a iniciativa do prêmio em instrumento legal. Com isso, independentemente da vontade dos governos, o incentivo à produção cultural esta-

ria assegurado. "O governo sente que é preciso fazer um trabalho abrangente, dentro do Projeto Identidade Catarinense. E o Prêmio Cruz e Souza já se revelou como uma iniciativa bem-sucedida", acrescenta, por sua vez, Flávio Cardozo. Este ano, a Comissão Julgadora do Prêmio Cruz e Souza é formada por escritores de renome, como Antônio Houaiss, Guilhermino César, Hélio Pólvora, Nereu Corrêa, e Oto Lara Rezende.

Os dois escritores que falam do Prêmio Cruz e Souza já se tornaram conhecidos dos meios literários catarinenses e do país. Salim Miguel é autor de "A Morte do Tenente e Outras Mortes", "Velhice, e outros Contos", tendo prontos um volume reunindo artigos sobre ficção latino-americana, uma farsa em três atos, uma novela e um volume de contos. Fez parte do movimento cultural que ficou conhecido como "Grupo Sul", de 1948 a 1958. Salim foi ainda um dos editores da revista "Ficção" e atualmente colabora com diversos jornais.

O contista Flávio José Cardozo já publicou obras como "Singradura", "Zélica e outros", sendo um dos vencedores de I Concurso de Contos do Paraná e de outros certames literários. Atualmente é diretor da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina e responsável pela edição de mais de trinta títulos de autores catarinenses de outros Estados. (Carlos Araújo).

Por que o conto seduz escritores e leitores? Evelyn Schulke, da AE

O conto — um gênero fascinante para quem escreve, uma leitura gostosa para quem lê, o livro que dificilmente encaixa nas livrarias — esse foi o tema central da I Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, que dedicou seu seminário todo a uma revisão do conto no Brasil, e que foi dinamizada pela ruidosa movimentação de contistas das mais diversas correntes, tendências, estilos e sotaques.

A partir das 15h, boa parte dos visitantes da Bienal foi se dirigindo ao anfiteatro do Palácio das Convenções do Anhembi, onde começava o Seminário de Literatura Brasileira, com três expositores convidados a dirigir a palestra: Fábio Lucas, Luiz Costa Lima e Walnice Galvão. Com um público formado por estudantes universitários, estudiosos e muitos contistas, o conto foi dissecado sob vários ângulos e teorias. E boa parte dos contistas presentes também não recusou o convite de formar uma espécie de mesa-redonda onde cada um colocaria seus principais pontos de vista sobre o conto e seus desdobramentos no Brasil.

Assim, num ambiente descontraído, vieram primeiro (coincidentemente os três primeiros colocados no Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira 82) Hélio Pólvora, Renard Quintas Perez e Aldyr Garcia Schelle. Depois chegaram Ricardo Ramos, Salim Miguel, Julieta de Godoy Ladeira, e, de vez em quando, passavam escritores como Adonias Filho, Lygia Fagundes Telles, Edilberto Coutinho, sempre prontos a participar de uma ou outra questão mais controvertida.

FASCÍNIO DO CONTO

Hélio Pólvora, que espera ser julgado mais como ficcionista do que como crítico literário, atividade que exerce profissionalmente há muitos anos, foi o primeiro a opinar sobre o fascínio do conto sobre o escritor brasileiro:

— Talvez por ser justamente um texto curto, o conto se presta mais a experiências formais, seduzindo o escritor e o leitor. É um gênero que, tendo brevidade, tende à integralidade. É, em resumo, o desafio do espaço a ser preenchido pela forma.

Autor de "Os Galos da Aurora" (58), "A Mulher na Janela" (62), "Estranhos e Assustados" (66), "Noites Vivas" (72), "Massacre no KM 13" (80) — todos contos de uma novela, "O Menino do Cacau" (79) e de dois livros de ensaio — "A Força da Ficção" (70) e "Graciliano, Machado, Drummond e outros" (71), Hélio Pólvora apresenta o colega Renard Perez, autor da novela "O Beco" (52), do livro de contos "Os Sinos" (54), do romance "Começo de Caminho: o áspero amor" (68), da obra de viagem e memórias "Chão Galego" (72), dos contos "Irmãos da Noite" (79) e de dois volumes intitulados "Escritores Brasileiros Contemporâneos". Apesar da diversificação ficcional e de suas atividades jornalísticas circunstanciais, Renard Perez diz que "gostaria de ser considerado mais como ficcionista e, de preferência, mais como contista".

Estabelecidas as preferências, o dois afirmam que "no Brasil chove mais conto e poesia do que romance ou qualquer outro gênero", e justificam o fato com o imediatismo da publicação:

— Quando se escreve conto há um interesse quase que certo de inseri-lo em página de jornal ou revista. Já o romance enfrenta essa dificuldade e talvez aí esteja a explicação da preferência pelo conto.

Fazendo uma retrospectiva do conto no Brasil, Hélio Pólvora destaca o marco fundamental, Machado de Assis, seguramente o primeiro escritor brasileiro a praticar o conto com empenho formal, enriquecendo seus textos curtos com elementos anedóticos, fantásticos e de atmosfera ou "de situação".

— Depois dele vieram os premodernistas, entre eles o eterno esquecido Adelino Magalhães, o muito lembrado Lima Barreto, ou Ribeiro Couto e Origenes Lessa, que carregaram essa tendência até 1922, quando se repensou a literatura tentando reaproximá-la dos temas nacionais. Veio então o conto coloquial, a urbanização, o cinema, o automóvel, e toda uma era de expansão urbana refletiu-se na ficção curta de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Antonio de Alcântara Machado. Entre eles e os ficcionistas realistas estão João Alphonsus, Aníbal Machado e Marques Rebelo.

FICÇÃO REALISTA

Hélio Pólvora e Renard Perez citam o advento da ficção realista calcada na integração homem-terra com o romance de ficção nordestina e, em seguida, o conto com características de retratar o homem brasileiro primeiro esmagado por sua paisagem, a seguir convivendo com ela e, finalmente, psicossocialmente a ela integrado. É a vez de Graciliano Ramos, de Monteiro Lobato e de vários nomes contemporâneos:

— Finalmente chegamos a hoje. Pois bem, nesse ciclo regionalista na linha do realismo psicológico, situam-se Ricardo Ramos, Jorge Medauar, Moreira Campos, Adonias Filho, Edilberto Coutinho, Bernardo Ellis, Juarez Barroso, Caio Porfírio Carneiro, Simões Lopes Neto e outros.

Entre os "outros" está o próprio Hélio Pólvora. Se até então a retrospectiva seguia uma linha de raciocínio tranquila, bastou mencionar a palavra "regionalismo" para que vários contistas recém-chegados comessem a agitar o ambiente. Lembrou-se que no seminário do dia anterior um dos conferencistas pediu perdão pela "má palavra", referindo-se ao regionalismo.

— Como se o autor com acento regional hoje não fosse, casualmente, aquele que está dando maior densidade à prosa de ficção no Brasil — disse Ricardo Ramos.

Com a presença de Julieta de Godoy Ladeira, Edilberto Coutinho e Salim Miguel, todos são unânimes ao detectar um forte preconceito por parte dos teóricos da literatura em relação ao regionalismo na literatura:

— Regionalismo não existe mais. Não dá mais dicotomia.

O país está integrado. Ficção regional e urbana convive pacífica e paralelamente. Acontece que ainda confundem regionalismo com caipirismo, que ainda existe mais na literatura urbana que na de acento regional.

Quem diz isso é Hélio Pólvora. Todos concordam, e Hélio Pólvora pede licença para continuar o raciocínio.

PRECONCEITO

— Literatura regional é preconceito. É uma literatura que, segundo a cabeça dessa gente (críticos, professores universitários) está centrada numa região, numa determinada situação social e econômica e que por isso mesmo seria menos universal que o conto ou romance passado em Ipanema. Por que um conto passado em Ipanema é mais universal que um conto de Ricardo Ramos ou de um Moreira Campos, do Ceará? Só pelo fato de se passarem em cidades de regiões em desenvolvimento? Literatura boa é feita pelo homem em todas as latitudes e longitudes, esteja ele em Ipanema ou no sal do Rio Grande do Norte. Desde que haja verdade ficcional, a literatura é boa. Então não se admite esse tipo de preconceito.

Voltando ao resumo da trajetória do conto no Brasil, com a ajuda dos vários participantes, Hélio Pólvora vai destacando nomes e correntes:

— Na corrente introspectiva, de "caráter penumbriado" estão Clarice Lispector, Samuel Rawet, Lygia Fagundes Telles, Osman Lins — em "Os Gestos", Salim Miguel, Aufran Dourado. A ficção urbana tem Dalton Trevisan, Ricardo Ramos, João Antônio, Rubem Fonseca, Julieta de Godoy Ladeira, Renard Perez, Moacyr Scliar. O realismo mágico traz Murilo Rubião, J.J. Veiga, Caio Fernando Abreu e novamente Osman Lins. A literatura "pop" é representada por Roberto Drummond e a ficção científica por Fausto Cunha e Jerônimo Monteiro.

Sem lamentar a condição de escritor num país de poucos leitores, tanto Hélio Pólvora, Renard Perez, Ricardo Ramos, Edilberto Coutinho como Julieta de Godoy Ladeira ou Salim Miguel afirmam que "o que atrapalha a literatura é a universidade, o academismo e o conservadorismo literário, não como criação, mas como divulgação".

— A deformação do professor universitário é que, em vez de ele estudar a obra a partir da própria obra, estuda a obra a partir da teoria. A maior parte deles chega a ignorar a obra. Conhece a tese do ensaísta e quando ele se aplica à obra, muito bem. Caso contrário, a obra cal fora.

Traçando o perfil do escritor brasileiro hoje, eles relembram a visão romântica da sociedade brasileira de até 1930, quando a literatura era feita por jornalistas e funcionários públicos. Depois, com a industrialização do país, a literatura começou a ser feita por "impuros" os profissionais liberais nem sempre diretamente ligados às letras:

— O homem de negócios, o engenheiro, o publicitário. Isso não é bom nem ruim. É um fato que evidencia um Brasil diferente, onde o escritor sozinho não sobrevive e normalmente alia uma ou mais profissões à condição de autor — afirma Ricardo Ramos.

O gaúcho Aldyr Schelle, terceiro colocado no concurso, quase que rigorosamente inédito até agora apesar de fazer literatura desde 1960, é um exemplo típico do escritor em busca de edição:

— Obtive êxito em alguns concursos anteriores, tenho textos meus incluídos em antologias, mas livro mesmo não tenho. Minha trajetória é típica de quem luta para não parar de escrever. Fui jornalista até 1964 e estou no magistério superior desde essa data.

CAMINHOS

Diante desse exemplo, todos questionam seus próprios caminhos. Ao contrário das conferências do seminário, os contistas acreditam que hoje não há mais fronteiras entre o rural e o urbano; que hoje uma literatura de lastro regional tem densidade e urbanização crescentes; que boa parte dos autores que entram com uma literatura localizada no interior transferiu seus temas para ambientes urbanos e que, não ocasionalmente, são esses os que arriscam no experimentalismo, nas novas técnicas na revalorização inclusive do próprio gênero.

A visão dada até agora — diz Hélio Pólvora — diferencia-se muito do seminário. Lá eles nos vêm de fora para dentro. Aqui, quem fala é justamente quem faz.

— É difícil esperar uma harmonia entre quem faz e quem estuda literatura — completa Ricardo Ramos. Essa dualidade entre o professor e o crítico e o escritor, de um lado, proporciona uma visão de arte de fora para dentro com a perspectiva distante, e, de outro, uma visão de dentro e envolvida. Quem vê a literatura à distância tende a formular regras e querer validá-las através de autores. Já o escritor tem uma visão não-organizada, nem mesmo esquemática da literatura.

— Por isso tudo — prossegue Edilberto Coutinho — é muito importante que se examine cada livro, porque cada texto novo pode anular a obra anterior.

Acima de tudo isso — finaliza Ricardo Ramos — existe uma universidade e na crítica brasileira uma forte tendência conservadora que vem resultando, no mínimo, em só apreciar devidamente autor morto e não suscetível de trazer problemas. Deixo aqui um exemplo concreto: o Osman Lins, ex-autor combatido e combativo, ex-professor universitário que abandonou o magistério depois de denunciar as graves deformações dos problemas inculturais em "Evangelho da Tava", depois de morto passou a ser convincentemente estudado e logo adotado. Enquanto isso, ninguém, em momento algum, fez referência a Samuel Rawet, que marca um dos momentos mais altos da história do conto brasileiro.



Na Praça XV os autógrafos do Álbum

Copie do Livro 17-12-82

Álbum sobre a Praça XV

reúne cinco escritores num retrato do Brasil

ROBERTO ANTUNES FLECK

Num dos dias da Feira do Livro de 1981, cinco escritores — Ary Quintella, Flávio Moreira da Costa, Flávio José Cardoso, Antônio Hohlfeldt, Salim Miguel e Luiz de Miranda — batiam um papo descontraído regado a muito chope no chalé da Pça. XV. Era um almoço de amigos onde surgiu a idéia: Cardoso pensava escrever algo sobre o cheiro emanado do restaurante "Dona Maria", localizado, ali próximo, na José Montauray. Flávio apenas buscava recordar os anos em que trabalhara na Livraria do Globo, com pessoas das quais hoje sente saudade, quando assistia ao vaivém dos tipos humanos, interessantes, que compõem a velha praça, tradicional reduto da cidade.

O encontro era agradável e o chope continuava frequentando a mesa. Um fotógrafo, Celso Marques da Silva, com 32 anos de serviços prestados à história dos lambe-lambe na Praça XV, foi convidado a registrar aquela passagem dos escritores pelo chalé. Ninguém acreditava que a idéia de cada um escrever sobre o lugar, para, mais tarde, se transformar num belo álbum, com textos e fotos que o evocam e também traçam um perfil da situação do Brasil no início dos anos 80, poderia vingar. Pensaram, naquele momento, que o porre de chope os faria esquecer o assunto, mas a idéia não foi desprezada. Antônio Hohlfeldt foi incumbido de recolher todo o material a ser enviado por cada um dos escritores. Um prazo foi marcado: 31 de dezembro do ano passado. E, assim, a partir de um encontro no chalé e uma fotografia à lambe-lambe surge hoje o álbum que recebeu tratamento da artista gráfica Maria Valadão.

CINCO VISÕES

Nesse álbum, que está à venda por Cr\$ 2 mil na sede do Movimento Assistencial de Porto Alegre, no edifício da Prefeitura Velha, e no Centro Municipal de Cultura, na livraria "Autores Nossos", cada escritor diz, à sua maneira, do seu recado, inspirado na Praça XV. Salim Miguel toma o passado e o futuro e faz uma antevisão do que será Porto Alegre daqui a 30 anos a partir de um personagem "Tu-teu-tio". O narrador usa as três pessoas do singular para contar o que

sente sobre a Praça XV. Salim percorre seu conto da circunstância de hoje existir os fotógrafos do lugar — os "lambe-lambe" — à autofotografia, com uma visão cética sobre o futuro, concluindo que o tempo de amanhã será pior que o de agora devido à situação política ainda mais negra.

Por ser jornalista e não ficcionista ou poeta ("Nunca cometi poemas nem aos 15 anos"), Antônio Hohlfeldt preferiu seguir o caminho do jornalista: contar a história da praça, pesquisando-a, numa síntese que se coadunasse com o clima dos textos de todos os outros escritores. Há uma relação emocional, no texto do jornalista e agora vereador pelo PT, com a Praça e todo o espaço que a circunda: o Mercado Público, o Mercado de Flores, a Livraria do Globo, ambientes que compõem a evocação histórica do local.

"IMPUBLICAVEL"

Ary Quintella deixou "jorrar o inconsciente", sem se preocupar com o passado, o presente ou o futuro. Ele quis sentir a Praça XV, construindo um enredo "impúblicável", conforme sua observação. "Sem Comentários", acrescenta, rindo, Maria Valadão.

"Homem de Bar", Luiz de Miranda, poeta publicitário e jornalista, confessa que só amanhece depois da meia-noite. O bar do chalé da praça serve de cenário para suas reflexões sobre a poesia. Seu poema procura "reafirmar a palavra poética como uma esperança. Há na emoção do poema uma capacidade de fazer com que a poesia transcenda o coração do mundo. Há também um ato de amor às palavras e à literatura, uma verdadeira profissão de fé, aliás o nome do poema".

Depois de perceber que seu conto sobre o cheiro do restaurante Dona Maria estava muito autobiográfico, por ter trabalhado ali nas imediações, na Livraria do Globo, Flávio Cardoso resolveu abandonar a idéia e evocar a praça a partir de sua visão dos altos do velho prédio da livraria, de onde retirou material para suas reflexões, ao sabor de uma crônica, sobre o que é aquele ponto turístico-humano de Porto Alegre.

DUPLO ROMANCE

Já Flávio Moreira da Costa contou uma "histó-

ria singela" de um artista plástico que vai dos 18 anos à idade madura, saindo de Porto Alegre para retornar à cidade alguns anos mais tarde. Num romance paralelo, o artista mantém um outro caso amoroso, desta vez com uma jornalista.

Há no álbum, editado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, uma recomposição da cidade, sublinham os cinco escritores. Seus textos falam de Erico Verissimo, da Livraria do Globo, de Lupicínio Rodrigues, dos poetas do século passado, como Alceu Amoroso, da Voluntários da Pátria, do Mercado Público, dos bondes... Não é apenas um retrato urbano a partir do qual surgiram textos de escritores do sul. Há todo um registro histórico não só de cada um dos autores dos textos, como de Porto Alegre, dando a "sensação perfeita" do que acontece no Brasil no início desta década. A vida brasileira está no álbum, extrapolando a evocação da praça, da cidade ou do Rio Grande do Sul.

SEM CENSURA

Com 32 anos de trabalho como "lambe-lambe" Celso Silva, o fotógrafo que fez o retrato dos cinco escritores, naquele dia de novembro de 1981, se sente feliz ao ver seu trabalho gerar a idéia de um álbum: "Se soubesse disso não teria cobrado a fotografia..." Celso é um dos sete fotógrafos que compõem uma família de profissionais que atuam na praça há muitos anos.

Sem qualquer censura, a edição da obra foi financeiramente assumida pela SMEC. Essa atitude do poder público, ressalta Antônio Hohlfeldt, de não examinar previamente os textos conferiu aos escritores liberdade absoluta para registrarem seus pensamentos. O órgão municipal respeitou a sugestão dos autores, feita em forma de proposta por escrito, de não sofrerem qualquer pressão sobre seus trabalhos. Atualmente há 328 exemplares do álbum à disposição do público nos dois locais de venda em benefício do MAPA. A edição será completada até chegar aos dois mil exemplares nos próximos dias ou semanas. Problemas de impressão, revelou uma fonte da SMEC, fizeram com que a Secretaria devolvesse à editora muitos dos dois mil exemplares encomendados para que fossem refeitos.

Prêmio Cruz e Souza será de Cr\$ 1 milhão

O Prêmio Cruz e Souza, promovido pelo governo de Santa Catarina dentro do Concurso Nacional de Romance, vai dar Cr\$1 milhão ao primeiro colocado e Cr\$500 mil ao segundo, além de um prêmio especial de Cr\$500 mil para autor catarinense. No último concurso, realizado ano passado e dedicado à poesia, o vencedor foi Ruy Espinheira Filho e o segundo lugar ficou com uma poetisa mineira, Yone Gianetti Fonseca.

Para divulgar o concurso, estiveram em visita ao ESTADO DE MINAS os senhores Salim Miguel e Flávio Cardoso, escritores e assessores da Secretaria de Comunicação Social do governo de Santa Catarina, acompanhados de Felipe Machado, da Empresa Brasileira de Notícias em Belo Horizonte.

A comissão julgadora para este ano é formada por Antônio Houaiss, Hélio Pólvora, Nereu Correu e pelos escritores mineiros Guilhermino César e Otto Lara Rezende.

O regulamento do Concurso Nacional de Romance é o seguinte:

1º — O Prêmio Cruz e Souza se destina a brasileiros residentes no País ou no exterior

2º — Os originais do livro, em língua portuguesa, deverão ser enviados em 6 (seis) vias, em papel formato ofício, datilografados de um só lado, sem limite de páginas.

3º — Serão classificados 3 (três) originais:

1º lugar — Cr\$1.000.000,00

2º lugar — Cr\$500.000,00

Prêmio especial para autor catarinense — Cr\$500.000,00.

4º — As inscrições estarão abertas de 16 de abril a 15 de agosto de 1982.

5º — A entrega dos prêmios será feita em Florianópolis, em 30 de outubro de 1982.

6º — Os originais deverão ser inéditos, sendo que a divulgação dos mesmos, por qualquer meio, no todo ou em parte, eliminará o candidato.

7º — O autor catarinense, nato ou residente no Estado há 5 (cinco) anos ou mais, ou, ainda o que comprovadamente participou ou participe do movimento literário de Santa Catarina, a critério da Comissão Organizadora — para concorrer também ao prêmio especial, deverá indicá-lo na face do envelope que conterá os originais, escrevendo a palavra "Catarinense".

8º — Os prêmios não poderão ser acumulados pelo mesmo autor.

9º — Nos originais deverão figurar apenas o título do livro e o pseudônimo do autor.

10 — Com os originais o concorrente enviará um envelope fechado, em cuja face constará o título do livro e o seu pseudônimo, contendo em seu interior as seguintes informações:

a — Título do livro.

b — Pseudônimo do autor.

c — Nome completo do autor.

d — Breve currículo.

11 — O envelope maior (contendo os originais e o envelope menor) deverá ser endereçado à Fundação Catarinense de Cultura, Rua Victor Konder, 71, Caixa Postal D-31 CEP 88.000 — Florianópolis, Santa Catarina, com a indicação: "Ao Prêmio Cruz e Souza — Concurso Nacional de Romances".

12 — Além do prêmio em dinheiro, o primeiro colocado terá o livro editado, para o que cederá os direitos da primeira edição à Fundação Catarinense de Cultura.

13 — O prazo para a edição será de 6 (seis) meses a partir da divulgação dos resultados; findo este prazo, os direitos retornarão ao autor, que poderá negociá-los com qualquer editora.

14 — A Fundação Catarinense de Cultura terá, igualmente, opção para a edição do segundo colocado.

15 — A Fundação Catarinense de Cultura constituirá a Comissão Julgadora com cinco nomes de reconhecido valor nacional.

16 — As decisões da Comissão serão irrecorríveis, reservando-se à mesma o direito de não atribuir qualquer dos prêmios.

17 — Será dado um prazo de 60 (sessenta) dias para que os autores retirem os originais não premiados; esgotado este período, todos os originais serão incinerados.

18 — A remessa dos originais constituirá, por si só, a inscrição no Concurso, de acordo com a aceitação, por parte do concorrente, das normas contidas no presente regulamento.

19 — Os casos omissos serão decididos, em conjunto, pelas Comissões Julgadora e Organizadora do Concurso.



Salim Miguel e Flávio Cardoso estão divulgando o concurso Cruz e Souza

Est. de M. Gerais - Souza 6/6/82

Cinema catarinense, em livro

O livro O Cinema em Santa Catarina de José Henrique Nunes Pires, Norberto Depizzolatti e Sandra de Araújo que faz uma retrospectiva das produções de cineastas catarinenses será lançado às 21h de hoje no Reçaka bar.

FÁBIO BRUGGEMANN

EXISTE cinema em Santa Catarina? Quem não acredita poderá perder o ceticismo hoje a partir das 21h no Reçaka bar, av. Beira-mar Norte. Não será apresentado nenhum filme, mas haverá o lançamento do livro *O Cinema em Santa Catarina*, escrito por José Henrique Nunes Pires, Norberto Depizzolatti e Sandra de Araújo. Eles tiveram a colaboração de Andréa Grossenbacher, Elizabeth Bieging, Maria Eremita Nesj, Simone Garcia e Tayana Oliveira. É mais um lançamento da Editora da UFSC em co-edição com a Embrafilme.

Quem espera um grande arquivo sobre a produção cinematográfica poderá se decepcionar. Não que o trabalho seja

ruim, pelo contrário, mas é que todos os dados sobre as produções realizadas aqui e mais as realizadas fora, mas com gente daqui (que dá quase metade do livro) cabem numa publicação de 125 páginas.

O livro é dividido em cinco capítulos. O segundo é dedicado ao filme que mexeu com a pacata e provinciana Florianópolis de 1957, *O Preço da Ilusão*. Hoje restam apenas 15 minutos, porque na época as três cópias em 35mm sumiram ninguém sabe como. E esses 15 minutos restantes foram recuperados da única cópia em 16mm. *O Preço da Ilusão* foi resultado de muitas discussões estéticas do Grupo Sul, um Grupo que fazia de tudo: teatro, cinema, literatura, e que se deu melhor na arte das letras mesmo. O amadorismo era tanto que até erros primários, como de continuismo, existiu. O filme foi um fracasso.

Nesse mesmo capítulo há uma parte que fala das produções Carreirão. Eram filmes publicitários e o principal cliente era o governo do estado e ainda um texto sobre o cinema novo em Florianópolis, que foi uma semana de exibição de filmes como *Arraial do Cabo*, de Sarraceni e *A Grande Feira*, um longa dividido em cinco partes dirigido por Joaquim Pedro, Miguel Borges, Marcos Farias, Leon Hirzman e Cacá Diegues, produzido pelo CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE.

As outras partes são sobre o Guca (Grupo Universitário de Cinema Ama-

dor), Grupo formado por pessoas ligadas à Universidade e que chegaram a produzir alguns curtas em 16mm. O filme *Olaria*, de 1976, dirigido por Deborah Cardoso e Nelson Machado chegou a receber um prêmio da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Há uma filmografia, relacionando todas as obras produzidas da década de 60 até hoje. Tanto nas bitolas 35mm e 16mm como em super 8. A lista maior, obviamente, é a das produções em super 8, que eram mais baratas e de fácil manuseio, bitola que hoje não vale mais a pena ser usada, a não ser para concorrer em Gramado. Segundo porque é impossível fazer cópias e não há retorno comercial nenhum. A única vantagem é a possibilidade de fazer exercícios, assim como o vídeo cassete. Hoje as pessoas que ainda têm coragem e audácia, palavra usada como título de uma mostra realizada em 1985, estão produzindo em 16mm, mesmo com dificuldades.

O último capítulo é dedicado aos catarinenses que não moram mais em Santa Catarina como Sílvio Back, que Glauber Rocha chamava de *cacique do sul*, autor de *Aleluia Gretchen*. Rogério Sganzerla, o irrequeto e vanguardista do *Bandido da Luz Vermelha* e do último *Nem Tudo é Verdade*, sobre a vinda de Orson Welles ao Brasil. Sganzerla é, sem dúvida, autor de uma das melhores películas do cinema nacional, que é justamente o *Bandido*, produzido em 1968.

Há ainda uma parte dedicada a Mar-

cos Farias, morto em 1985, um dos cineastas que pretendia fazer de Florianópolis um pólo de produção cinematográfica. Falhou. Ody Fraga, autor de filmes pornográficos, feitos aqui em Florianópolis o *A Fêmea do Mar* e João Calegari, um provável desconhecido que hoje produz filmes publicitários e já trabalhou com Sganzerla e Carlos Reichenbach, também fazem parte dos que foram embora.

Alguns parágrafos do livro mostram a realidade e a dificuldade que é fazer cinema, principalmente em Santa Catarina. "Foi preciso deixar Santa Catarina...", disse Marcos Farias. Poderíamos, sim, ter uma produção local variada e boa, não fosse a falta de meios de produção. A Cinemateca Catarinense, que os autores do livro são também criadores, necessita de um apoio maior. Cinema é uma brincadeira cara e uma arte seríssima e talvez a mais importante.

Com o filme *Bruxas*, um curta em 16mm, dirigido pelo cineasta Mauro Faccioni Filho, financiado pela Embrafilme e responsável pela co-edição desse livro, espera-se que finalmente o pessoal se anime e parta para o segundo longa e que não tenha o destino de *O Preço da Ilusão*. Gente para isso existe, falta apenas que instituições e algumas empresas, aproveitando a lei Sarney, auxiliem nos projetos dos poucos e corajosos cineastas catarinenses. "Só a obsessão faz cinema neste país", alertou Cacá Diegues.



Lilian Bassanesi e Celso Borges em O Preço da Ilusão

BIFRONTISMO

Dois em um

Trajatória sem tragédia da poesia ao pragmatismo



A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta, de Salim Miguel. Tchê, 322 páginas; CZ\$

Carlos Sandroni

UM romance de geração: a idéia, que se encontra na base de obras tão dispares quanto a de Sérgio Sant'Anna, que leva precisamente este nome, e o **Encontro** marcado de Fernando Sabino, inspira também esta "ficção/ montagem/ colagem (ou biografia imaginária)", como a qualifica seu autor nas primeiras páginas.

A geração, no caso, é o grupo de escritores e intelectuais catarinenses que durante a década de 50 procurou renovar o ambiente cultural de seu estado, através de um movimento que ficou conhecido como Grupo Sul.

E o romance, como no caso de Sant'Anna, resolveu-se num falso romance — algo que se promete como um romance, apresenta-se editorialmente como tal, mas inscreve a frustração que é seu tema na própria forma do texto: ali, uma peça de teatro; aqui, um agregado de depoimentos, contos, poesias.

Tal agregado, de e sobre o personagem-título Sezefredo das Neves, vai compondo uma figura de duas faces, cuja "vida breve" como poeta deu lugar em certo momento a uma segunda vida — presume-se, longa — como bem-sucedido empresário.

Do primeiro, espécie de síntese de todos os jovens promissores, autodidatas, inevitavelmente alheios aos problemas materiais e cheios de veleidades literárias, é traçado um retrato bastante denso e detalhado.

Do segundo, porém, a narrativa desvia o olhar, com certo pudor. Nela, o sucesso empresarial arranca dos sonhos juvenis

a possibilidade de realização, transforma-os em puerilidades. Contraposição algo maniqueísta que expressa talvez verdade profunda sobre a condição de certa classe de artistas e intelectuais em nosso país. De fato, é notório que a arte como empreendimento bem-sucedido no Brasil encontra-se de modo geral sob suspeita (e não importa se com razão ou não em cada caso).

Salim Miguel não se limita à técnica já relativamente conhecida de atribuir o texto ("um manuscrito, naturalmente", como em **O nome da rosa**) a interposta pessoa. Este procedimento, que possibilita certo distanciamento por parte do autor em relação à obra — pois institui um simulacro de autor que mediatiza a relação daquele com o leitor — é aqui elevado ao quadrado: o autor fictício, Sezefredo das Neves, não deixou exatamente um manuscrito, mas uma "maçaroca", um conjunto disperso e fragmentado de textos, que será organizado em sua forma definitiva pelo narrador do livro. O qual, aliás, também não se pode afirmar com toda certeza que seja o próprio Selim Miguel.

Este achado estruturante, se é responsável por grande parte do interesse do livro, também não deixa de responder pela desigualdade dele: é como se alguns dos defeitos e irresoluções do próprio Sezefredo se impregnassem no resultado final, que deveria, ao contrário, transfigurá-los sob seu próprio prisma.

A obra constitui-se, ademais, num importante depoimento sobre os percalços do fazer literário fora dos chamados centros culturais do país. Os retratos da cidadezinha natal e da capital do estado com sua sociedade são, como nos filmes de Fellini, reminiscências a um tempo ferinas e comovidas.

Carlos Sandroni é graduado em Letras e autor de um ensaio sobre Mário de Andrade: Mário contra Macunaína.

Paiol

Farra na tevê

Foi somente graças aos vários anos de rádio e televisão, aliados a uma postura natural e convincente, que o secretário da Comunicação, Antunes Severo, conseguiu passar para o público, na última terça-feira, parte da mensagem que levou a São Paulo.

Armada até os dentes e predisposta não a ouvir e a esclarecer, mas a mater o que fora dito na semana anterior, a produção do programa Hebe Camargo montou um esquema bastante conhecido e utilizado por quem milita no meio televisivo, principalmente, a começar pela colocação do entrevistado, sentado em nível inferior ao da apresentadora.

Embora praticamente obrigada a conceder o mesmo espaço para a defesa, segundo a Lei de Imprensa, que na verdade e afinal não chegou a ser invocada, a equipe do programa, no entanto, tentou demonstrar a sua condescendência e boa vontade para com Santa Catarina, estado que encantara o filhote de Hebe semanas antes.

A técnica de não dar fôlego, com Hebe e o jornalista da produção falando sem pausas, a fim de confundir e não permitir vez ao entrevistado, também foi utilizada e teria derrubado facilmente o menos experiente, obrigando o secretário a usar da mesma tática em vários momentos, elevando o volume de voz.

As inverdades do programa anterior, referidas pelo entrevistado, deveriam ter, normalmente, tempo para esclarecimento, uma vez que, aí sim, feriam direta e profundamente a produção. Mas nesse exato momento — também como parte da técnica — Hebe chamou os comerciais, fazendo ouvidos de mercador ao que Antunes Severo começava a dizer.

Aparentemente ferrenha defensora do feminismo, a apresentadora sequer cogitou da espetacular notícia do dia 22, enviava por carta anônima (ou quase) ao jornalista Dagomir Marquenzi, do Estadão, segundo a qual os farristas de boi, sexualmente frustrados, só não batiam nas suas mulheres na Semana Santa por estarem ocupados maltratando os animais.

Isso sem falar que, também no dia 22, Hebe terminou o quadro sugerindo que os homens catarinenses levassem os bovinos para a cama, o que deve ter se constituído numa forte ofensa aos machões locais, pelos menos aparentemente mais afeitos a vacas.

Ainda que real e verdadeiramente indefensável, a farra do boi — que atrai os olhos e a revolta de boa parte do mundo esta semana — dá a impressão de ter a sua repercussão manipulada, não se sabendo por quem.

Como estou escrevendo numa quinta-feira, resta agora esperar que o governo tenha agido com o maior rigor — mandando prender, bater e processar, se preciso — a fim de fazer frente às cobranças que fatalmente virão a partir de hoje.

Caso contrário, se as farras acontecerem impunemente — e se forem documentadas — aí sim, com a mais absoluta certeza, emplacaremos primeiras páginas até na Lua.

JÂNIO NA CABEÇA

Uma rápida pesquisa entre motoristas de táxi, principalmente, aponta o incrível: é grande o prestígio de Jânio Quadros entre os paulistanos, que, ao mesmo tempo, reconhecem nunca terem pago tantos e tão elevados impostos anteriormente.

Um deles contou-me que o IPTU é o mais alto do Brasil, mas que as reclamações e protestos praticamente sumiram tão logo o povo passou a sentir as melhorias na cidade.

Há um plano de substituir as árvores ornamentais e filtradoras de ar dos bairros por árvores frutíferas; e que num certo bairro, as mangueiras já estão dando frutos. Um grande terreno baldio, noutro bairro distante, foi transformado num imenso parreiral, entregue aos cuidados da comunidade, que o vigia com olhos ferozes, enxotando qualquer estranho que se aproxime mais.

Os muros pichados são pintados todas as noites e, se no dia seguinte forem novamente pichados, outra vez os pintores do prefeito lá estarão para apagar. Conclusão: Jânio Quadros está vencendo pelo cansaço.

Carros sobre calçadas pagam 27 mil de multa. Para os reincidentes a penalidade dobra, sendo sempre multiplicada por dois a cada nova falta. Carro que parar no sinal sobre a faixa zebra, paga Cz\$ 6.500,00. Ruas não têm mais buracos. O mato foi substituído por flores e os londrinos ônibus de dois andares, antes tão combatidos, agora fazem a delícia do paulistano. As favelas estão sendo liquidadas, às vezes em menos de quarenta e oito horas e, como Jânio é amigo de Quercia, o metrô está avançando até os bairros mais distantes e, prioritariamente, mais populosos.

Numa das ruas, o motorista do táxi apontou: — “Está vendo aquele prédio ali? Aquele, moderno e todo iluminado? Pois era um depósito velho e caído aos pedaços. Agora é um teatro para o bairro e vai ser inaugurado mês que vem.

Concluiu dizendo que, se candidato à presidência da República, Jânio Quadros ganha fácil em São Paulo. Governa com mão de ferro, cobra taxas altíssimas, mas está fazendo com que tudo funcione na megalópole.

Alguém já imaginou isso tudo — arborização, ruas cuidadas e floridas, trânsito disciplinado e arte e cultura — numa cidade já bonita por natureza, como a nossa?

Mauro Júlio Amorim



Salim Miguel chega ao oitavo livro traçando a trajetória do poeta Sezefredo, um tipo que estava em sua cabeça há muitos anos, mas que somente agora ganha contornos próprios

LITERATURA

Salim resgata o clima do Grupo Sul

“A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta” remexe o passado e traz de volta personagens e tipos dos anos 40 e 50

Paulo Clóvis Schmitz

Já foi lançado o novo livro de Salim Miguel. *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*, editado pela Tchê!, não se enquadra num gênero apenas, não é um livro linear, sendo definido pelo autor como uma obra aberta, uma colagem que somente na junção dos pedaços, dos vários blocos estenques que a compõem, ganha uma unidade. E também uma reviravolta se comparada ao livro anterior, o romance *A voz submersa*, ficção assumida, de uma linguagem e narrativa complexas e, para alguns, até herméticas para os padrões da maioria do que se faz hoje no país.

Sezefredo das Neves, que domina a ação nos oito blocos do livro, é um poeta sem vocação, mais um entre tantos candidatos que se aventuram no seletivo vestibular que define quem é quem na literatura — uma seleção ainda mais desigual quando o contexto é a província. Salim não confessa abertamente, mas também não nega que Sezefredo, a par de ser o resultado, a síntese de várias pessoas que conheceu, é o protótipo daquele poeta sem talento e não desconfia disso — um tipo que se multiplica pelos bares e redações de jornais, vernissagens e cursos de Letras.

Presente no subconsciente do autor há várias décadas, Sezefredo é também o retrato de uma geração — a geração de 45, fundamental no contexto das letras brasileiras deste século e que, por aqui, foi ainda mais importante por ter protagonizado o surgimento do Grupo Sul, referência obrigatória quando o assunto é literatura catarinense. Biguaçu e Florianópolis são o palco da trama, onde Sezefredo perambula com seu talento rarefeito e seu bolso vazio. Como pano de fundo, a vida social da província e fatos históricos como a revolução de 30, a intentona de 35, o movimento integralista de 37, a redemocratização de 45, a morte de Getúlio Vargas em 54.

OBRA EM PEDAÇOS

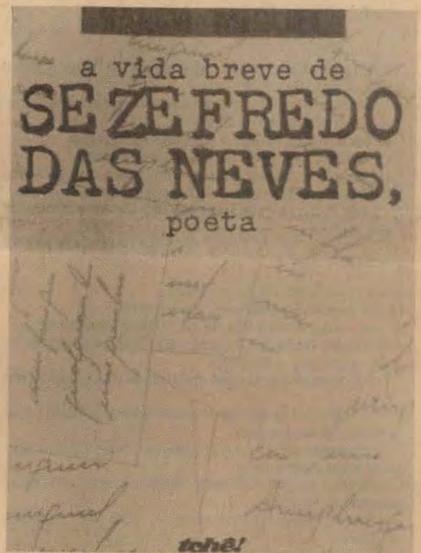
A trajetória de Sezefredo, que, como Salim, também nasceu em Biguaçu, começa quando uma “maçaroca” cai nas mãos do autor. É o espólio literário do pseudo-poeta, que raramente produzia uma estrofe de qualidade e, quando estava mais inspirado, caía no pastiche, na imitação fácil. Um exemplo: “Verde espaço/verde mar/Verdejante murmurar/Cavalgar ondas bravias/verdelengo cinza azul/sombrio”, que lembra Garcia Lorca. Salim admite que, não sendo poeta, teve dificuldades até mesmo para criar poemas de qualidade duvidosa, porque era preciso se equilibrar entre as exigências da revolucionária poesia de sua geração e a mediocridade das criações de Sezefredo. “Julgar-se intrinsecamente um poeta não significa que se tenha condições de realizar uma boa poesia”, dita o autor ao analisar a suposta vocação de seu personagem.

Seguem-se, depois, dois necrológicos. Um dando conta da morte de Sezefredo das Neves, a 24 de agosto de 1954 (dia do suicídio de Getúlio), com a linguagem comum a esse tipo de informação jornalística, e o outro noticiando o falecimento de um certo S. Antero das Neves, conhecido como Coronel Antero, a 24 de agosto de 1986. Separaram os dois o período de 36 anos e o volume da conta bancária: ao contrário do poeta, sempre atrasando o pagamento da pensão em Florianópolis, o empresário transformou-se num próspero comerciante do oeste do estado. Fica no ar a ligação entre os dois, porque o “sumiço” de Sezefredo nunca fica bem explicado e os dois necrológicos acabam confundindo, de propósito, ainda mais o leitor.

Tudo isso, contudo, é apenas o começo. Seguem-se uma cronologia de Sezefredo, de menino pobre em Bi-

guacu até o misterioso desaparecimento em 54; os fragmentos de um diário íntimo, que revela a frágil personalidade do poeta; uma seleção de poemas; muita coisa em prosa, com os contos mais elaborados do poeta; um bloco chamado “imprecisos perfis”, que desnuda o pobre e inseguro vate, na sua busca de afirmação e no seu medo de mulheres; e os depoimentos, reais ou fictícios, de 24 pessoas que teriam convivido com Sezefredo. Entre elas, gente como o professor e poeta Aníbal Nunes Pires, falecido em 1978, o cineasta Ody Fraga (um dos membros do Grupo Sul), o jornalista José Hamilton Martinelli, o ator Jason Cesar, o pintor Hassis e os escritores Adolfo Baos Júnior, Silveira de Souza, Guido Wilmar Sassi e Egil Malheiros. “Escrevi os depoimentos pensando no que essas pessoas diriam e respeitando o estilo de cada um”, revela Salim. Alguns foram consultados, outros só ficaram sabendo quando o livro chegar às suas mãos. Entre os depoimentos fictícios está o da dona da pensão de Sezefredo, que chora o desaparecimento do “povero bambino” e acrescenta novos dados à coleção de traumas do personagem.

De qualquer forma, o autor faz questão de não assumir compromissos com quem quer que seja. Seu poeta aí está, delineado, dissecado, pronto, mas sua existência é a incógnita que se mantém, cabendo ao leitor julgar seu destino. Tanto que o livro é fechado com uma citação, muito sintomática, de Fernando Pessoa: “Se me dissessem que é absurdo falar assim de quem nunca existiu, respondo que também não tenho provas de que Lisboa tenha alguma vez existido, ou eu que escrevo, ou qualquer cousa onde quer que seja”.



O livro foi lançado pela editora gaúcha Tchê!

“Todos voltam sempre ao mesmo tema”

“Todo autor reescreve sempre o mesmo tema”, ensina Salim Miguel ao contar que o personagem Sezefredo o acompanha há décadas e já chegou a aparecer no romance *Rede*, de 1955. O que varia é a forma como a história é apresentada, entre *A morte do tenente e outras mortes* e *A voz submersa*, por exemplo, há uma distância muito grande, não só porque um livro é de contos e outro um romance, mas também pela distinção na técnica narrativa. Embora preocupado com o aspecto social, o primeiro é solto, linear, ao passo que o segundo, seguindo uma linha de introspecção psicológica, é de leitura mais difícil.

É por isso que ficção, a certa altura, é um termo cujo significado perde o rigor original. No novo livro, episódios vividos pelo autor voltam, transformados, e outros são narrados com fidelidade. Indiscutível, outra vez, é a preocupação com velhos temas como tempo e memória, velhice e morte, passado e presente, enfim, aspectos que desnudam os conflitos com que se debate o ser humano.

Reaparecem aqui personagens de outros livros, figuras que habitaram a Biguaçu de décadas passadas, experiências próprias e de amigos e coisas do Grupo Sul, que mexeu com o marasmo e sobreviveu à antipatia local, mesmo suportando ataques que qualificavam seus membros como “veados, malucos e comunistas”.

Mesmo recorrentes e demonstrando novas facetas de suas personalidades, os tipos que passeiam pelos livros de Salim merecem ao autor um respeito que beira a reverência. É o caso de Sezefredo, amargo e cruel no início e que voltou humanizado, embora ainda patético e caricatural. Então o tempo também transforma o autor? Salim diz que sim, mas acha que não tem o direito de mexer no personagem. Ao contrário de Josué Montello, para quem após a primeira edição tudo é possível — até manipular os personagens e reescrever a história —, Salim pertence à linha dos que acham que não têm esse direito. É claro que ele vestiria de outra maneira os tipos de livros anteriores, mas considera isso natural porque

todos vão amadurecendo sempre mais”.

CONTRA A CRISE

O autor de *Velhices e outros contos* (51), *Alguma gente* (53), *Rede* (55), *O primeiro gosto* (73), *A morte do tenente e outras mortes* (79), *A voz submersa* (84) e *O castelo de Frankenstein* (86), que também participou de diversas coletâneas e antologias e roteirizou filmes (com destaque para *O preço da ilusão*, primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina — em 1957), fala de cadeira de um assunto que é inevitável quando, além de escritor, o entrevistado é diretor de uma editora. Comandando há alguns anos os destinos da Editora da UFSC — que, neste período, tornou-se uma das mais importantes editoras de universidade do país —, Salim prevê dificuldades para este ramo em 88.

Por trás desse pessimismo está a crise da economia, que força as gráficas a reajustarem seus orçamentos a cada 20 dias e reduz, pelo arrocho salarial, o livro à condição de produto supérfluo. As tiragens raramente passam dos 3000 mil exemplares, um livro com custo de Cz\$ 200,00 precisa ser vendido a Cz\$ 1.000,00 e uma edição que não se paga entre seis e oito meses é prejuízo certo.

As pequenas editoras sofrem mais e mesmo as de universidade, subsidiadas pelo Ministério da Educação, vêm reduzindo seus lançamentos. A da UFSC programou a edição de quase 60 novos títulos para 88, mas se chegar aos 35 do ano passado “será um milagre”. Por sua vez, as grandes editoras vêm reduzindo o número de publicações e, em alguns casos, vêm-se até no desconforto de atrasar o pagamento dos direitos autorais. “Depois da euforia do Cruzado o mercado se retraiu muito”, informa Salim, que aponta a elevação dos custos e a redução das vendas como causas do problema.

De sua parte, como autor, ele não tem muito do que reclamar. Seu romance *A voz submersa* “está com a edição praticamente esgotada” e ainda este ano a editora Global deve lançar mais um livro seu, *As areias do tempo*, com contos que resgatam personagens de sua Biguaçu e de alguns dos livros anteriores.

Salim Miguel retrata sua geração

Foto de Carlos Silva/DC

Em seu último livro, 'A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta', o autor revive o Grupo Sul, do qual participou

SEZEFREDO DAS NEVES,

Regina Dalcastagne
Florianópolis

Será lançado no final deste mês mais um livro de Salim Miguel: *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*. É uma biografia imaginária ou uma ficção colagem onde, através de um personagem - resultado de várias pessoas que o autor conheceu -, é traçado o retrato de suas preocupações. O cenário são duas cidades pequenas na época, Biguaçu e Florianópolis. O período, entre a década de 30 e o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954.

Num verdadeiro jogo de armar, o livro é composto por blocos. No primeiro o escritor recebe uma "maçaroca", o espólio literário de Sezefredo das Neves. Depois, vêm um diário íntimo do poeta, um caderno com seus poemas, outro com sua prosa e cerca de 20 depoimentos onde personagens reais ou fictícias expõem a personalidade de Sezefredo.

Percorrendo todos esses blocos, o leitor vai juntando as pontas, propositalmente soltas, e acaba por decifrar um poeta que são muitos, é o Grupo Sul, toda uma geração. Um poeta que some cedo e reaparece morto anos mais tarde nos necrológicos da grande imprensa como o próspero suinocultor S. Antero das Neves, presidente das Organizações Neves.

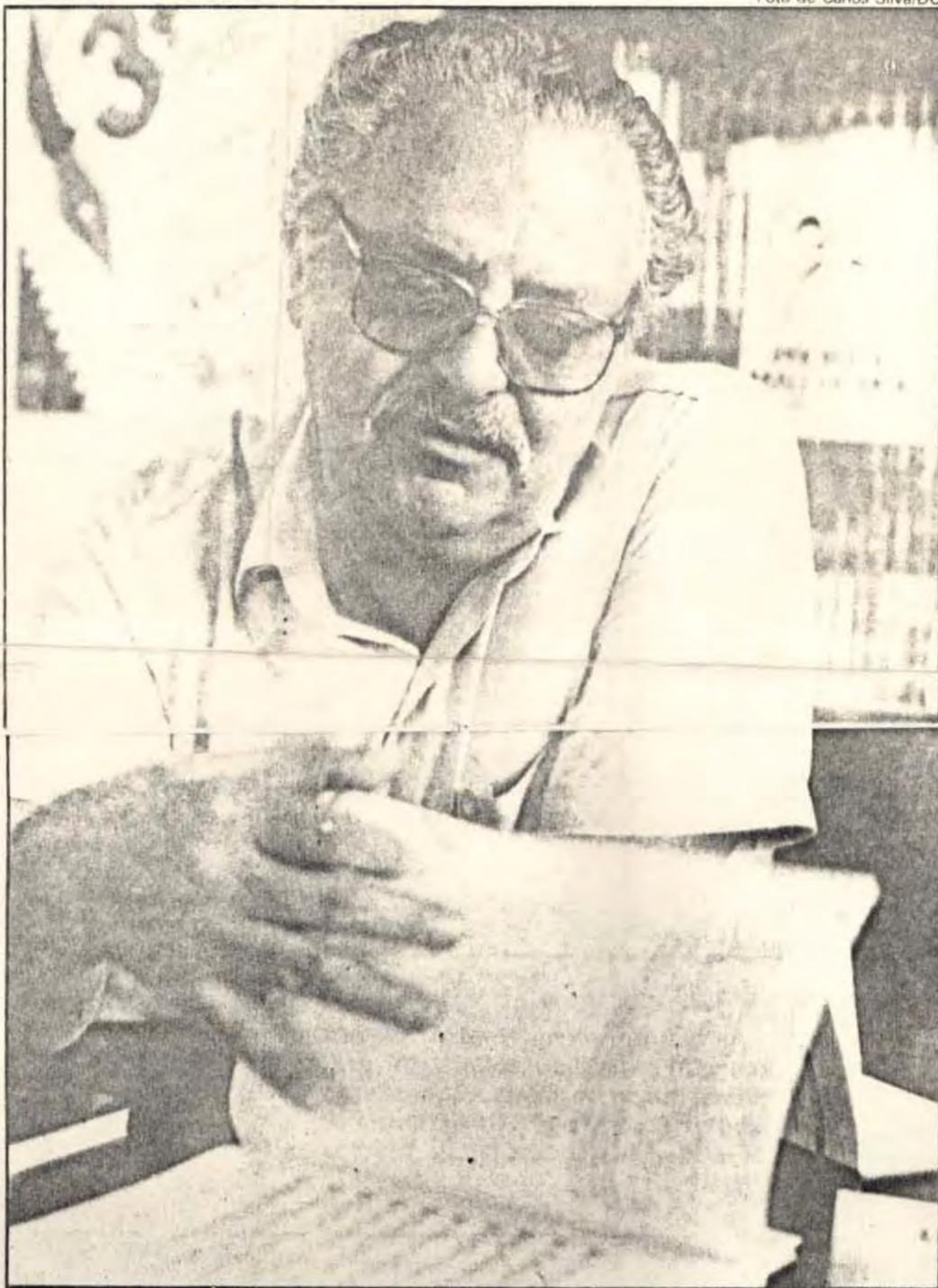
Sezefredo já estava anunciado num outro romance de Salim Miguel, *Rede*, há exatamente 33 anos. "O bandido não me largava e ao mesmo tempo não permitia que eu o escrevesse. A primeira idéia era fazê-lo um Sezefredo gozado. Vivi tanto tempo com ele, ele

me pedia tanto, que resolvi torná-lo um pouco mais humano. Mas ainda assim é uma figura patética. Ele se considerava visceralmente um poeta, porém, tudo o que escrevia ou era pastiche do que estava lendo no momento ou então versinhos seus, mas de péssima qualidade", depõe o escritor.

DESAFIO

A pouca indulgência do autor é explicável, mas o "poeta" Sezefredo tem ótimos contos. *O Assassinato de C.V.* (de Vicente Celestino) é um dos melhores. O crime é cometido através da imaginação literária do suposto escritor. As cenas de violência crua e psicológica são minuciosas e hilariantes. Em outro conto, não consegue destruir suas personagens, elas são mais fortes que ele e provam isso. Sezefredo é mesmo patético.

Para Salim Miguel, que já escreveu sete outros livros entre contos, romances e crítica literária, este foi um desafio. "O livro todo, devido à sua estrutura aberta, foi difícil de elaborar. Tinha que juntar os fios soltos. Fazer interessar às pessoas o que me interessava. Mas o que me deu mais trabalho, não sendo poeta, foi escrever os poemas". Durante a Bienal de Literatura de São Paulo, em agosto, mais um livro seu será lançado pela editora Global. É o *Areias do Tempo*, uma dúzia de contos, todos situados em Biguaçu, com personagens que já apareceram em outros livros seus. Esta é mais uma característica do autor, seus temas são sempre retrabalhados e suas personagens recorrentes.



Salim Miguel, através de seu personagem, fala sobre o movimento cultural catarinense durante duas décadas

Tempo de descobertas

Há 30 anos o editor, jornalista, escritor, crítico, argumentista, roteirista de cinema e atual diretor da editora da UFSC Salim Miguel dava uma entrevista dizendo que o objetivo da arte em geral não é agradar as pessoas, mas sim de agredir e questionar. Hoje ele reafirma sua opinião: "A tarefa do jovem é atacar as instituições vigentes, não se pode aceitar o bom, quanto mais o ruim". Mas, apesar de ser tarefa de jovem, Salim não pretende abandonar a briga: "É bom envelhecer questionando".

Já faz 40 anos que o Grupo Sul foi fundado, para acabar com o ranço cultural de Santa Catarina. Após as reviravoltas aprontadas de onde saiu até o primeiro longa-metragem - *O Preço da Ilusão* - da história do cinema catarinense, ficou a lembrança de um período de "descobertas instigantes", quando os jovens, recém-saídos da guerra, se mobilizavam pela arte meio sem saber o que desejavam, mas com a certeza do que não queriam mais.

No tempo do Grupo Sul muitas coisas foram feitas, outras tantas esquecidas por falta de condições. Somente a velha "literatura engajada" foi posta de lado espontaneamente por Salim Miguel. Para ele, "escritor tem é que escrever", com um adendo: "Se ele for fiel a si mesmo, ao seu tempo e à sua gente, inevitavelmente sua obra refletirá o que está ao seu redor. Uma reflexão, que deve ser crítica, pode fazer com que as pessoas tomem posições melhores e ajudar a mudar as estruturas do país.

Seus amigos, os que já leram *Sezefredo das Neves*, estão tentando se descobrir na história. Um deles, Dionísio da Silva, ficou revoltado ao perceber que não existia no livro um depoimento seu sobre o poeta imaginário. Para se vingar ele prometeu escrever numa crítica as suas "lembranças" do Sezefredo, brevemente poeta. Salim Miguel garante que ninguém conseguirá se identificar: "Estão todos transfigurados pela minha imaginação" e, completa com um orgulho parecido ao que sentia Sezefredo ao destruir literariamente as pessoas que de alguma forma o desprezavam: "São as minhas criaturas".

Escritor sobrevive por teimosia

Com os direitos autorais de um livro como *Sezefredo das Neves*, cuja edição teve 3 mil exemplares, média brasileira, um escritor pode viver modestamente de três a cinco meses. Salim Miguel habitou o poeta Sezefredo em sua memória por mais de 30 anos. Durante todo esse tempo a idéia foi sendo repensada e trabalhada. De agosto de 1986 a maio de 87 ele passou seis horas diárias em cima de uma máquina de escrever. O livro, que já está nas prateleiras das livrarias, é pelo menos a sexta versão do original.

"Uma pessoa escreve porque tem necessidade de se expressar, de deixar seu recado. Poucos sobrevivem disso. Talvez uma dezena, que sacrificou tudo para se dedicar unicamente à literatura. Inácio Loyola Brandão, por exemplo, abandonou os filhos, a mulher, o conforto de sua casa. Mesmo assim, no começo teve que se sustentar com uns 'free'",

explica Salim, tentando justificar a teimosia de um trabalhador mal pago.

Livro, para a maioria dos que o escrevem, não é um bom negócio financeiro. As alternativas, lembra Salim Miguel, talvez fossem as bolsas pagas aos chamados "escritores residentes" da Alemanha. São oferecidas pelo governo, pela prefeitura ou até mesmo pela editora. Aqui no Brasil somente dois escritores conseguiram uma espécie de bolsa, que garante a sobrevivência durante a realização da obra. O primeiro foi o escritor mineiro Roberto Drummond, que na verdade recebeu um adiantamento da editora Guanabara para escrever seu livro. O segundo é Fernando Moraes, autor de *A Itha* e *Olga*, que tem uma bolsa e uma equipe concedida pela Unicamp para preparar um livro sobre o empresário pioneiro das comunicações, Assis Chateaubriand.

| literatura |

Entre os 50 finais

Salim Miguel e Godofredo de Oliveira Neto na disputa do Portugal Telecom

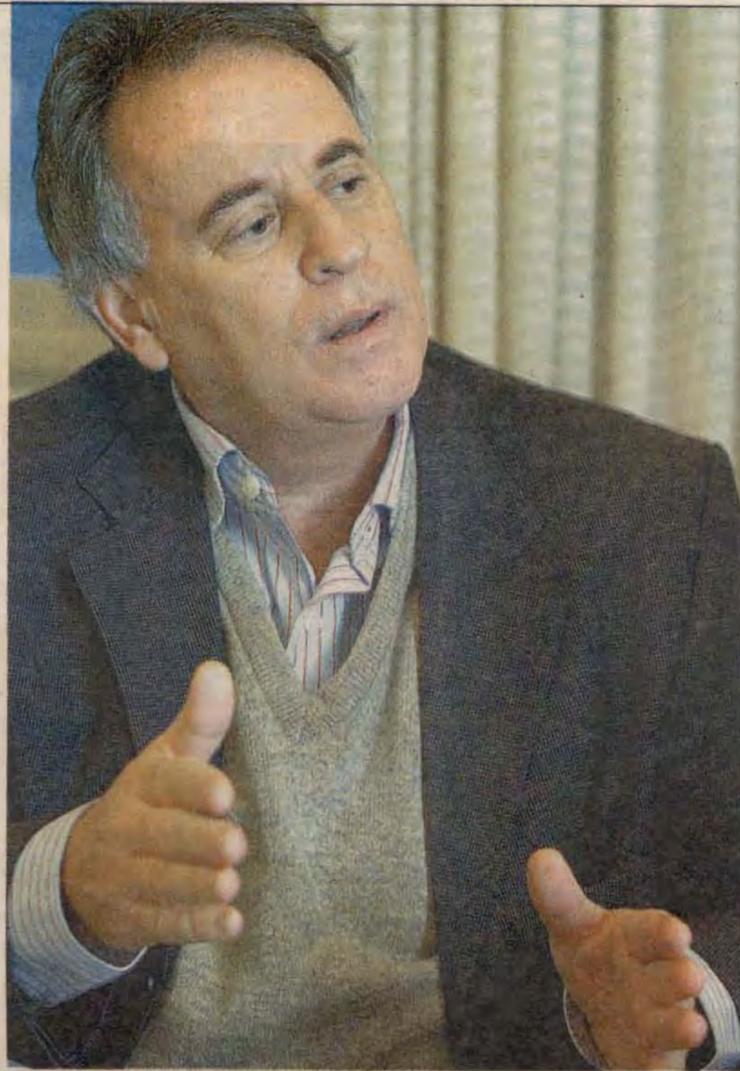
Rio de Janeiro

Os escritores catarinenses Salim Miguel e Godofredo de Oliveira Neto estão entre os 50 primeiros finalistas do Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, anunciado na quarta-feira à noite no Palácio São Clemente, sede do Consulado Geral de Portugal, no Rio de Janeiro.



Salim Miguel

Os dois autores concorrem com romances. Salim com *Jornada com Rupert*, publicado pela Record, sobre a imigração alemã no Vale do Itajaí, obra que adormeceu na gaveta durante décadas (era a primeira tentativa do escritor no romance) até ser retomado, por sugestão da mulher, Eglê Malheiros, há alguns anos. Radicado no Rio de Janeiro, Godofredo concorre com *Marcelino* (edição da Imago), a reescritura de sua obra *Marcelino Nanmbrá*, o *Manumisso*, publicado em 2000, sobre um pescador da Ilha de Santa Catarina que se envolve em uma trama com figuras que gravitam no centro do poder do Estado Novo de Getúlio Vargas, e que teve sua estru-



PATRICK RODRIGUES, JUN 08

Nascido em Blumenau, Godofredo de Oliveira Neto reescreveu livro de 2000

tura modificada e ampliada em quase o dobro do original.

Nascido em Silveiras, no interior de São Paulo, o professor de Literatura Brasileira da UFSC, Alckmar Luiz dos Santos, também foi selecionado com o seu livro de poemas *Circenses*, publicado pela editora 7Letras.

Após divulgar os selecionados, os curadores do Prêmio Portugal Telecom de Literatura – Flora Sussekind, José Castello e Maria Lúcia Dal Farra –, falaram sobre a literatura contemporânea à luz da lista dos 50 finalistas. José Castello, curador de literatura brasileira, destacou a dificuldade de classificar algumas obras inscritas dentro dos gêneros especificados pelo regulamento do prêmio.

Flora Sussekind foi direta ao afirmar:

– A literatura está cada vez mais convencional. Mesmo assim, em meio a tantos escritores, o júri conseguiu eleger alguns livros que realmente quebram o conservadorismo literário predominante e merecem

reconhecimento.

O romance predominou tanto nas inscrições quanto na lista dos selecionados. Do total de 501 livros inscritos, 197 foram romances e, dos 50 finalistas, 28 são desse gênero literário. Já os contos, que compareceram novamente este ano em peso, com 88 inscrições, tiveram apenas quatro obras selecionadas pelo júri. Quanto à poesia, foram 172 inscrições e apenas 12 livros foram selecionados.

Em setembro, o júri intermediário (formado por Allison Marcos Leão, André Seffrin, Antonio Carlos Secchin, Beatriz Resende, Benjamin Abdalla Júnior, Eneida Leal Cunha, Fábio Lucas, Leyla Perrone-Moisés, Luiz Costa Lima, Regina Zilberman e Sérgio de Sá) seleciona as 10 obras finalistas e o júri final, que escolhe os três vencedores. O Prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa contempla os três vencedores com R\$ 100 mil ao primeiro colocado, R\$ 35 mil ao segundo e R\$ 15 mil ao terceiro.

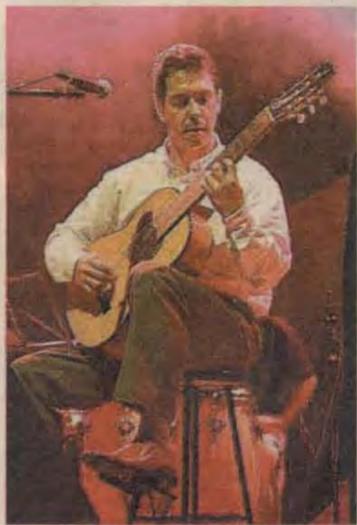
| música |

Chorinho no show *Pulsção*

O chorinho é a estrela do show *Pulsção* que começa às 21h de hoje no Centro de Eventos da UFSC, em Florianópolis. No palco Wagner Segura, com os convidados especiais Luiz Meira e a cantora Julie Philippe, interpretam clássicos da música brasileira composições de artistas catarinenses.

Wagner é um veterano da música. Violonista e compositor, liderou e integrou conjuntos de choro da Ca-

pital como o Vibrações e Nosso Choro. Luiz Meira toca na banda de Gal Costa e Julie Philippe foi solista do Coral do UFSC. O show conta ainda com a presença dos músicos Bernardo Sens (flauta), Rafael Calegari (contrabaixo), Fernanda Silveira (cavaquinho), Rogério Piva e Eduardo Boabaid (bandolin), Carlos Augusto Vieira (violino), Fabrício Gonçalves e Alexandre da Maria (percussão). Os ingressos custam R\$ 30.



divulgação

Violonista Wagner Segura comanda a festa que tem como convidados Luiz Meira e Julie Philippe

Daniela Cunha

E-mail: danielacunha@terra.com.br

Mais Cuba

Brasil tem muita facilidade de adaptação às inovações, basta ver a velocidade com que a população descartou o vídeo cassete em favor do DVD, dispensou a máquina de escrever e correu para as facilidades do computador. Tem ainda o fenômeno do telefone celular. Quem não tem é que faz parte da exceção.

Em Cuba, por conta da revolução, todas as inovações tecnológicas chegam, porém, são vistas como ameaças ao sistema. Em contato com professores universitários de Havana, ouvimos deles o relato de que a internet é utilizada em sala de aula, mas quem faz a busca dos assuntos na rede é o docente por meio de uma cota mensal. Também já circulam telefones celulares, mas para quem está em cargos estratégicos. E assim, todos os facilitadores tecnológicos da segunda metade do século 20, tão populares no nosso país, existem, mas são raros em Cuba.

Os jovens cubanos adoram Karaoke e fazem qualquer negócio para conseguir um aparelho de "videokê". No voo de Panamá City para Havana chama atenção o tal videokê na bagagem de mão de muitos passageiros. Eles exercitam o inglês cantando "We are the world..."

Cuba intriga qualquer visitante de país emergente. Não só pelo que se vê. Nossos olhos estão embriagados de lugares-cenários. As cidades, quanto mais limpas, coloridas e com pouca fiação aparente, mais gostamos. Nossos parques e praças servem muito mais para criar uma hierarquia social do que propriamente servir de espaço para convivência.

O que se vê em Havana é uma outra estética (talvez com uma outra ética também). Se o sol bate na sacada da frente é bom aproveitar para esticar um varal e pendurar sem nenhuma cerimônia cuecas e calças íntimas. Se a rua fica em local turístico, sinto muito. A prioridade é o cubano. O turismo é apenas uma fonte de renda. Não é preciso maquiar. Afinal, quem vai a Cuba certamente quer ver o que um socialismo latino é capaz de fazer em 50 anos.

O certo é que o ser humano pode até ser fruto de suas circunstâncias, porém, dotado de inteligência e curiosidade, brilha os olhos com o novo. Trocar a máquina fotográfica com filme pela digital foi um grande passo aqui e em todo o canto. É da natureza humana, pesquisar, avançar, aprimorar e inventar, reinventando a sua própria história. Quer o Fidel queira, quer não, vai chegar o dia em que cada cidadão cubano terá, pelo menos, um endereço eletrônico porque depois da revolução socialista, não tarda uma revolução digital...

AMANHÃ: FÁBIO BRUGGEMANN

A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES / Livro

O resgate dos poetas anônimos

Tolstói criou uma certeza no mundo da literatura: o escritor que ousasse falar de sua aldeia de maneira complexa e completa já teria seu lugar garantido na lista dos bons. Pois um dos bons escritores brasileiros que insistem em dar vida e narrativa à sua aldeia é o escritor catarinense Salim Miguel, que esteve de passagem por Brasília e aproveitou para fazer o lançamento de seu mais recente volume de ficção: *A Vida Breve de Sezefredo das Neves — Poeta*, um lançamento da editora Tchê! de Porto Alegre.

Mais uma vez e com a mesma paixão e precisão Salim Miguel volta a Biguaçu de sua infância, uma cidadezinha próxima de Florianópolis e lugar fundamental na maioria de seus contos e ficções. No livro, o escritor confirma por que é hoje um dos principais ficcionistas de Santa Catarina, armando uma ponte inteligente entre as lembranças do passado e uma forma de narrar inteiramente cativante.

Salim confirma conhecer a fundo a vida secreta de Biguaçu, cidade onde nasceu no ano de 1924. Um outro escritor, e também crítico, Fausto Cunha, é quem diz que Biguaçu é "o condado Faulkneriano" de Salim Miguel. Ele mesmo declara que Biguaçu é a cidade ideal para suas necessidades ficcionais e é de lá que sai o nosso poeta Sezefredo das Neves, um desconhecido dos leitores em geral, mas que certamente se tornará íntimo depois da leitura das 325 páginas escritas por Salim.

Ficção? Montagem? Colagem? Romance? Jogo de armar? Crônica de província? Salim Miguel não responde sim nem não a cada uma dessas perguntas. Por uma loucura dessas de escritor e um projeto acalentado há muito tempo, ele resolveu escrever e criar um personagem que fosse uma síntese dos tantos poetas provincianos e sem fama que ele conheceu pessoalmente. O passado, naturalmente, fazia suas solicitações e, provocado, Salim Miguel novamente voltou a Biguaçu. "O personagem deste livro é uma



O escritor catarinense Salim Miguel escreve sobre a vida secreta de Biguaçu, sua terra

soma dos vários poetas que conheci. Você sabe que a cada geração são numerosos os candidatos a poetas do lugar, do País e do mundo e só o tempo vai nos dizer quem passou por essa cruel seleção", diz Salim.

Pela primeira vez, o ficcionista é obrigado a seguir à risca os caprichos de seu personagem. Sezefredo obrigou-o a escrever vários poemas. E Sezefredo é um poeta que muito bem lembra versos de Fernando Pessoa, García Lorca, Mário de Andrade e Jorge de Lima. É claro que em muitos momentos, sob a pele de Sezefredo, oculta-se o sincero ficcionista e Salim não se faz de misterioso, ele que aprendeu literatura com Machado de Assis, Graciliano Ramos, Flaubert, Stendhal e Joyce.

O OFÍCIO INESGOTÁVEL

Mas mesmo para cobrir a vida de uma aldeia com um romance e alguns contos é necessário longo e demorado trabalho. Salim Miguel, que hoje é diretor da Editora Universitária da Universidade de Santa Catarina, trabalha seis

meses do ano a poucos quarteirões da própria universidade. O restante ele passa em sua casa de praia, a poucos quilômetros de Florianópolis, desfrutando de uma solidão indispensável e inteiramente por conta das letras e das criações.

Para ele, existem duas vertentes de escritores que se dedicam aos livros: uma primeira dos que só confiam na primeira e definitiva versão e uma outra dos que confirmam que "escrever é saber cortar". Para este *A Vida Breve de Sezefredo das Neves* ele trabalhou diariamente entre seis e sete horas, durante dez meses. Escreveu mais de sete versões. Agora reconhece que seu personagem saiu-lhe mais para o patético que para o risível: afinal, ele conseguiu "resgatar" a vida e a obra deste que seria um "Rimbaud" de Santa Catarina. Um poeta estranho e introspectivo que mais tarde vai negar a literatura e tornar-se um próspero empresário.

Salim Miguel não se demorou muito na estruturação do trabalho, pois além de contista, ele é bastante experimen-

tado em linguagem cinematográfica. Por 14 anos morou no Rio de Janeiro, quando era um dos editores da revista *Ficção*, revista importantíssima na década de 70. Em 14 anos de Rio de Janeiro, ele só publicou um livro. Agora, vivendo em sua terra, onde espera "lá mesmo deixar os ossos", ele pode dar-se ao luxo de todos os anos realizar antigos e sonhados projetos. Como o seu segundo romance, *A Voz Submersa*, que esquadriha os anos agitados da ditadura militar por prismas inteiramente novos.

"Tudo é ficção e nada é ficção", adverte o autor, satisfeito de poder em sua literatura preparar armadilhas para o leitor e surpresas que fazem a fórmula secreta de sua alquimia de escritor. Salim não se esquece do que viveu de importante. No romance anterior, falava da morte do estudante Edson Luís, no Calabouço, Rio, em março de 68. (C.A.)

A VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES — de Salim Miguel. Editora Tchê, de Porto Alegre. 375 páginas.

Salim Miguel em contos e romance

CARLOS ANDRÉ MOREIRA



DIEGO REDEL, BD - 2/5/2007

Saem dois novos livros do libanês radicado em Santa Catarina Salim Miguel

Libanês de nascimento e residente em Santa Catarina, o escritor Salim Miguel tem 25 livros publicados em uma carreira de mais de meio século, transitando entre poesia, crônica e romance.

Duas amostras dessa produção extensa embora não muito conhecida para um autor que vive literalmente aqui do lado foram lançados recentemente: o volume inédito de contos *O Sabor da Fome* (160 páginas, R\$ 29) e a reedição do romance *A Voz Submersa* (240 páginas, R\$ 36), ambos pela Record.

Publicado originalmente em 1984, *A Voz Submersa* representa a versão de Miguel para eventos da ditadura militar instaurada no Brasil depois do golpe de 1964 — e que ainda não havia sido encerrada na época da publicação. Escrito numa linguagem frenética, experimental, que jorra em um fluxo contínuo, emendando palavras e mesclando frases, o livro narra a história de uma mulher, Dulce, que assiste, em 1968, na Cinelândia, no Rio de Janeiro, ao cortejo que carrega em protesto pelas ruas o corpo do estudante secundarista Edson Luís Souto, morto durante um ato de repressão a manifestantes que haviam ocupado o restaurante do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), no Centro do Rio. Perturbada pela cena, a protagonista liga para a mãe e conta desordenadamente o que viu, entremeando com um relato de seus próprios fracassos pessoais.

Já *O Sabor da Fome* promove em suas páginas, literalmente, a união dos dois extremos da carreira do autor. Das 16 histórias do livro, a maioria, inédita, foi produzida entre 2003 e 2004. As últimas duas narrativas do volume foram escritas no final dos anos 1940 e nunca publicadas em livro. A junção dos textos permite ao leitor avaliar a mudança sutil do estilo de Salim Miguel, de uma prosa mais solene, rígida, até os contos mais recentes, em que uma escrita ágil reproduz a fala coloquial com intervenções aqui e ali nos discursos dos personagens, contaminando-os de estranheza por construções inusitadas e inversões de sintaxe. Nos demais contos, alguns deles dialogando entre si, o escritor aproveita-se de lendas e temas do imaginário da Grande Florianópolis para construir histórias tristes e líricas.



Trecho

“...só na avenida agora vazia, só no mercado vazio com “seu Doca, só na Cinelândia com o cadáver do estudante, cadê os carros que sentia sem ver, onde as pessoas que a olhavam, ou o restinho de feira, e a avenida mais encompridava, e os olhos invisíveis mais se fixavam, e as risadas se distendiam, e os braços se estendiam, o mercado de Florianópolis, a Cinelândia e a avenida Atlântica, se confundindo, dentro e fora, eram uma coisa só, indissolúvel, o mesmo cheiro de maresia e esperma de um e de outro se misturando com aquele odor indistinto de fim de feira e de fim de noite.” De *A Voz Submersa*

Lançamentos

TODA TERÇA

Toda Terça é o segundo livro de Carola Saavedra, autora que despertou o interesse do escritor Sergio Sant'Anna, que assumiu o papel de seu padrinho literário ao indicá-la ao editor Luiz Schwarcz. Carola nasceu em Santiago, no Chile, em 1973, mas com três anos veio morar no Brasil com os pais. Mestreira em comunicação por uma universidade espanhola, Carola publicou em 2005 o livro de contos *Do Lado de Fora*. *Toda Terça* é lançamento da Companhia das Letras, tem 160 páginas e custa R\$ 35.



SALGUEIRO

Na opinião do escritor Milton Hatoum, que escreve a apresentação do livro, *Salgueiro* é um romance denso e complexo, em que o morro ganha contornos de protagonista. Dividido em três partes — *O Avô, O Pai e O Filho* —, o morro do Salgueiro, no Rio de Janeiro, é mostrado como um lugar à parte, um problema incrustado na cidade. *Salgueiro* é o segundo romance escrito por Lúcio Cardoso e estava esgotado há mais de duas décadas. Editora Civilização Brasileira, 256 páginas, R\$ 40.



ESPECIALISTA em PRÓTESE DENTAL e IMPLANTES DENTÁRIOS

Dr^a Maríndia Soares

Cirurgiã-Dentista - CRO 5988

Rua Quintino Bocaiuva, 777 - (51) 3331-4143

Clube do Assinante apresenta

ANGELO PRIMON

COMEMORANDO 20 ANOS DE CARREIRA COM O SHOW MOSAICO

SALA ÁLVARO MOREIRA AV. ÉRICO VERÍSSIMO, 307 07 DE JUNHO - 21h

Promoção 50% DE DESCONTO PARA TITULAR E ACOMPANHANTE

www.angeloprimon.com

foto: camilo mazzini | arte: glênio guimarães

INFORMAÇÕES 8101.18701

CLÁUDIO MORENO

E-mail: cmoreno@terra.com.br

Heranças malditas

Os gregos acreditavam que certas famílias tinham uma sina funesta que se transmitia de uma geração para outra; os descendentes já nasciam fadados a repetir o mesmo crime de seus antepassados, numa cadeia sangrenta de assassinatos entre pais, filhos e irmãos. Essas mortes eram castigadas pelas terríveis Erínias, divindades mais antigas que os deuses do Olimpo, encarregadas de punir qualquer derramamento do sangue familiar. Sua aparência era horripilante, com seus negros mantos de luto, com os cabelos entrelaçados de serpentes vivas e os olhos luzindo como carvões incandescentes.

Agamênon, o rei que comandou os gregos na conquista de Tróia, pertencia a uma dessas tristes linhagens. Ele herdou a culpa que seu avô, Pélops, havia legado a Atreu, seu pai — e quando os adivinhos disseram que ele teria de sacrificar sua filha Ifigênia para que os deuses mandassem os ventos necessários para partir contra Tróia, Agamênon concordou, vítima da vocação homicida que recebera de seus antecessores. Tinha acrescentado mais um crime à série iniciada pelo avô, e teria de pagar por isso.

Dez anos depois, vencida a guerra, ele voltou para casa, em Micenas, onde sua mulher, Clitemnestra, aguardava o momento de vingar a morte da filha. Ela esperou que ele saísse do banho e lhe entregou uma túnica traiçoeira, sem a abertura na gola; enquanto ele lutava para livrar-se do tecido que lhe cobria a cabeça, ela, com a ajuda de Egisto, seu amante, abateu-o a machadadas, como a um boi no matadouro. Para que Egisto não matasse Orestes, o filhinho de Agamênon, amigos levaram-no para o reino da Fócica, onde cresceu com a ideia de vingança. Quando se viu homem feito, o oráculo disse-lhe que deveria punir os assassinos do pai, fossem eles quem fossem. Orestes voltou então a Micenas, matou Egisto e defrontou-se com Clitemnestra. Ela ainda implorou por clemência, mostrando-lhe o seio que o amamentou, mas ele — porque era apenas um joguete daquela força obscura de que não podia fugir — cobriu os olhos com o manto, para não ver o que a mão ia fazer, e atravessou-lhe a garganta com a espada.

As Erínias vieram então atormentá-lo, mergulhando-o na loucura e fazendo-o viver um pesadelo de angústia e de terror. Aconselhado pelo oráculo, fugiu para Atenas, onde Apolo e Atena, a padroeira da cidade, apresentaram seu caso diante de um tribunal de cidadãos, que o absolveu. As Erínias ficaram furiosas com a perda de poder e de prestígio, mas Atena as convenceu a aceitar uma posição de honra na cidade: se elas se transformassem em divindades protetoras, mudando seu nome para *Eumênides* (“as benfazejas”), passariam a ser cultuadas e respeitadas por todos. O ciclo da maldição estava rompido. Orestes, e depois os seus filhos, estavam livres daquela culpa hereditária que às vezes nos força a repetir o mesmo erro que nossos pais e avós repetiram. As forças noturnas e destrutivas representadas pelas Erínias ainda estavam lá, mas tinham se civilizado e agora, à luz do dia, era mais fácil conviver com elas.

O professor e escritor Cláudio Moreno escreve quinzenalmente no Segundo Caderno

▶ NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA: LUÍS AUGUSTO FISCHER

CLÍNICA DE CIRURGIA PLÁSTICA E ESTÉTICA

Dr. Vinicius Silva de Lima

Cirurgião Plástico - CRM 14053

- * Cirurgias de Mama, Face e Abdome
- * Calvície, Lipoaspiração e Cirurgia de Pálpebras com Anestesia Local
- * Próteses de Mama, Glúteos e Panturrilha
- * Cirurgia Plástica de Reconstrução
- * Técnicas Não Cirúrgicas de Rejuvenescimento Facial

Dra. Cristine Freese

Ginecologia e Medicina Estética - CRM 18386

- * Medicina Estética Ginecológica: Região Genital: Implantes ou Redução de Lábios com Anestesia Local. Peeling para Clareamento
- * Peelings para Rejuvenescimento Facial com Prevenção e Tratamento Completo de Manchas

Av. Cristóvão Colombo, 3084 - 2º andar (entre Av. Dom Pedro II e Rua Marcelo Gama) - Higenópolis F: 3374.2805 e 3362.3530 www.vlima.com.br

038
Estrangeiro, onde?

NUR



© Tânia Gabrielli-Pohlmann

Terminada a Segunda Guerra Mundial, a mão-de-obra da qual a Alemanha dispunha para a sua reconstrução era constituída de mulheres, crianças e idosos. As mulheres, viúvas de guerra, tornaram-se conhecidas pelo termo “Trummelfrauen”, ou mulheres que trabalhavam na retirada dos escombros de edifícios destruídos. À hora de passagem dos trens carregados de carvão, centenas de pessoas corriam à ferrovia; as crianças eram jogadas sobre os vagões em movimento e atiravam carvão aos adultos que corriam paralelamente aos trens. Era o aquecimento garantido de forma gratuita.

Nesse contexto, a Alemanha, até então país de caráter emigrativo, viu-se obrigada a convidar mão-de-obra estrangeira para a sua reconstrução. Vieram portugueses, espanhóis, italianos entre outros. A idéia inicial era a de que tais estrangeiros, terminado o trabalho, retornassem a suas terras pátrias. Mas não foi o que ocorreu. A maioria foi ficando e se estabelecendo, construindo famílias e formatando a nova geração miscigenada.

A partir dos anos oitenta, o volume de imigrantes passou a crescer avassaladoramente. A Alemanha vê-se, hoje, num processo de profunda mudança em sua sociedade. E tenta se adaptar ao fato de ter passado a um país de imigração – o que, naturalmente, vem gerando discussões, conflitos, preconceitos. Muito lentamente vão-se formando associações culturais de diversos países. O acesso a publicações estrangeiras vai crescendo e se expandindo, inclusive, de maneira interna: muitos cidadãos estrangeiros ou seus descendentes, passam a reunir opiniões e a organizar veículos de comunicação impressa e eletrônica.

Desde 1999 vivo em Osnabrück, no noroeste alemão. A cidade que, em parceria com Münster, assinou o Tratado da Paz Vestfálica, em 1648. Aqui, na chamada “Cidade da Paz”, residem representantes de 142 nações. A prefeitura utiliza, no entanto, dois slogans paradoxos: de uma lado: “Osnabrück, a cidade das 142 nações”, de outro lado: “Por sorte, sou de Osnabrück”. Como estrangeira que vive o preconceito no dia-a-dia, uma certa revolta me envolve, sempre que vejo os adesivos em carros com o último slogan. Como brasileira, nascida de família italiana, tento compreender tal paradoxo como expressão do medo que o desconhecido, o “estranho”, provoca. O tema tem sido exaustivamente abordado, seja em discussões, palestras, eventos culturais, programas de rádio.

Tenho tentado expor nossa história e nossa cultura, lutando contra os estereótipos que o europeu ainda conserva com relação ao Brasil. Seja através de meus programas de rádio, do Boletim A Casa dos Taurinos ou de minhas colaborações com portais e publicações dedicados ao Brasil, procuro sempre abordagens históricas, análises profundas de nosso universo miscigenado, múltiplo, plural. Para tanto tenho utilizado importantes fontes de consultas, como o Arquivo do Estado de São Paulo, criado em 1721, e a Revista Histórica, também pertencente ao Arquivo do Estado, agora em versão eletrônica, e com periodicidade mensal. Além de respaldo a minhas pesquisas, trata-se de redescobertas sobre minhas origens, as origens de meu país, de meu povo.

Meus pensamentos procuram processar tais paradoxos. Tenho-me projetado muito nas histórias contadas por meus avós e pais, sobre o que era ser estrangeiro no Brasil, já a partir da Primeira Guerra Mundial, quando se evidencia um intenso crescimento no índice de imigração. Mais intenso do que o observado após a abolição da escravatura. Especialmente os alemães e italianos. Meus pais, ainda crianças, não podiam falar italiano. Nem ouvir rádio, após as 20.00hs. Recebiam “cotas de produtos alimentícios”. Eram discriminados, como o sou aqui...

Por outro lado, o “estranho”, já a partir da década de 20, passou a ser tema de reflexões, de tentativas de reconhecimentos e ou aproximações. Nesse período circulavam jornais ou colunas especializados na questão das diversas culturas, ainda que de forma irônica, humorística e encabeçadas por brasileiros. Os chamados “macarrônicos” tiveram seu espaço por décadas e exercitaram, assim, discussões – ainda que indiretas – a respeito do “outro”, do “ser diferente”. Na literatura brasileira, vários são os clássicos que inserem os estrangeiros se adaptando à nossa terra e os brasileiros questionando certas diferenças culturais.

Há pouco recebi a 84ª edição da RDC – Revista de Divulgação Cultural, da Fundação Universidade Regional de Blumenau e surpreendi-me positivamente com os temas abordados, tendo como foco central “o estrangeiro na literatura brasileira”.

Toni Edson Costa Santos, mestrando em Literatura Brasileira, pela UFSC, apresenta artigo sob os “Estranhos e Estrangeiros em Budapeste”, abordando o elemento estrangeiro no romance “Budapeste”, de Chico Buarque. “O que tem para fazer em Budapeste?” Toni Edson concentra-se “...no romance e não na cidade”, analisando o discurso, numa investigação abrangente e intensiva sobre a presença do estrangeiro/protagonista em Budapeste e as possíveis analogias com as imagens construídas por Graça Aranha sobre os magiares de “Canaã”, resgatando a impressão de Guimarães Rosa a respeito do país que cita no diminutivo. A questão da miscigenação como elemento

desvalorizante de um país tem efetivado preconceitos advindos, ainda, das imagens projetadas no exterior.

No ensaio "O Fantasma do Oriente em uma Reportagem de Guilherme de Almeida", a Acadêmica de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, Cláudia Grijó Vilarouca, aborda a visão do elemento oriental na obra "O Oriente mais que próximo", de Guilherme de Almeida, partindo dos componentes físicos, descritos sob discurso carregado de metáforas reveladoras de rejeições e medos e, segundo Cláudia, através da coisificação do outro, do estrangeiro. Passado o primeiro momento de "susto" e rejeição fundamentada nas fantásticas imagens a respeito do Oriente "exótico e perigoso", a humanização do "outro" dá-se num crescente aproximar-se de, do conhecer e perceber a possibilidade humana por trás do "esquisito" até então percebido em primeiro plano.

A "Identidade Germânica e Naturalização no Macarrônico Alemão de A Manhã", de Ana Carina Baron Engeroff, também Acadêmica de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, remete às já citadas publicações chamadas "macarrônicas", que circulavam em São Paulo a partir de 1911, como os paulistanos "O Pirralho", "O Queixoso", em 1915, "A Vespa", em 1916, "O Diário do Abax'ô Piques", de 1933, e no Rio de Janeiro, em 1926, com o jornal "A Manhã", que circulou até 1952. Várias culturas eram representadas em seus elementos lingüísticos inseridos numa língua portuguesa como língua estrangeira, em pleno aprendizado. Ana Carina focaliza todo o processo de integração não apenas do elemento estrangeiro na cultura brasileira, como o inverso. Obviamente a projeção das imagens se faz presente no "A Manhã", sob o aspecto estigmatizador do olhar crítico do "superior" alemão sobre nossa cultura, buscando, ainda, "a identificação, pelo leitor, da origem étnica dos autores supostos...". Trechos da publicação são transcritos, possibilitando ao leitor atual a verificação não apenas do fato lingüístico deste processo integrativo, como do cenário histórico do Brasil como país de incipientes miscigenações, agora, não limitadas ao elemento africano, inserido não voluntariamente em nossa cultura.

O olhar sobre o "estranho" inverte-se no artigo de Márcia Fagundes Barbosa, Doutoranda de Teoria Literária, pela UFSC, recortando o processo migratório no sul brasileiro, em "Identidade e Diferença: Dr. Blumenau descreve os Brasileiros", revelando, ainda mais intensamente, o traço dominante e intolerante germânico até mesmo fora de seu país. Dr. Blumenau, após sua viagem ao Brasil, analisa o sul brasileiro em seu livro "Sul do Brasil em suas Referências à Emigração e Colonização Alemã", de 1850. Desenvolve uma análise detalhada das condições favoráveis à imigração naquela região. Márcia Fagundes Barbosa cita ocorrências de natureza conflitantes, até mesmo entre os alemães já residentes no Estado e os demais estrangeiros vindos mais tarde. O elemento antropológico em

interação com o cultural resvala na inflexibilidade do estrangeiro que chega, a fim de tentar impor-se e exercer a predominância. A interação cultural, segundo Blumenau, é visto sob os critérios europeus com relação ao “ser superior” que não se miscigena, que se sente superior pelo tom da pele e vê o sistema legislativo brasileiro como “suave demais”.

A integração do imigrante libanês, no romance “Nur na Escuridão”, de Salim Miguel, é analisada pela Acadêmica de Pós-Graduação em Literatura pela UFSC, Tânia Mara Cassel Trott, em “Luz e Sementes Sobre a Terra”, que fornece dados valiosos de toda a história da imigração libanesa, com detalhes do universo conflituado do imigrante que se tenta estabelecer na terra desconhecida. As dificuldades com a língua, a busca pela estabilidade profissional e pela identidade com a imagem do ser confiável, apesar de “estranho”, que às vezes renega sua própria identidade, a fim de ser aceito, modela o caráter fragmentado da vida do recém-chegado, descrita na obra citada que, apesar de ficção, descreve a história familiar do Autor.

Keli Cristina Pacheco, Doutoranda em Teoria Literária pela UFSC, avança para o período pós-colonial, em seu ensaio “A Genealogia não-dita – A prolepse dos pós-colonial em Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá, de Lima Barreto”. No discurso de Lima Barreto, o elemento estrangeiro forma, a partir da assimilação de várias culturas, uma auto-identidade também mitificada pela aceitação do múltiplo na cultura brasileira, sob a pele de Gonzaga. Paradoxos, contradições, medos camuflados sob simpatias e ou radicais rejeições, refletindo os fenômenos e as “deficiências” sociais, são atalhos metaforizados da questão racial. Raça e nação, personalidade e suas reflexões sociais, num contexto de assentamento dos incômodos e das curiosidades suscitadas mutuamente.

Os riscos que a generalização pode causar, especialmente na interpretação monolítica da literatura em contrapartida com o histórico, são analisados por Rita Salma Feltz, Acadêmica de Pós-Graduação em Literatura pela UFSC, em “Representação: Um Acordo Social”. A abordagem dos modos de representação dos elementos estrangeiros em nossa literatura, inclusive a literatura produzida em diversos períodos, sob diferentes possibilidades contextuais. A indagação sobre a possibilidade de se classificar o macarrônico apenas como representação social, subjetiva ou como obra literária, busca não uma tomada de posição, mas sim uma exposição múltipla de dados e conceitos, que permitem ao leitor formalizar sua decisão.

“Vergonha dos Pés”, primeiro romance de Fernanda Young, é objeto de releitura de Karelayne Coelho, Doutoranda em Teoria Literária pela UFSC, que parte dos conceitos sobre estereótipo e preconceito,

já enfocando tal dicotomia com relação à própria autora. Em “Um Francês em minha casa”: Estereótipo e Preconceito em Vergonha dos Pés, de Fernanda Young”, Karelayne Coelho chama a atenção para o cenário contemporâneo em que o elemento estrangeiro se encaixa em nossa literatura, ainda que esta literatura seja contestada em sua validade ou em seu traço superficialista da chamada “cultura de massa”. Interessante a focalização do processo de desenvolvimento cultural do indivíduo estrangeiro sob o peso do estereótipo, contra o qual nem sempre consegue se mover ou expandir, em oposição ao lento desenvolver do preconceito, optativo, buscado pelo próprio ser.

Enfim, a editora da RDC – Revista de Divulgação Cultural, Maria José (Tuca) Ribeiro, mergulha no universo de Clarice Lispector, fazendo emergir seu ser, ela mesma estrangeira, através de Macabéa, estranha em seu próprio país. Tuca Ribeiro, em “Clarice Lispector e Macabéa, de A Hora da Estrela: Um Estudo sobre o Outro, o Estrangeiro”, traça um paralelo baseado em dados biográficos da Autora e de sua personagem, a origem judaica nem sempre citada por Clarice, mas claramente enunciada em vários de seus textos.

A propósito: híbrida a linguagem, também assim as chamadas “coincidências”, nas quais não creio... Exatamente ao terminar a leitura da RDC de número 84, retiro do armário o exemplar de “A Paixão Segundo G.H.”, de Clarice Lispector, editado pela Edições UNESCO, sob número 13 da Coleção Archivos. Esta segunda edição crítica, coordenada por Benedito Nunes, datada de 1996, é, sem dúvida e como a citada RDC – Revista de Divulgação Cultural - , imprescindível na biblioteca de amantes da pesquisa.

João Cabral de Melo Neto abre a obra com seu poema “Contam de Clarice Lispector”, retirado do livro “Agrestes” (1981-1985, Editora Nova Fronteira), e vem seguido pela liminar de Antonio Candido, numa abordagem panorâmica da obra de Lispector.

A descrição de Clarice mulher, pessoa, amiga, que Olga Borelli registra em “A Difícil Definição”, remete o leitor a um mergulho fascinante pela personalidade dicotômica de Lispector e de sua obra. Benedito Nunes assume a transcrição da estrutura medular do volume crítico, em contraponto à falta dos originais de “A Paixão Segundo G.H.”, paralelamente a referências bibliográficas e dados biográficos da Autora.

O texto é seguido de fac-símile do manuscrito de “A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais”, com a transcrição dos fragmentos na ordem que tomaram na versão final, e finalmente com a íntegra do mesmo.

Nádia Battella Gotlib, ensaísta e professora da Universidade de São Paulo, investiga os contextos histórico e literário brasileiros, a partir do nascimento de Lispector e de sua carreira literária.

Benjamin Abdala Júnior e Samira Youssef Campedelli encadeiam os passos de Clarice Lispector sob os olhares da crítica de sua época e da contemporânea, seguindo-se a Cronologia e “Leituras do Texto”, sob vários aspectos e tendências, como “Paródia e Metafísica”, de Olga de Sá, “O Ritual Epifânico do Texto”, de Affonso Romano de Sant’Anna e “A Lógica dos Efeitos Passionais: Um Percurso Discursivo às Aversas”, de Norma Tasca.

A quinta parte deste volume contém o Dossiê, com os fragmentos de “Fundo de Gaveta”, com a entrevista que Clarice Lispector concedeu a João Salgueiro, Affonso Romano de Sant’Anna e Marina Colasanti, para o Museu da Imagem e do Som, Rio, em 1976. Ainda nesta parte, duas cartas da Autora a Olga Borelli, capas da primeira edição brasileira e da japonesa e “Recepção Crítica”, contendo artigos de José Américo Motta Pessanha, Luís Costa Lima e Solange Ribeiro de Oliveira.

Fechando o volume, a bibliografia assinada por Glória Maria Cordovani e atualizada por Valéria Franco Jacintho.

Enfim, nos artigos publicados nesta edição crítica de “A Paixão Segundo G.H.”, não se encontram menções às pistas mais que óbvias que Clarice nos fornece de sua origem judaica. Mas ainda assim, ousei inserir tal menção aqui, em acréscimo ao trabalho de Tuca Ribeiro. Pensando e repensando Clarice daqui, de fora do Brasil, com o mesmo sentimento do “ser diferente”, que me tem revestido. E simplesmente aceitando o ser. Diferente. Outro. Estranha. Brasileiramente estranha. “Por sorte, sou do Brasil”...

Arquivo do Estado: www.arquivoestado.sp.gov.br

Revista Histórica: www.historica.arquivoestado.sp.gov.br

RDC – Revista de Divulgação Cultural: Rua Antônio da Veiga, 140
Victor Konder CEP 89012-900 ou Caixa Postal 15 07 Blumenau –
SC. E-Mail: rdc@furb.br

Coleção Archivos – Edições UNESCO: www.unesco.org/publishing

Tânia Gabrielli-Pohlmann é escritora, editora e professora. Nascida em São Paulo, capital, vive em Osnabrück, Alemanha, desde dezembro de 1999, onde apresenta dois programas de rádio (“Brasil com S” e “Revista Viva”, este com Clemens Maria Pohlmann) sobre a história, a cultura, a literatura e a música brasileira, abrindo espaço, inclusive, a artistas independentes. Divulga a cultura brasileira através de várias publicações brasileiras e européias, além de seu Boletim A Casa dos Taurinos, editado em português e alemão. Contatos: a-casa-dos-aurinos@osnanet.de

IARA OLIVEIRA

102

2004, 2008 F. Tese UFSC

CETD

UFSC

PLIT 0168

tipo me diga, le digo (como si fuera una consecuencia irremediable): "Ah, entonces lléveme a Santa Fe y Oro". Le dijo al taxista:

- ¿Tiene hora?
- Sí - dijo el taxista.
- Ah, entonces lléveme hasta Santa Fe y Oro.

También era miope y, según se sabe, durante mucho tiempo se negó a usar anteojos. Aducía que lo poco que vale la pena de ser visto en detalle acaba acercándose a uno (o uno a la cosa) y que, por otra parte, la visión del miope no sólo tiene el privilegio de ser polisémica: además resulta incomparablemente más bella que la del humano normal; la formas difusas permiten un imaginario sin límites y el mundo aparece como concebido por un impresionista exacerbado.

Era petisa. Decía que eso la hacía manuable para el amor e fácil de distribuir aun en los espacios reducidos.

También consta que nació en Almagro, que vivió en San Telmo, que fue fervorosa adepta del mítico Boca Juniors, que tenía tres gatos, que amó a un hombre de ojos azules. Esto es todo lo que se sabe sobre su vida. El resto es literatura. (HEKER, 1999, pp. 249-250)

3.3 Liliانا Heker e Salim Miguel: de personagens da ficção a personagens da crítica

Escrever literatura parece bastante fácil. Constantemente vemos pessoas que se dizem escritoras. No entanto, um leitor especializado consegue, sem esforço algum, estilhaçar a aura autoral dos indivíduos menos avisados.

Esse não é, porém, o caso de Salim Miguel e Liliانا Heker. As obras de ambos vêm, cada vez mais, servindo de base para análises literárias que reforçam o talento desses escritores e o alto nível e suas produções.

No caso de Salim Miguel, os elogios ultrapassam as barreiras entre o profissional e o pessoal e revelam que a generosidade deste escritor transcende a sua escritura. Vejamos o que afirma Cremilda Medina, jornalista, pesquisadora e professora de Comunicação Social,

residente em São Paulo, no livro *Salim na claridade* (2001, p. 13), organizado por Flávio José Cardozo:

Salim povoa a ilha das exceções. Não só comparece como criador no cenário da literatura brasileira, como transborda a paixão para os demais artistas. Por isso, trabalha com afinco na agregação coletiva ou difusão individual. Já na juventude o fazia com intuição, perspicácia, e hoje, ao se observar a colheita de décadas de animação cultural, destaca-se a figura generosa, exemplar para qualquer editor de comunicação social. A sensibilidade que impregna o texto de autoria ficcional, não tolhe a partilha poética com o texto do outro.

Os críticos que já tiveram a oportunidade de visitar a obra de Salim partilham das mesmas opiniões e, ainda, afirmam ser este escritor atuante em várias frentes, sabendo exercer com maestria seu ofício.

No que concerne à sua produção literária, percebemos, também, vários pontos de vista compartilhados entre os críticos. O primeiro deles, defendido, inicialmente, por Carlos Jorge Appel, professor, crítico e editor, residente em Porto Alegre, vê na obra de Salim uma transgressão aos padrões de seu tempo:

A marca de sua obra, que o autor reconhece ser desigual, é a da ousadia, da transgressão dos cânones de seu tempo. Constrói um diálogo permanente com seus interlocutores e escritores preferidos. Em vários contos, novelas e romances sobressai a análise sobre o processo de criação artística, momentos em que se volta sobre si e para si, para os seus personagens, para a geração e o tempo que lhe cabe viver. (APPEL, in CARDOZO, 2001, p. 93)

Este mesmo crítico aponta também temas recorrentes na obra de Salim Miguel que serão igualmente identificados por outros críticos, como veremos a seguir. Tais temas são: o tempo, a memória, a infância, a morte, a questão da identidade e da errância.

Todas essas temáticas são perceptíveis em *A voz submersa*. A estrutura desconcertante do texto vai inserindo, pouco a pouco, o leitor na trama, fazendo-o, tal como a protagonista, buscar respostas às perguntas que insistem em não querer calar. Eis a síntese analítica de Appel, sobre esta obra:

A impressão de que algo escapa à compreensão do leitor no decorrer da leitura é usual e será sempre necessário rebuscar os muitos significados perdidos ou não detectados no meio do caminho. É o que acontece ao leitor durante a leitura de *A voz submersa*. Tanto nas novelas da última fase, como neste romance, o sentido não é dado de imediato, mesmo se calcado em cenas banais, como é o da mulher ao telefone (Dulce), ponto de partida do romance. É na intersecção das vozes que se alternam e se interrompem que vamos buscando o sentido dos gestos e ação dos personagens e construindo o fluxo da história. A realidade aparece sempre fragmentada; as vozes compõem um mosaico feito de frases interrompidas, incompletas, de que resultam múltiplas perspectivas, mudanças repentinas de enfoques, num jogo contínuo de revelação e ocultamento. Várias portas vão se abrindo no mundo desconexo das personagens e com elas vamos construindo o tecido e o sentido da realidade submersa. O complexo jogo do tempo, unindo, sobrepondo e mesclando passado e presente, é inerente ao modo de ver a realidade do nosso tempo. Sua prosa mimetiza o processo ambivalente da memória e da consciência na qual torna-se difícil distinguir o que é passado, presente ou futuro, realidade ou imaginação, criando uma simultaneidade de tempos cuja imagem de conjunto nos surpreende.

As técnicas do contraponto, do fluxo de consciência, da duplicidade de sentidos afloram a todo instante em *A voz submersa*, o que lhe confere à obra densidade humana, capaz de superar o que há de factual e contingente em qualquer período de arbítrio, em qualquer lugar do mundo. Daí a universalidade alcançada neste texto tão claramente demarcado em nossa história. (APPEL, in CARDOZO, 2001, p. 98)

Ainda sobre *A voz submersa*, Antonio Hohlfeldt, escritor e crítico, afirma que o romance evidencia uma outra característica de Salim, que é partir de uma situação histórica geral e coletiva para focalizar uma vida particular. Com isso, o escritor, não apenas polemiza questões que deixaram profundas marcas na História Brasileira, como mostra as individualidades inseridas em tais contextos. Neste romance, especificamente, Dulce, a protagonista, revela-se tão fragmentada, perdida, impedida de agir, quanto o próprio contexto de 1968, no Rio de Janeiro e em todo o país.

Tânia Regina Oliveira Ramos percebe, também, nesta narrativa, a ambigüidade temporal, outra característica marcante da produção de Salim Miguel, e reafirma a marca de partir do coletivo para o individual:

A matéria romanesca é a história contemporânea brasileira, personalizada em Dulce. Os encontros e desencontros, provocados pelo Golpe Militar de 1964, resultam um romance, estruturado por lembranças fragmentadas na sua estrutura, na sua linguagem, no seu tempo e nos seus personagens. O fluxo de consciência, que constrói o texto narrativo, permite que se decifre um mundo de sensações e imagens, que superam o acontecimento 64, os anos 70, os protestos, a morte no Calabouço, a multidão na Cinelândia... (RAMOS, in SOARES, 1991, p. 42)

Além de *A voz submersa*, outros romances foram alvo da crítica: *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta*; *Nur na escuridão* e, anterior aos três mencionados, *A rede*. Em todas as análises, questões como a memória, o tempo, a tomada de consciência, o indivíduo a partir da História, a fragmentação, estarão presentes e marcarão o estilo de escrita de Salim Miguel.

No caso específico de *Nur na escuridão*, surge, em maior evidência, o elo entre ficção e realidade, uma vez que todos os críticos percebem um forte tom autobiográfico nesta narrativa, e a tentativa, bem sucedida, de resgatar a história dos imigrantes sírio-libaneses no Brasil.

Sabemos que, de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, as experiências do escritor se refletem em seu texto. No romance *Nur*, no entanto, essas experiências se fazem mais evidentes, mais palpáveis, mais luminosas e, como acontece na outras produções de Salim Miguel, o leitor é convidado, talvez seja melhor dizer convocado, intimado, a partir dos acontecimentos, a refletir sobre os temas e tempos que se vão descortinando ao longo da diegese:

A produção de Salim Miguel não está limitada a um jogo de rememoração de suas tradições, sob a forma de fábulas, de lendas e de representações imaginárias. Tudo nele recebe e transmite de maneira crítica, exploradora, num discurso em que a intuição irá unir o autor ao leitor, fazendo com que o primeiro participe da problemática do segundo, debruçando-se sobre suas aspirações, sem, no entanto, perder sua personalidade, sua consciência histórica. (RICHE, in CARDOZO, 2001, pp. 107-108)

Em relação à escritora argentina Liliana Heker, muitas aproximações podem ser feitas com a produção de Salim Miguel. As críticas feitas à produção da escritora confirmam tal afirmação.

Da mesma forma que o escritor líbano-brasileiro, Liliana fará de suas experiências pessoais um trampolim para os universos ficcionais que constituiu e vem constituindo. É o que se percebe claramente em *El fin de la historia*: suas experiências com um tempo obscuro e cruel produzem esse relato descompassado, onde a memória, o tempo e sua ambigüidade, a infância, a questão da identidade e da errância se confundem e se complementam em uma trama que reflete vozes e significados submersos. Como afirma Mirta Corpa Vargas, “Uno de los rasgos más evidentes en la narrativa de la escritora Argentina Liliana Heker, es la articulación de personajes confinados al padecimiento de alteraciones mentales”¹¹.

A crítica, igualmente, vê em Diana, protagonista do romance, o reflexo de uma problemática constante dos tempos da ditadura na Argentina: manter-se fiel aos seus posicionamentos ideológicos. Em suas palavras: “Liliana Heker crea un personaje intelectual para exponer una problemática latente entre los intelectuales argentinos del momento: el ataque a las ideas y el complejo ideológico en pugna durante los años de la dictadura”¹².

Delia Beatriz González, da Universidade Nacional de San Juan, na Argentina, afirma que, nas obras de Liliana Heker, percebe-se sempre uma necessidade de enfrentamento e muito poucas de suas personagens escapam desse processo. Principalmente as mulheres de seus romances vivem o enfrentamento de forma mais aguda. Elas revelam essa busca feminina por um espaço no âmbito cultural, social e político de seu país.

Héctor Mario Cavallari confirma este ponto de vista ao afirmar que:

¹¹ O texto crítico pode ser lido na íntegra no site <http://tell.fl.purdue.edu/RLA-archive/1994/Spanish-html/Vargas>

¹² Idem.

Como ha hecho notar Jacqueline Cruz, las normas de autoridad que regulan la producción narrativa y la representación de la vida están codificadas dentro de un sistema androcéntrico, por lo cual a la mujer no le resulta tan fácil ni “la autoría de su destino” ni “la autoridad sobre la narración” que formula. Se plantea entonces la pregunta, ¿cómo transponer lo empírico de esta afirmación a lo formal del discurso, es decir al dominio de la enunciación? Un camino posible sería observar que la práctica de la mujer escritora (de “la mujer” como fenómeno histórico real y material) puede efectivamente captar la doble dificultad de la “autoría” y la “autoridad del orden simbólico” y transformarlas en contenido representable de una práctica de escritura (puesto que de escritoras estamos hablando)¹³.

É importante notar que, em romances da escritora Argentina, como *Zona de Clivaje* e *El fin de la historia*, as figuras femininas que querem, que precisam escrever são uma constante.

Essas individualidades buscam um lugar para sua escritura e, por que não dizer, buscam um lugar para si na escritura. Ou seja, querem escrever e, ao mesmo tempo, fazer parte dessa escrita, produzindo, assim, um discurso de construção de identidade que, tanto caracteriza Irene, protagonista de *Zona de Clivaje*, Diana, de *El fin de la historia*, ou a própria Liliana Heker.

Nas palavras de Cavallari:

Como mujer que escribe, Liliana Heker realiza el proyecto de “autovisualización” en el dominio histórico sociocultural de una práctica concreta de escritura. En ésta, las figuras auto-reflexivas de la mujer que se mira, se critica y se analiza cobran una forma compleja de duplicación y des/doblamiento textualizada en una estrategia narrativa que se localiza en la búsqueda de lenguaje. A lo largo de este proceso de búsqueda de su tiempo y de su espacio, el sujeto-mujer descubre lo que he llamado de inestable simulacro del sujeto¹⁴.

Com esta afirmação, Cavallari nos permite avaliar um outro ponto essencial da escrita de Liliana Heker: o papel da linguagem. Semelhante ao escritor Salim Miguel, Liliana reflete, na linguagem que utiliza em seus romances, um processo de fragmentação e busca de identidade, de ambigüidade temporal, em que as memórias e as vivências atuais se misturam para mostrar o retrato de uma sociedade oprimida por seu sistema político ditatorial.

¹³ O texto crítico pode ser lido na íntegra no site www.comermag.org/corner02/pag16.htm

¹⁴ Idem.

Da mesma forma que as personagens, durante o romance, gestam uma narrativa que, infelizmente, não surgirá, também buscam gestar-se a si mesmas, encontrar-se, construir-se e, na maioria das vezes, como na produção de suas narrativas, não obterão êxito.

Em meio a esse processo de busca, vale, ainda, situar o leitor. Este, como na escritura de Salim, é intimado a participar desse “resgate” da História de seu país, da história das personagens, da identidade destas e, em muitos casos, resgatar-se a si mesmo:

Finalmente, el lector que la contemporaneidad reclama debe arribar al territorio textual como un buscador de enigmas propiciatorios en donde restalle permanentemente su deseo activo de levantar todos los acertijos que las palabras han urdido. Si el lector no se implica activamente con ese paisaje altanero que es la literatura queda excluido de la maravilla errante de los otros mundos.¹⁵

Através deste breve apanhado sobre a crítica das obras de Salim Miguel e Liliana Heker, percebemos o quanto estes escritores vêm se destacando no cenário literário de seus países, bem como a qualidade de suas escrituras, que revelam, desnudam, questionam os conflitos das sociedades em que se inserem e nas quais atuam intensamente.

3.4 Da vivência à escritura: histórias submersas

Deixando a condição que temporariamente assumiram neste trabalho, de personagens, quer da ficção, quer da crítica, Liliana e Salim voltam a ocupar seu lugar na vida real e retomam sua condição de escritores. Ambos, buscando retratar um momento bastante conflitante na história contemporânea do Brasil e da Argentina, pelo qual passaram, escrevem os romances *A voz submersa* (Salim Miguel) e *El fin de la historia* (Liliana Heker). Esses

¹⁵ Idem.



DIÁRIO CATARINENSE

ANO 20 - Nº 7183

SANTA CATARINA, QUINTA-FEIRA, 15 DE DEZEMBRO DE 2005 - www.dc.clicrbs.com.br

2ª EDIÇÃO R\$ 1,50

A concorrência entre os amigos nos exames



Vestibular

Tiago e Rodrigo

Salim Miguel e o jogo de Sezefredo das Neves



Variedades

Domingos Meirelles lança livro sobre a Revolução de 1930



Getúlio Vargas

BC reduz a taxa de juros para 18%

O Comitê de Política Monetária do Banco Central manteve o conservadorismo e reduziu a taxa Selic em 0,5 ponto percentual, para 18% ao ano, apesar do desempenho negativo da economia brasileira no terceiro trimestre deste ano.

A decisão, entretanto, não foi unânime. Dos oito membros do Copom, seis votaram por uma redução de 0,5 ponto percentual e dois pelo corte de 0,75 ponto. Esta é a quarta redução consecutiva da taxa básica. **Página 20**

PRESIDÊNCIA

Ibope revela novo quadro para a eleição

Aprovação ao governo Lula cai e pesquisa mostra José Serra como líder. **Página 12**

ORÇAMENTO APROVADO

Estado fica com R\$ 8,6 bi para 2006

Assembléia aprovou, ontem, o Orçamento do governo do Estado de 2006. **Página 6**

CUSTO DE R\$ 75 MILHÕES

Congresso terá convocação extraordinária

O presidente da Câmara, Aldo Rebelo, confirma, mas não revela datas. **Página 14**

MAIS UM TRANSTORNO NA BR-101 SUL



MARCELO BECKER, ESPECIAL

Colisão entre caminhão e automóvel, em Laguna, provocou a interdição da rodovia durante cerca de quatro horas, ontem à tarde. **Página 42**

NATAL E ANO-NOVO

Pesquisa mede níveis de estresse

Páginas 4 e 5

MUNDIAL DE CLUBES NO JAPÃO

Adversário do SP na final sai hoje

Esportes



GRANDE FLORIANÓPOLIS

Presença quadrilha que lesava lojas

Página 51



TEM TOP NA PÁG. 25



Olá, visitante da VII Bienal Internacional do Livro do Ceará!

Conheça a Programação deliciosa do **Café Literário Sesc • Senac**. São mais de 30 eventos e uma cafeteria que terá 10 dias, mas tem história para mais de mil e uma noites.

Programação

A Programação do Sarau Literário estará homenageando as poetisas: Cora Coralina, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Beatriz Alcântara, Ana Cristina César, Nilze Costa e Silva, Cecília Meireles, Marli Vasconcelos, Adélia Prado, Ieda Estergilda, Hilda Hilst e Regine Limaverde.

CAFÉ LITERÁRIO SESC • SENAC

19/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Recital Litero Musical com o Grupo Estrela de Belem

15h - Isabel Lustosa

Bate-papo e lançamento de livro

16h - Jaime Pinsky - O Brasil tem Futuro?

Bate-papo e lançamento de livro

18h30 - Rildo Cosson UFRS - Letramento Literário

Bate-papo e lançamento de livro

20h - Joyce Cavalcante

Bate-papo e lançamento do livro Longos trechos de dias líquidos

20/ago

10h - Lançamento: "A Procura da Esperança" da autora Paula Edmeia de Neiva Costa

11h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Participação do Duo Formosura

16h - Fabricio Carpinejar

Bate-papo com Thereza Leite e lançamento de livro

18h30 - Ana Maria Machado

Bate-papo com Solange Kate sobre sua obra para adultos

21/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Participação do Duo Formosura

16h - Lançamento de livro do Projeto Criação Literária do Trabalho Social com Idosos SESC

18h30 - Segunda Expressa: Ana Miranda

Bate-papo com membros do Instituto Travessias, ONG para a educação e cultura

22/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Participação do Duo Formosura

16h - Mona Anis

Bate-Papo com Eleuda de Carvalho e Paul Achcar sobre jornalismo cultural

18h30 - Performance do poeta Mano Melo

23/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Participação do Duo Formosura.

16h - Ricardo Kelmer

Bate-papo e lançamento de livro

18h30 - Salim Miguel

Bate-papo e lançamento de livro

24/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Participação do Duo Formosura

16h - Performance de Ray Lima Circo Zumbi

18h30 - Walcy Carrasco

Bate-papo com Fernanda Quinderé e lançamento de livro

25/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Participação do Duo Formosura

16h - Gustavo López Argentina

Bate-papo com Júlio Lira e Roberto Barros e lançamento de livro

18h30 - Assis Almeida

Bate-papo e lançamento de livro

20h - Coquetel de lançamento da Editora Senac Ceará

26/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Contos e Cantigas do Reisado Cordão do Carotá

15h - Ronaldo Correia de Brito

Bate-papo e lançamento de "O livro dos homens"

16h - César Obeid Recital de Poesia

18h30 - Lançamento do Premio SESC de Literatura 2006 e do Livro Atividades Psicomotoras Aquáticas no Desenvolvimento da Pessoa com Surdocegueira das autoras Isabeli Sales Matos e Lara Lacerda Vidal Vital

27/ago

10h - Sarau Literário: Poemas com Sabor de Café

Kennedy Saldanha com Pequenos Poemas de Amor e Outras Canções

15h - Lançamento do Projeto Caixeiro Viajante da Leitura

50 anos da Livraria Feira do Livro. Com a participação de Almir Correia e Mileide Flores

ESPECIAL

23/ago - Projeto SONORA BRASIL do SESC

Apresenta Grupo BANZA

Local: Auditório Principal do Centro de Convenções - 18hs

Na Cafeteira

Bebidas

- Café expresso R\$ 1,00
- Café com leite ou Capuccino R\$ 2,00
- Chocolate quente ou frio R\$ 2,00
- Refrigerante em lata R\$ 1,50
- Água com gás ou sem gás (330ml) R\$ 1,00

Doces e Salgados R\$ 2,00

- Tortas:
 - Overdose de chocolate, morango e creme. Tropical com côco;
 - Doce leite com castanha
- Mousse de limão ou chocolate
- Folhado misto ou tomate seco com ricota e manjerição
- Calzone de calabreza acebolada ou quatro queijos
- Empada aberta de frango
- Biscoitos doces ou salgados
 - côco, amanteigado, casadinho mesclado • queijo, orégano, castanha

Bolo de laranja tradicional ou Pão de queijo R\$ 1,00

Sanduíches Especiais R\$ 3,00

ORIENTAL

- Bagdá Pão árabe, deliciosa recheio de roast-beef, salada e molho especial a base de mostarda e finas ervas
- Aladim Pão árabe com finas laminas de lombinho de porco, mozzarella, salada e molho especial

OCIDENTAL

- Sanduiche Natural Pão de forma integral, peito de peru defumado, ricota e sua salada
- Hamburguer de Carne de Sol Nosso hamburguer regional com alface, tomate, queijo coalho, mostarda especial

Escrita de Salim Miguel: 40 anos

FLORIANÓPOLIS — Amanhã será aberta no hall da Biblioteca Pública do Estado uma exposição que assinala 40 anos de estréia literária do escritor Salim Miguel.

Além de expor sua obra, a mostra também abrange variadas atividades culturais executadas ao longo de todos esses anos.

Sendo um dos renovadores do conto no Brasil, nos seus livros, a cada passo, a busca de uma nova expressão, o questionamento das velhas fórmulas foram preocupações que o fizeram parceiro de nomes ilustres como Murilo Rubião, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Autran Dourado e outros.

Também no jornalismo e em outras ações voltadas para difusão de nossos valores, Salim Miguel tem dado prova de muito dinamismo e grande coerência nas idéias.

A exposição pode ser vista até o dia 20 de novembro, de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas; aos sábados e aos domingos, das 8 às 12 horas. A Biblioteca Pública do Estado fica na rua Tenente Silveira, 69 centro de Florianópolis.

O JORNAL LITERÁRIO

Valdemar CAVALCANTE

NOVA ANTOLOGIA: PAISAGENS, TIPOS E CENAS DO PARANÁ E SANTA CATARINA

TEMOS à mão o sétimo volume da série de antologias organizada pelo escritor Ernani Silva Bruno, sob o título geral de "Histórias e Paisagens do Brasil", e editada pela Cultrix, de São Paulo, dentro de um plano apreciável de difusão cultural. Esse volume, "Pinheirais e Marinhas", é todo ele constituído de páginas de impressões de via-

jantes estrangeiros que andaram pelas terras do Paraná e Santa Catarina, bem como de excertos de ensaios e de romances e contos inteiros de autores nacionais, tudo selecionado dentro de um critério rigoroso, do ponto de vista da documentação. De estrangeiros os trechos escolhidos foram de Saint-Hilaire, James C. Fletcher e Roberto Avé-Lallemant, tendo sido registrada convenientemente, desta vez, a autoria das traduções: respectivamente, David A. da Silva Carneiro, Elias Dolianiti e Teodoro Cabral. Os escritores paranaenses e catarinenses cujos trabalhos foram recrutados foram os seguintes: Visconde de

SALIM MIGUEL Taunay, Virgílio Várzea, Júlio Pernetta, Nestor Victor Jaime Ballão Júnior, Tito Carvalho, Mário Neme (este paulista), Coelho Júnior, Aluisio Ferreira de Abreu, Guido Wilmar Sassi, Salim Miguel, José Cruz Medeiros e Othon d'Eça. Como em todos os volumes da coleção, Ernani da Silva Bruno assina um estudo introdutório, de caracterização sócio-econômica da região.

Cenas e descrições também como nos demais volumes da coleção.

SALIM MIGUEL

Nascido no Líbano, em 1924, passou a infância e mocidade em Biguaçu (SC). Desde 1943 residindo em Florianópolis, em 1946, com mais alguns jovens catarinenses, criou o Grupo Sul, que trouxe para a região os ideais estéticos do Modernismo.

Tem-se dedicado a uma intensa atividade cultural, incluindo cinema. Com a esposa, Eglê Malheiros, escreveu o argumento de "O Preço da Ilusão".

Obra: Velhice e Outros Contos

Alguma Gente (contos)

Rede (romance)

O Primeiro Gosto (contos)

A Morte do Tenente e Outras Mortas (contos)

Crítica – Segundo Hélio Pólvora os contos de Salim Miguel apresentam um "jeito de se aproximar da vida que acontece, surpreendendo-a. O contista assemelha-se ao repórter sensível que nota, registra. (. . .) O cotidiano é a fonte que alimenta o seu conto."

Escritores e Livros

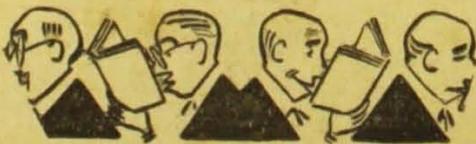


CONTISTAS EM CONGRESSO

NELSON Coelho passou o fim de semana no Rio e nos falou rapidamente sobre o I Congresso Brasileiro de Contistas, que se reunirá em São Paulo entre 8 e 10 de novembro próximo, com a participação dos expoentes do conto brasileiro, assim como críticos, ensaístas exegetas do conto e elementos da nova geração. "A muitos ainda parece estranho e causa espécie, um Congresso de Contistas. Parece um requinte literário" — declarou-nos o principal patrocinador do certame. "Mas temos a certeza de que ele não só será um sucesso como movimento literário como também irá diminuir, senão acabar de vez, com o preconceito que em nosso país ainda se alimenta contra o conto: um exercício literário para o romance. Esse preconceito precisa acabar. Os gêneros literários o são horizontalmente. Mas pelo temário-prova que organizamos para ser a base do Congresso — poderão ver o que se pode fazer pelo gênero hoje em dia mais cultivado entre nós."

Nelson Coelho acrescentou:

— Como já tem sido bastante divulgado, é integral o apelo que o Congresso já recebeu e vem recebendo. Contamos com representantes por todo o Brasil: Pernambuco: Osman Lins, Edilberto Coutinho, Benito Araujo; Bahia: Vasconcelos Maia; Minas Gerais: Lúcia Machado de Almeida, Ildeu Brandão; Santa Catarina: Salim Miguel, Guido Wilmar Sassi; Rio Grande do Sul: Paulo Hecker Filho. E no Rio e em São Paulo: todos os contistas, mestres e novos. O Congresso expedirá convites a estes elementos, que serão, é evidente, o forte do certame. Mas já decidimos, além disso, abrir inscrições livres. Todos os que tiverem alguma coisa a ver com o conto poderão participar e apresentar teses.



HISTÓRIA DE UMA CIDADE

◆ Antônio Gama Rodrigues, afastando-se das atividades que absorveram a maior parte de sua existência — a medicina e a política — dedicou os seus últimos anos de vida à literatura e à história. Daí as diversas obras que deixou inéditas e que vão agora ser publicadas, graças aos esforços do escritor Alves Mota Sobrinho, com a colaboração dos amigos e admiradores do autor.

A primeira, que acaba de ser lançada, intitula-se "Gens Lorenensis". É uma história da tradicional cidade de Lorena, às margens do Paraíba, no chamado "norte" de São Paulo. Antônio Gama Rodrigues descreve-nos a evolução da pequena urbe, desde o tempo em que ela era apenas o "sertão de Guaypacaré" — ponto de entrada dos bandeirantes na capitania de Minas — até os dias atuais, ressaltando o seu esplendor durante o Império, quando o vale do Paraíba era o paraíso do café e sede de importante nobreza rural da monarquia.

Gama Rodrigues termina o seu trabalho, assinalando que a velha cidade, cuja história ele descreve com tanto amor, já não responde hoje aos apelos da tradição.

CINCO NOTÍCIAS

1 — Estêve em Maceló e em Recife, pronunciando conferências literárias, o escritor Alceu Amoroso Lima.

2 — A Biblioteca Nacional, pelos seus peritos, avallou em alguns milhões de cruzeiros a Livraria do grande latinista mineiro Alduíno Bolívar, falecido há cerca de três anos. Só o volume "Basto", de Sannazaro, raridade bibliográfica do século XV, e que se encontra na referida livraria vale cem mil cruzeiros.

3 — Estiveram expostos na sala "General Rondón", da Biblioteca do Exército, preciosos exemplares de livros raros da coleção particular do general Mendes de Moraes: mais de sessenta volumes, entre os quais se destacavam um Erasmo, "Adágio", edição de 1550; uma "Bíblia", edição de 1498; e um "Lusiadas", de 1643.

4 — As últimas estatísticas informam terem sido as últimas importações de livros no Brasil quatro vezes maior do que no período de 1937-1939.

5 — O Museu de Arte Moderna de São Paulo vai editar um mensário de arte e literatura que será dirigido pelo escritor Sérgio Milliet.

FLAGRANTES ESTRANGEIROS

◆ Dois escritores de renome faleceram ultimamente na França: Louis Madelin e Henri Calet. O primeiro, que pertencia à Academia Francesa, era um grande historiador, tendo-se especializado no estudo do período napoleônico. Sobre essa época de tanta importância na história da França, publicou ele vários livros, estudando os fatos à luz de documentos novos. Ainda no começo deste ano recebera o Grande Prêmio Literário da Cidade de Paris, pelo conjunto de sua obra.

Henri Calet deixa vários romances, entre os quais "La Belle Lurette", publicado em 1935 e escrito durante uma viagem aos Açores, e "Le Bouquet", no qual evoca os seus sofrimentos como prisioneiro de guerra dos alemães, livro trágico e amargo, moldado num estilo vivo, de excelente qualidade artística.

◆ Faz precisamente três anos que faleceu o conhecido escritor americano Robert E. Sherwood, famoso pela sua elevada estatura, que se tornou tão legendária quanto sua prodigiosa facilidade de escrever. Porque, como se sabe, compôs ele o romance "A Floresta petrificada", apenas em três dias.

A um autor estreante, que lhe perguntou qual era a maior dificuldade que tinha de vencer quando se punha a escrever, respondeu Roberto Sherwood: — Conseguir colocar as minhas pernas sobre a mesa...

ESCRITORES MODERNOS BRASILEIROS

A diversidade dos idiomas é um óbice que se opõe poderosamente às relações dos homens e que estes só precariamente, em muitos casos, conseguem suprir.

Quando os idiomas se encontram, sente-se desaparecer essa muralha e proclama-se a facilidade do entendimento. É o que acontece, por exemplo, entre Portugal e Brasil — dois povos com a mesma língua, a cuja «vizinhança» não preocupa o Oceano que os separa. Une-os a linguagem, e tanto basta. Mas, essa união, é necessário que se torne uma força existente, viva, dinâmica, geral; isto é: que não fique circunscrita aos âmbitos oficiais, oficiosos, ou mais ou menos oficializados. Estes são, quando muito, forças propiciantes, capazes de abrir rumos ao verdadeiro, ao geral entendimento. E o entendimento só é verdadeiro e geral a partir daquele momento em que dele participa o homem geral, o verdadeiro conteúdo de um povo.

Necessariamente, um dos índices desse conteúdo é o literário; em todos os tempos da história da humanidade — nos bons, como nos maus — a literatura foi, sempre, o grande reservatório histórico. E é nesta ordem de ideias que hoje damos a conhecer ao público português dois escritores da moderna geração brasileira: Eglê Malheiros, com o poema «Confissão», nesta página, e Salim Miguel, com um excerto do conto «Meu Tio», noutra local.

CONFISSÃO

*Eu sinto a boca amarga
e as palavras de ternura
Saem torturadas*

*Não é minha culpa,
O coração
Não pode expressar
Carinhos.*

*Medo
Quase animal
Pelos homens e pelo mundo,
Mas além existe beleza
E havemos de construir a paz.*

Eglê Malheiros

Honorário

A Assembléia Legislativa realiza sessão solene às 19 horas de hoje para a entrega do título de Cidadão Honorário Catarinense aos escritor Salim Miguel, libanês de nascimento mas criado desde os dois anos de idade em Biguaçu, na Grande Florianópolis.

03. Qual a relação incorreta:

- a) Holdemar Menezes - A sonda uretral.
- b) Emanuel Medeiros Vieira - A expiação de Jeruza.
- c) Silveira Júnior - Memórias de um menino pobre.
- d) Salim Miguel - Piã.
- e) Guido Wilmar Sassi - São Miguel.

LITERATURA

PARA PROVOCAR DISCUSSÕES

Para contestar aqueles que dizem não existir uma literatura de Santa Catarina, Janete Gaspar Machado apresenta em *A Literatura em Santa Catarina* (Editora Mercado Aberto, 111 páginas), logo às primeiras páginas, uma relação de 42 prosadores e 47 poetas, acompanhada de algumas das obras que os projetaram no cenário nacional ao registrarem um "patrimônio cultural variado, específico do Estado".

Seu trabalho é polêmico, pois se utilizado sobre a obra de Clarice Lispector, por exemplo, poderia resultar numa classificação inadequada. Afinal, a maior escritora brasileira do século XX nasceu na Ucrânia. Doris Lessing tampouco seria escritora inglesa. Isaak Dinesen (pseudônimo de Karen Blixen, autora do livro que resultou no filme *Out Of Africa*, entre nós recentemente em cartaz sob o título de *Entre Dois Amores*) não seria uma escritora dinamarquesa, mas africana.

Argumentos a favor de sua tese a autora os tem e apresenta alguns deles ao correr deste livro de tão agradável leitura, que informa, com segurança, o que se passou e o que se passa com a literatura em Santa Catarina. Uma resenha não é o lugar mais adequado para discutir, em razão do espaço reduzido, o que a autora fez num livro, resultado de uma pesquisa muito séria e bem ordenada. Muitos outros ensaístas adotaram o mesmo critério que Janete Machado utilizou, vinculando o escritor à terra em que nasceu ou viveu. No caso dos escritores ditos catarinenses, há alguns que são tomados como catarinenses porque nasceram no Estado; e outros, oriundos de várias regiões do Brasil e do Exterior, porque vivem no Estado, Salim Miguel, por exemplo, o melhor habitante de Florianópolis e um escritor brasileiro cuja obra é bem divulgada e já teve seu mérito reconhecido, nasceu no Líbano. Holdemar Menezes, senhor de uma das melhores prosas do Estado, veio do Ceará. Vários outros escritores nasceram em SC mas deixaram o Estado ainda quando crianças e vivem fora dele até então, como é o caso de Edla Van Steen.

Mas, há um ponto que este trabalho de Janete Gaspar Machado

poderia ter desenvolvido mais. A autora já demonstrou que tem competência para tratar do assunto. Um outro livro seu, *O Romance dos Anos 70*, é um dos poucos trabalhos que tratam da literatura contemporânea, ousando interpretação de obras como as de Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão e Ivan Angelo. Este ponto consistiria numa ampliação de seu estudo, vinculando o êxodo dos escritores a outras saídas. Alguns exemplos podem ser dados. Começemos por dom Paulo Evaristo Arns, catarinense de nascimento e alta figura da hierarquia católica, na condição de arcebispo da maior metrópole brasileira e uma das maiores do mundo. Por que ele é arcebispo de São Paulo e não de Florianópolis? O jogador Falcão também é catarinense, mas se não viesse para o Rio Grande do Sul, facilmente chegaria à seleção brasileira de futebol e nem poderia ter sido o "Rei de Roma". Vera Fischer, antes de ser Miss Brasil, foi, como é óbvio, Miss Santa Catarina. Por que não está lá?

Ocorre que Santa Catarina só muito recentemente vem se integrando ao chamado circuito cultural brasileiro. Quando, fora de lá, se fala numa literatura catarinense, dos 47 poetas arrolados por Janete, são lembrados Cruz e Sousa, Luís Delfino, Lindolf Bell, Alcides Buss e poucos mais. Na prosa não acontece outra coisa. Por quê? Porque a grande maioria dos autores inventariados por Janete publica sua obra em editoras muito pequenas, à margem dos centros de difusão que tornam o produto cultural um bem acessível nos mercados e circuitos existentes, (precários, como se sabe).

A medida que Santa Catarina vai rompendo este isolamento, acentuado pelo fato de o Brasil, na prática, não ser uma Federação, não somente escritores, mas muitas outras figuras de relevo deverão de ganhar uma dimensão nacional. Mas, *A Literatura em Santa Catarina* haverá de deflagar outras discussões, ensejando aprofundamentos, cumprindo a autora, assim, uma missão indispensável: fazer com que patrimônios culturais específicos sejam reconhecidos e aproveitados. **Deonísio da Silva**

LIVROS



Aviso aos escritores mineiros

Está sendo organizada, sob a coordenação geral de Antônio Houais, a Enciclopédia Delta Larrousse, que pretende dar uma visão ampla de tudo que se faz no Brasil, inclusive nas letras e nas artes. Verbetes relativos a numerosos escritores mineiros já estão prontos mas ainda não foram obtidos os informes relativos a diversos outros. É necessário saber local e data de nascimento (se possível), curso feitos e respectivos estabelecimentos de ensino, atividades profissionais, atividades na imprensa, prêmios ganhos, entidades culturais a que pertencem, livros publicados com o ano das primeiras edições relativos aos seguintes escritores mineiros:

Agripa de Vasconcellos, Wellington Brandão, Godofredo Rangel (data e local de nascimento e morte), Avelino Fóscolo (idem), Mário Matos (idem), Abgar Renault, Martins de Oliveira, Augusto de Lima Júnior, Heli Menegale, Aires da Mata Machado Filho, Nilo Aparecida Pinto, João Camilo de Oliveira Torres, Euryaldo Canabrava, A. Versiani Veloso, João Etiene Filho, Vivaldi Moreira, J. Guimarães Menegale, Otávio Melo Alvarenga, Milton Pedrosa, Ivan de Vasconcellos, Lúcia Machado de Almeida, Caio de Freitas, João Dornas Filho, Wilton Cardoso, Wilson Castelo Branco, Wilson de Figueiredo, Edison Moreira, Fábio Lucas, Fritz Teixeira de Sales, Laís Corrêa de Araújo, Décio Vieira Otôni, Celso Brant, Ruy Mourão, Wander Pirolli, Nelson de Sena, Emil Farhat, Hélio Pelegrino, Edmur Fonseca, General José Vieira Couto de Magalhães (data e local de nascimento e morte), Felisberto Caldeira Brant Pontes (local de nascimento e morte, datas), Afonso Avila, Ivan Angelo, Waldemar Versiani dos Anjos, Murilo Rubião, Afonso Romano de Santana, Pierre Santos, Maria Luiza Ramos, Zilah Corrêa de Araújo, Oranice Franco, Carlos Pinheiro Chagas, Pedro Lessa, Henry Corrêa de Araújo, José Márcio Penido, José Afrânio Moreira Duarte, Bueno de Rivera.

As pessoas ou entidades culturais interessadas devem mandar os dados solicitados, com a máxima urgência possível, para Salim Miguel, Rua Paissandu, 293 — apto. 301 — Flamengo — Rio de Janeiro — Guanabara.

China versus Rússia

"Depois de Kruschev" é uma obra de Giuseppe Boffa, em tradução de Célia Neves, numa edição da Civilização Brasileira, em sua coleção Documentos da História Contemporânea, volume 31. Essa obra do estudioso italiano Boffa estuda as origens do perigoso conflito entre a China de Mao Tsé Tung e a União Soviética, conflito esse que interessa muito de perto a toda a humanidade e constitui um dos principais motivos da preocupação hodierna, ao lado, naturalmente, do conflito ideológico entre o Oriente e o Ocidente, em sua mais ampla escala. O livro em apreço aborda alguns dos grandes mistérios políticos da Rússia da era kruscheviana. Profundo conhecedor da realidade soviética, o autor, historiador e jornalista italiano, viveu na URSS durante mais de 6 anos e nessa obra nos faz uma análise objetiva das realidades soviéticas que dizem respeito a todo mundo moderno. Desenho da capa de Marius Lauritzen Bern.

Estudos universitários
pernambucanos

Recebemos a revista "Estudos Universitários", da Universidade Federal de Pernambuco (abril-junho-1966, n. 2), uma revista cultural de alto gabarito, dirigida pelo Reitor Murilo Guimarães, sendo Diretoria, Assistente e Secretário, respectivamente, Newton Supcira e César Leal. Contém este número notáveis estudos e ensaios, assinados por Gilberto Freyre, Maria do Carmo Tavares de Miranda, César Leal, Nilo Pereira, Ariano Suassuna, Joel Pontes, Vamireh Chacon, Carlos Frederico Maciel, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Pessoa de Moraes, Gláucio Velga, Leônidas Câmara e Lourival Vilanova. Uma revista que vale a pena ser lida pelos estudiosos de literatura, sociologia e história.

Carlos Estêvão no "Pilão"

Rone Fortes, proprietário do hotel e galeria de arte "Pilão", de Ouro Preto, anunciando para breve, ali, uma exposição de caricatura do famoso Carlos Estêvão. O acontecimento deverá ser em julho, durante o Festival de Inverno de Ouro Preto.

Poetas mineiros

SEBASTIAO NORONHA, colaborador desta coluna, de quem já publicamos a biografia, dá-nos hoje o sonetinho abaixo:

VERSOS

Sério, gracioso, atrevido
— Cada verso tem seu jeito.
Desalinhado ou bem feito,
Pode ter alma e sentido.

Medido ou descomedido,
Pode ser bem visto e aceito.
Feito com regra e preceito.
Seja um gracejo ou gemido.

Não queiras, porém, somente
O verso forma e aparência,
Para vê-lo diferente...

Queres ser sincero? Então,
É fazê-lo com a cadência
Apenas do coração.

Édison MOREIRA

ASSIM ESCREVEM ALGUNS CATARINENSES

ASSIM ESCREVEM OS CATARINENSES,
antologia organizada por
Emanuel Medeiros Vieira.
Editora Alfa-Ômega, 1976,
São Paulo. 192 pp., Cr\$ 35,00.

MARIA DA GLÓRIA BORDINI



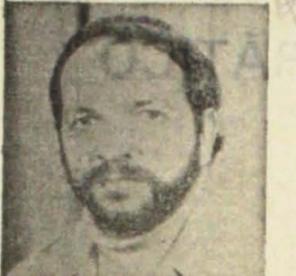
José Cardozo



Salim Miguel



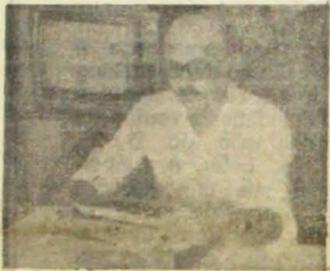
Harry Laus



R. L. Hoffmann



E. M. Vieira



A. Boos Jr.



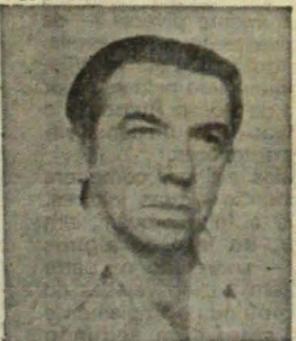
Fco. Hamms



J. P. S. Sousa



H. Menezes



Guido W. Sassi



Iapuan Soares



Osmar Pisani

Uma antologia deveria ser lida em dois sentidos: o horizontal, percorrendo os textos selecionados, que dá a dimensão histórica do conjunto, e o vertical, valorizando cada texto em si, para chegar-se a uma visão crítica desse conjunto.

Embora a rigor os catarinenses não escrevam somente como a antologia da Alfa-Ômega faz crer (escrita supõe todos os gêneros, o romance, a novela, o teatro, o ensaio, a poesia, para não falar dos trabalhos científicos e de divulgação), o esforço de Emanuel Medeiros Vieira em traçar um painel do conto atual em seu Estado merece detida atenção.

O propósito e critérios da seleção, expressos na nota introdutória, são de raro bom senso nos dias que correm. Diante dos desencontrados ismos que colonializam a crítica brasileira, e diante de uma matéria contística de nível irregular, a ser reduzida a 22 escolhas, incluindo oito Autores não publicados em forma de livro, Emanuel Medeiros Vieira tomou o caminho mais sábio.

Levando em conta que a literatura interpreta a sociedade e também a contém (para parafrasear um postulado famoso do lingüista Benveniste), Emanuel optou não pelos textos mais bem trabalhados, formalmente bem realizados, mas pelos menos alienados, impondo a iluminação do humano, e do humano in contexto, como critério soberano de sua tarefa de organizador.

O resultado é proveitoso para a história do conto brasileiro (que infelizmente ainda se debate na fase de levantamento de material)

porque estabelece a feição de um setor específico de nossa literatura, e, por extensão, de nossa cultura: o de Santa Catarina.

Nessa feição um traço resalta com forte predominância: o ilhamento, característico dos sistemas culturais fechados. Ao contrário do que acontece nas grandes concentrações urbanas, onde a produção cultural se intensifica, organiza-se e prolifera porque uma demanda crescente é gerada pelo simples ruído — nos jornais, revistas, TVs, universidades, congressos etc. — da movimentação intelectual, em sistemas culturais sufocados por condições socioeconômicas adversas, as redes de comunicação de massa — fruto teórico de uma sociedade de consumo economicamente sólida — não se interessam pelas tentativas isoladas da camada pensante, que permanece à margem, produzindo pouco, ignorada pelo público e assim privada do crivo da história, que afinal é o que lhe apuraria o nível artístico.

Em vista disso, é de se pensar: é válida uma antologia de contistas catarinenses (ou goianos, ou do Sergipe ou Pará)? E ainda mais: é válido o critério de seleção voltado para o social (ético) e não para o estético, que presumivelmente lhe garantiria senão influência, uma certa sobrevivência? Mesmo que os textos escolhidos sejam obras-primas no seu gênero, isso romperá as barreiras econômico-sociais que impedem o amadurecimento da produção em zonas de depauperação cultural?

De uma perspectiva ética, as respostas deveriam ser afir-

mativas. A ampla divulgação de qualquer produto cultural gradativamente alicerça e erige o edifício social, ampliando-o e modificando-o segundo as injunções históricas. Portanto, parabéns a Emanuel Medeiros Vieira e à Alfa-Ômega: há mais uma pedra no caminho de nossa estagnação cultural.

A qualidade da pedra, porém, exige uma ressalva. Um livro destinado também à leitura acadêmica deveria ser modelar. E a arte, a essa altura, é fundamental. O organizador não esconde sua desconfiança em relação ao artístico. No entanto, se tomássemos apenas o valor intrínseco de cada texto como ponto de referência, o número de escolhas sofreria pesadas baixas, mas o propósito da antologia não seria em nada prejudicado.

Confira o leitor mesmo: O Guarda-Noturno, Promessas, Zélica Tavares, cuja filha, meu Deus, que malvadeza, Acertando os Ponteiros, A Música das Esferas, Noite, Minha Gente, Sertão. Ai estão narrativas de lei, bem arquitetadas, com discursos individualizados, privilegiando antes seus mundos de invenção do que suas teses. E apesar (ou por causa) disso, são as que melhor denunciam, com amargura, humor ou violência, metafórica, límpida ou abertamente, a injustiça, a espoliação, a fabricação da miséria e do fracasso, o esmagamento da liberdade, a crueldade física e moral — a nossa realidade servilizada, o homem-coisa, o homem-alimento do Sistema.

Maria da Glória Bordini
lecionou Teoria e Crítica
Literária na UFRGS.

FORENSE informa

LEGISLAÇÃO PENAL MILITAR

Organização e Notas
Nilson Vital Naves



O Promotor Público de SP, Nilson Vital Naves, organizou este livro sobre **Legislação Penal Militar**, abrangendo os seguintes tópicos: **Código Penal Militar** (exposição de motivos, Decreto-Lei n° 1.001, de 21-10-1969, índice alfabético e remissivo); **Código de Processo Penal Militar** (exposição de motivos, Decreto-Lei n° 1.002, de 21-10-1969, índice alfabético e remissivo); **Lei de Organização Judiciária Militar** (exposição de motivos, Decreto-Lei n° 1.003, de 21-10-1969, índice alfabético e remissivo); **Segurança Nacional** (Decreto-Lei n° 898, de 29-9-1969, Decreto-Lei n° 975, de 20-10-1969, Lei n° 5.786, de 27-6-1972); **Legislação Complementar**, enfocando o Abuso de Autoridade (Lei n° 4.898, de 9-12-1965 e Lei n° 5.249, de 9-2-1967), Acidente de Trânsito (Lei n° 6.174, de 9-12-1974), Advogado (Lei n° 4.215, de 27-4-1963), Assistência Judiciária (Lei n° 1.060, de 5-2-1950), Auditor — Convocação de Substituto (Decreto-Lei n° 1.144, de 31-12-1970), Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (Lei n° 4.319, de 16-3-1964), Conselho de Disciplina (Decreto n° 71.500, de 5-12-1972), Conselho de Justiça (Lei n° 5.936, de 5-12-1972), Ministério Público Militar (Lei n° 1.341, de 30-1-1951, Decreto-Lei n° 267, de 29-2-1957, Lei n° 5.974, de 11-12-1973), Polícia Militar e Corpo de Bombeiros (Decreto-Lei n° 667, de 2-7-1969), Regulamento Disciplinar (Marinha — Decreto n° 38.010, de 5-10-1965, Exército — Decreto n° 8.836, de 23-2-1942, Aeronáutica — Decreto n° 76.322, de 22-9-1975).

962 páginas — Volume encadernado: Cr\$ 135,00

REGISTRO DE IMÓVEIS

1ª Edição
Afranjo de Carvalho

Comentários ao sistema do registro em face da Lei n° 6.015, de 1973, com as alterações da Lei n° 6.216, de 1975.
A nova Lei de Registros Públicos trouxe profundas modificações à execução do Registro de Imóveis. Nesta obra o Autor interpreta a parte que diz respeito ao Registro de Imóveis, com a autoridade de longa experiência de advogado, professor e projetista, à luz de princípios, tais como o de inscrição, de presunção e fé pública, prioridade e outros, por entender que estes permitem, por si sós, preencher os claros legais. Os comentários abordam a problemática em torno do Registro de Imóveis, dentro de uma perspectiva histórica e doutrinária. A medida que a exposição flui, a jurisprudência é invocada em abono das soluções. A riqueza do conteúdo coloca o livro dentre os mais elucidativos de quantos já foram publicados sobre o assunto, revelando-se instrumento imprescindível aos que trabalham diretamente no Registro de Imóveis, aos juizes, advogados, corretores, estudantes e ao público em geral, pelas informações e exemplos que nele estão registrados.
574 páginas — Brochurado: Cr\$ 180,00
Encadernado: Cr\$ 170,00



FAÇA SEU PEDIDO NA LIVRARIA DE SUA PREFERÊNCIA OU NA
LIVRARIA FORENSE

RIO: Avenida Erasmo Braga, 299. Tel. 222-2786. R.J.
SÃO PAULO: Largo de São Francisco, 20. Tel. 34-8490. SP
Ou pelo REEMBOLSO POSTAL, SEM TAXAS — Acima de Cr\$ 50,00 —
para a CAIXA POSTAL, 268. RIO

(P)